REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL • ANO I • NÚMERO 2 MAIO 1966 • Cr$ 700

ROBERTO CARLOS: A REBELIÃO DA JUVENTUDE

CONTRÔLE DA NATALIDADE: TUDO SÔBRE A PÍLULA

UMA HISTÓRIA INÉDITA DE JORGE AMADO

OS RUSSOS JÁ SABEM COMO VIVER NA LUA

CONHAQUE

ILE-DE-FRANCE

EXTRA VELHO

DESTILADO DE VINHO

MOSELE

Cognac Brésilien de Catégorie Internationale

UM PRODUTO DE E. MOSELE S. A. - VINHOS - CHAMPANHES - CONHAQUES - CAXIAS DO SUL - R.G.S.

Voto de confiança

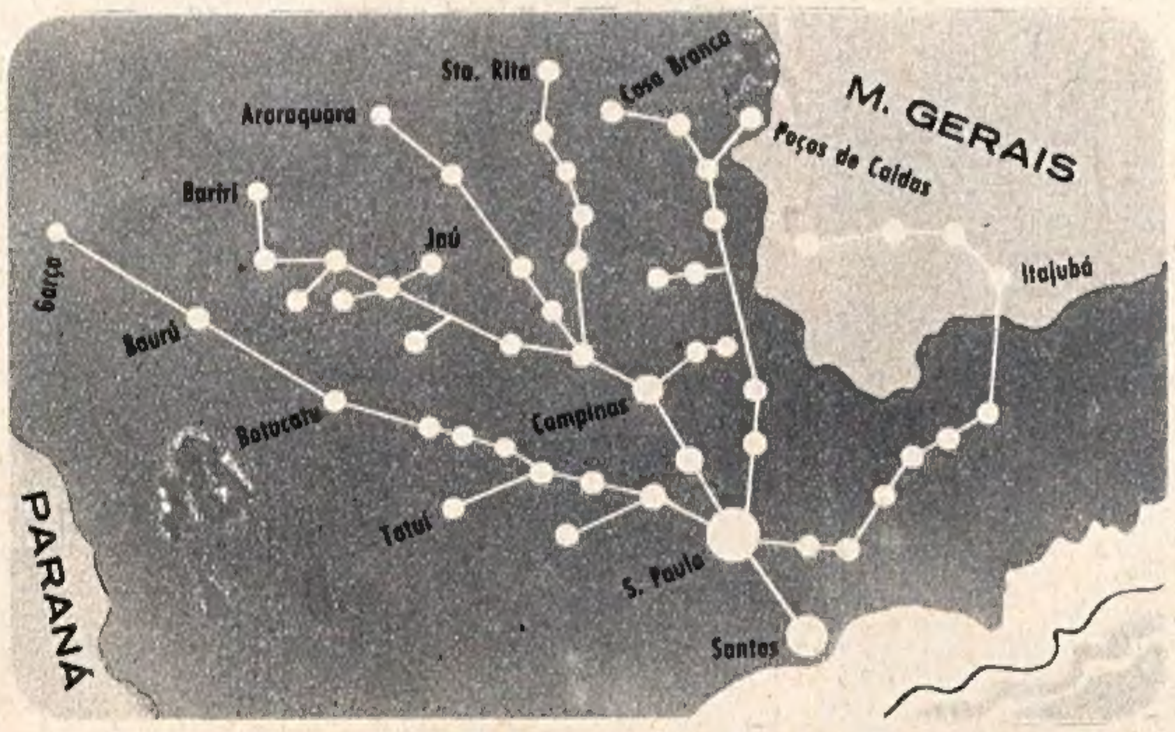
O primeiro número de REALIDADE esgotou totalmente. Tôda a tiragem de 250.000 exemplares desapareceu em menos de uma semana. De Recife a Rio Grande, de Cuiabá a Curitiba, chegaram cêrca de 300 telegramas e telefonemas dos distribuidores, solicitando mais revistas — que simplesmente não existiam. E, logo nos primeiros dias, começamos a receber as cartas dos leitores. Cartas de advogados e operários, de professôres e donas de casa, de estudantes e industriais. Cartas que nos emocionaram com o seu calor, entusiasmo e encorajamento. Tudo isto num país onde se costuma dizer que ninguém quer ler. Que teòricamente não está interessado em ciência, literatura, política internacional, economia, ou uma série de outros assuntos considerados "difíceis". Interpretamos o êxito de REALIDADE como um voto de confiança do público leitor. E como um incentivo para continuar.

quem nos conhece, conhece bem

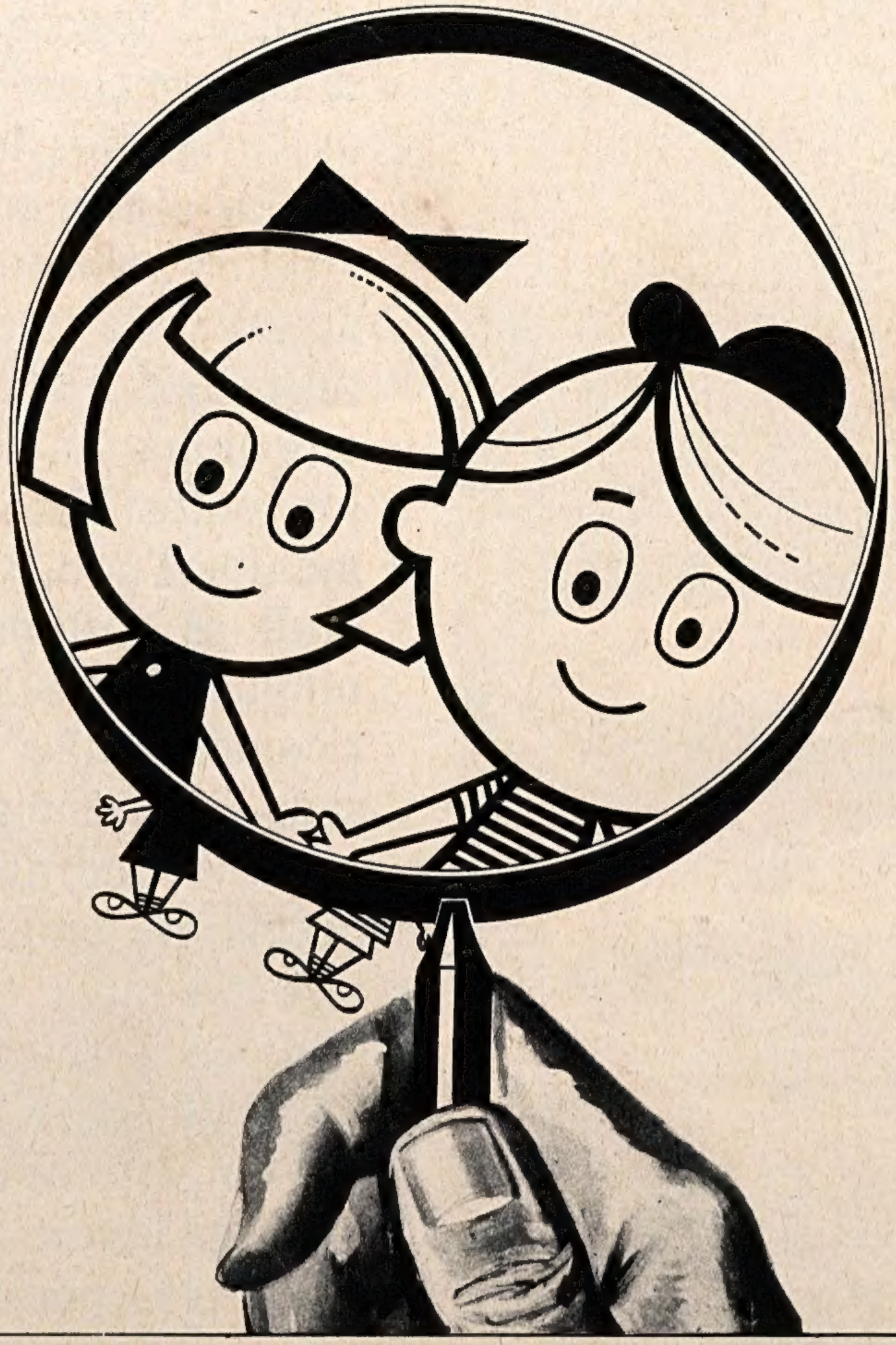
Dia a dia, graças as muitas estações retransmissoras que se fazem construir por êste Brasil a fora, nossa imagem vai mais longe. E aonde vai, vai bem, muito melhor, com nitidez. É assim que a programação, campeã de audiência, da TV Excelsior Rio-S.Paulo, é sucesso aqui e lá longe. Estamos dispostos a ir sempre em frente. Com o apôio, o prestígio e a simpatia dos telespectadores, nos municiamos para um futuro brilhante.

TELEVISÃO EXCELSIOR CANAL 9

COBERTURA TV EXCELSIOR - SÃO PAULO



TV excelsior - canal 9 - são paulo TV vila rica - canal 7 - belo horizonte TV excelsior - canal 2 - rio de janeiro
TV triângulo - canal 8 - uberlândia TV gaucha - canal 12 - pôrto alegre



TVT

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 2 — MAIO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I 00000 22306 DL
2,058,01,01
e+ 878923 D.213659

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, José Hamilton Ribeiro
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprim, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrela
Sucursal, Rio: Alessandro Porro Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Luiz Celso Ferraz do Amaral, Pérsio Pisani, Sílvio Fernandes

Representantes, Rio: Kleber V. Ruhr,
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Edison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor de Publicidade: Paulo Funke
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, São Paulo / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º andares, São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Tel.: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 700. Assinatura semestral Cr$ 4.200. Assinatura anual Cr$ 8.400. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Capa

O rosto de Roberto Carlos numa blusa: é a fôrça do ié-ié-ié, que já vendeu 350 mil peças de seus produtos para jovens. A foto é de Otto Stupakoff.

Problema 16 — **Brasil: 60 milhões de pílulas por ano.** Um estudo completo do problema do contrôle da natalidade e do uso dos modernos meios anticoncepcionais.

Política 24 — **Feliz aniversário, seu Artur.** O general Costa e Silva faz anos daqui a 5 meses. Mas desde já todos os seus amigos só pensam em lhe dar parabéns.

Internacional 32 — **Vietnã: 25 anos de guerra.** A luta sem fim começou com uma invasão japonêsa. Depois veio a guerrilha contra franceses. Hoje é a violenta guerra civil.

Aventura 42 — **Uma vela contra o mar.** O ano inteiro, a jangada sai com Pedro. Junto dêle estão o neto e o filho. E os 3 cearenses só sabem uma coisa: desafiar o mar.

Espaço 52 — **Como viver na Lua.** Um extraordinário filme russo mostra como o homem vai conquistar o satélite da Terra, fazendo dêle um lugar até confortável.

Mulher 58 — **Esta moda louca.** Seis famosos fotógrafos franceses, num ensaio a côres sôbre moda, dão a uma americana a oportunidade de ficar importante.

Documento 63 — **África cruel.** Um continente despedaçado, ainda não inteiramente livre, faz da violência o drama de todo dia. A África não gosta dos brancos.

Espetáculo 72 — **Vejam quem chegou de repente.** Um môço de 23 anos, Roberto Carlos, comanda o maior de todos os movimentos musicais do Brasil: o ié-ié-ié.

Testemunho 82 — **Nossa cidade.** Um reporter passou 3 semanas em Conceição do Mato Dentro — Minas Gerais — para contar como vive uma cidade do nosso interior.

Ciência 92 — **Figado à brasileira.** Êste é um assunto muito bem temperado, com tudo a respeito do maior órgão do corpo humano: informações e curiosidades.

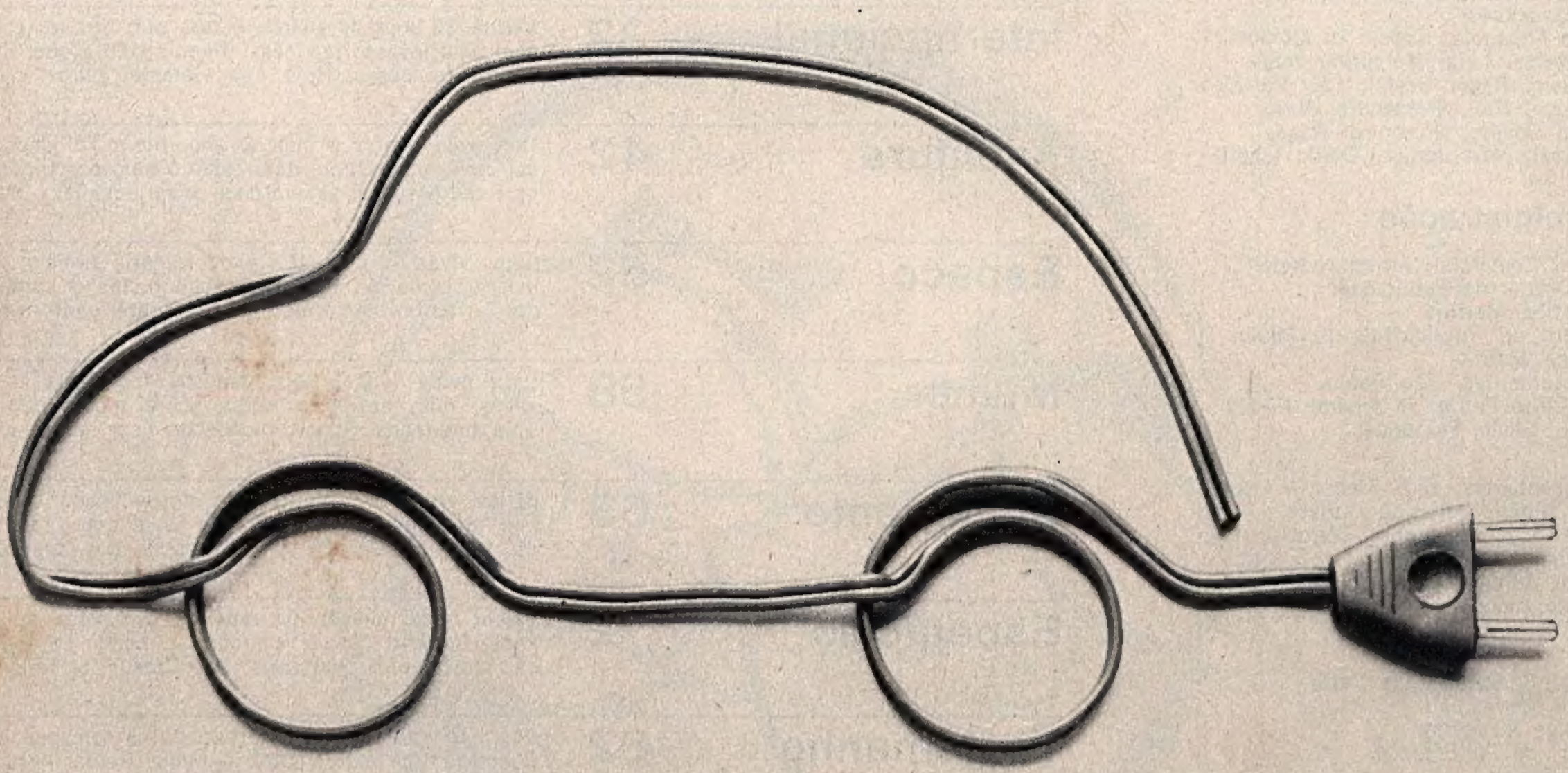
Exclusivo 98 — **Dona Flor e seus dois maridos.** Um nôvo romance de Jorge Amado vai ser lançado. Foi o próprio autor quem escolheu um capítulo para nossos leitores.

Religião 111 — **Psicanálise no convento.** Sessenta monges de um mosteiro mexicano resolveram submeter-se à psicanálise. Os resultados abriram uma polêmica.

Gente 116 — **Jânio Quadros, hoje.** Em vez de bilhetes, êle escreve livros; em vez de eleições, cuida das netas; em vez de cerveja, Jânio só bebe laranjada.

Futebol 126 — **O juiz escalou o time.** Armando Marques é um brasileiro que tem a certeza de ir a Londres. Êle fala de futebol e apresenta a sua seleção nacional.

energia que acelera o desenvolvimento



100% dos automóveis nacionais são fabricados na região Rio-São Paulo

Quantos países do mundo fabricam automóveis? Poucos. Só os desenvolvidos. Nas Américas, só os Estados Unidos, o Canadá, Argentina e o Brasil. Em nosso país, tôdas as fábricas de automóveis estão localizadas na região Rio-São Paulo, onde a existência de energia elétrica (da LIGHT), firme e abundante, garantiu a instalação pioneira e o funcionamento regular dêsse tipo complexo de indústria. (A indústria nacional de automóveis consome, sòzinha, mais energia elétrica do que 80% das capitais brasileiras.)

A LIGHT — que se orgulha de ter colaborado para alinhar o Brasil entre os poucos países produtores de automóveis — está ampliando ainda mais sua contribuição ao desenvolvimento econômico do país: desde 1965 e até 1970, ela está investindo 500 bilhões de cruzeiros, na expansão de seu sistema de transmissão, transformação e distribuição de energia.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

cartas

NÚMERO ZERO

Sr. Diretor: REALIDADE é revista para colecionar. Peço-lhe, portanto, enviar-me o exemplar número zero, a fim de que a minha futura coleção seja a mais completa.

Alfredo Grotta Neto

Campinas — SP

— Lamentamos não poder atender às centenas de leitores que solicitaram o número zero. Tanto êste como o número 1 estão totalmente esgotados.

LIBERDADE DE OPINIAO

Sr. Diretor: Todo o Brasil ansiava por uma revista que informasse com isenção e imparcialidade, acolhendo inclusive opiniões divergentes da sua.

Osvaldo Leitão
Diário de Alagoas

Maceió — AL

CUIDADO COM OS ANÚNCIOS

Sr. Diretor: Não aumentem a quantidade de propaganda, como acontece em geral com as demais revistas brasileiras.

Álvaro Hermes de Miranda

Salvador — BA

— Sem publicidade, imprensa não vive. O importante não é quantos anúncios uma revista contém, mas sim qual a qualidade e a quantidade das matérias que oferece ao leitor.

O PETRÓLEO É NOSSO

Sr. Diretor: Em nome da direção da Petrobrás, tenho a satisfação de me congratular com os senhores pela magnífica reportagem sôbre o petróleo sergipano, publicada no primeiro número de REALIDADE.

Ari Neves
Petrobrás

Rio — GB

TEMPO DE TELEFONE

Sr. Diretor: Fiquei satisfeito ao verificar que a Embratel é focalizada no número 1 de REALIDADE, dando-se ciência ao público de assunto que aflige todo o País, mas que esperamos solucionar em 10 anos.

General Dirceu Coutinho
Presidente da Embratel

Rio — GB

NA HORA DO IMPÔSTO

Sr. Diretor: No momento em que o Departamento do Impôsto de Renda se empenha numa campanha de divulgação e de esclarecimento ao público contribuinte, objetivando aumentar a faixa de incidência do tributo que constitui uma das maiores parcelas da receita orçamentária, valioso foi o trabalho apresentado no primeiro número de REALIDADE.

Orlando Travancas
Diretor do Departamento do Impôsto de Renda

Rio — GB

FALTOU A PINGA MINEIRA

Sr. Diretor: Recebi aqui, a tantas léguas, a nova revista. No artigo "Haja Pinga", foram omitidas as 3 mais famosas cachaças brasileiras, tôdas de Minas Gerais: **Correinha, Claudionor** e **Creolinha.**

Edison J. Antunes

Edimburgo — Escócia

EXPLOSAO DEMOGRAFICA

Sr. Diretor: Procurei em tôdas as páginas de REALIDADE uma referência à maior e mais sombria das realidades nacionais, a terrível explosão demográfica, e nada vi.

R.P. Silveira

Rio — GB

— Siga para a página 16

SUECA DEU DEBATE

Sr. Diretor: Gostei muito da entrevista de Ingrid Thulin. Ela está certíssima.

Maria Aparecida Strauss

Barbacena — MG

Sr. Diretor: As 7 páginas da sueca são o único grave senão de REALIDADE. Se a revista foi criada para merecer franca receptividade da família brasileira, francamente lhe digo, com todo o brio dos meus 62 janeiros: não será apresentando coisas assim nauseantes que o conseguirão.

Gilberto A. Domingues

Salvador — BA

RECORDE DE PALAVRAS

Sr. Diretor. Os assuntos de maior agrado e que venderam mais exemplares, no Rio, foram "Os dias da Criação", "Brasil Tricampeão", "As suecas amam por amor", "Brasileiros Go Home" e "Haja Pinga".

— Muito obrigado pelas 3 mil palavras da carta. Tôdas as sugestões foram anotadas.

CORINTO PROTESTA

Sr. Diretor: Na apreciação que REALIDADE fêz sôbre os livros a respeito do movimento revolucionário, foi comentada a obra "Corinto na Revolução de 31 de Março, Subsídios para a História". Venho ponderar que não se trata de um livro e sim de pequeno e despretensioso relato de fatos anteriores aos acontecimentos aqui verificados no dia 16 de fevereiro de 1964. O relato não pretendeu mostrar ter sido "importantíssimo" o papel desempenhado por esta "cidadezinha mineira", mas tão sòmente fixar a história o civismo e a determinação de seu povo de lutar (e de morrer até) pela democracia.

Joel Aires Bezerra
Prefeito Municipal

Corinto — MG

CONGRATULAÇÕES

Sr. Diretor: Cumprimento sua emprêsa pelo lançamento de REALIDADE e formulo votos de completo êxito e sucesso à nova revista.

Senador Mem de Sá
Ministro da Justiça

Rio — GB

Sr. Diretor: Acabo de ler sua magnífica revista. Espero que a Editôra Abril siga sempre no mesmo rumo: o de atualizar a imprensa brasileira, até há bem pouco tempo dominada por um grupo, que, por estar perdendo o monopólio sustentado há longos anos, volta-se contra todos aquêles que surgem com novas idéias, com métodos diferentes, com possibilidades de serem aplaudidos pelo público.

Paulo Francisco Siqueira

Fortaleza — CE

Sr. Diretor: Achei REALIDADE o máximo. Farei sempre economia para, no fim de cada mês, comprar a sua magnífica revista. E farei economia porque, apesar de ser tão pouco o preço do exemplar, eu vivo de salário mínimo. Mas não deixarei de ser leitora e colecionadora da revista.

Maria Conceição Maroró

Rio — GB

Sr. Diretor: Sua nova revista confirma ser a Editôra Abril a mais atualizada.

Ademar de Barros Filho
Associação dos Diretores de Vendas do Brasil

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Sou dona de casa e nas horas vagas gosto muito de ler. Fiquei encantada com a revista. Pretendo colecionar tôdas e mandar encadernà-las, pois sei que serão de grande utilidade, principalmente para os meus filhos, que começam a estudar.

Maria Dora Jacob

Cruzeiro — SP

Sr. Diretor: REALIDADE expressa com realismo a realidade atual do Brasil.

M.F. do Nascimento Brito
Diretor do Jornal do Brasil

Rio — GB

Sr. Diretor: Apresento-lhe as minhas felicitações por mais esta magnífica realização.

Herbert Levy
Deputado Federal

São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE é saborosa, suculenta. Sua **polpa** constitui alimento energético, regenerador (contém muita proteína).

Hamilton Kress

Rio — GB

Sr. Diretor: Um lançamento esperadíssimo já é realidade graças ao alto padrão da equipe da Editôra Abril. Parabéns.

John Garner
Willy Overland do Brasil

São Bernardo do Campo — SP

Sr. Diretor: Apesar de jovem, não suportava revistas cheias de reportagens vazias. SEGUE

Pôrto Alegre
tem um amigo no
BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Nosso Gerente, Sr. João Baptista Brutto, conhece a praça de Pôrto Alegre, seu comércio, indústria e agricultura. O Banco Lar Brasileiro, cujo capital e reservas estão entre os maiores dos bancos no Brasil, tem como objetivo o útil financiamento destas atividades produtivas nos principais centros.

O Sr. Brutto e a sua eficiente equipe estão às ordens de todos os clientes e amigos do Banco Lar, para ajudá-los a fazer maiores e melhores negócios em Pôrto Alegre e para oferecer a tradicional segurança, a conhecida cortesia e os serviços completos do Banco Lar Brasileiro naquela cidade.

Há futuro em ser cliente do

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Associado ao THE CHASE MANHATTAN BANK
New York

Fortaleza • Recife • Salvador • Belo Horizonte • Niterói • Rio • São Paulo
Santos • Campinas • Santo André • Curitiba • P. Alegre • Brasília • Goiânia

cartas

Gosto da realidade e mais ainda de REALIDADE. Continuem pelo amor de Deus.

A. Rudy

Recife — PE

Sr. Diretor: Li a revista de ponta a ponta e gostei muito.

Antônio Sílvio da Cunha Bueno
Deputado Federal

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Muito apreciei REALIDADE. Faço votos de sucesso.

J. V. Faria Lima
Prefeito Municipal

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Os assuntos variados e bem compilados são a realidade de uma boa revista.

Ciro Torcineli de Toledo
Champion Celulose S.A.

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Sinceras felicitações pelo nascimento de REALIDADE.

David Zeiger
Companhia Pullsport de Malharia

São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE é mais uma prova da potencialidade brasileira.

Alberto Emmanuel Whitaker
Banco Comercial do Estado de São Paulo

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Parabéns pelo grande sucesso de REALIDADE.

Caio Alcântara Machado

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Pela presente, passo às mãos de V.S., cópia do requerimento que apresentei à Mesa da Câmara Municipal de São Paulo, pelo qual proponho a inserção em Ata de um voto de júbilo e congratulações pelo lançamento de REALIDADE.

Urbano Reis
Vereador

São Paulo — SP

Sr. Diretor: A sua nova revista nasceu no mesmo dia que meu filho. Espero garantir a êle o futuro que já é fácil divisar para REALIDADE.

Geraldo Guimarães
Revista Brasileira de Vendas

São Paulo — SP

Sr. Diretor: A nova revista é mais uma excelente realização da Editôra Abril.

Luís Biolchini
Banco Central da República

Rio — GB

Sr. Diretor: Sua nova e magnífica revista veio enriquecer sobremaneira a imprensa do Brasil.

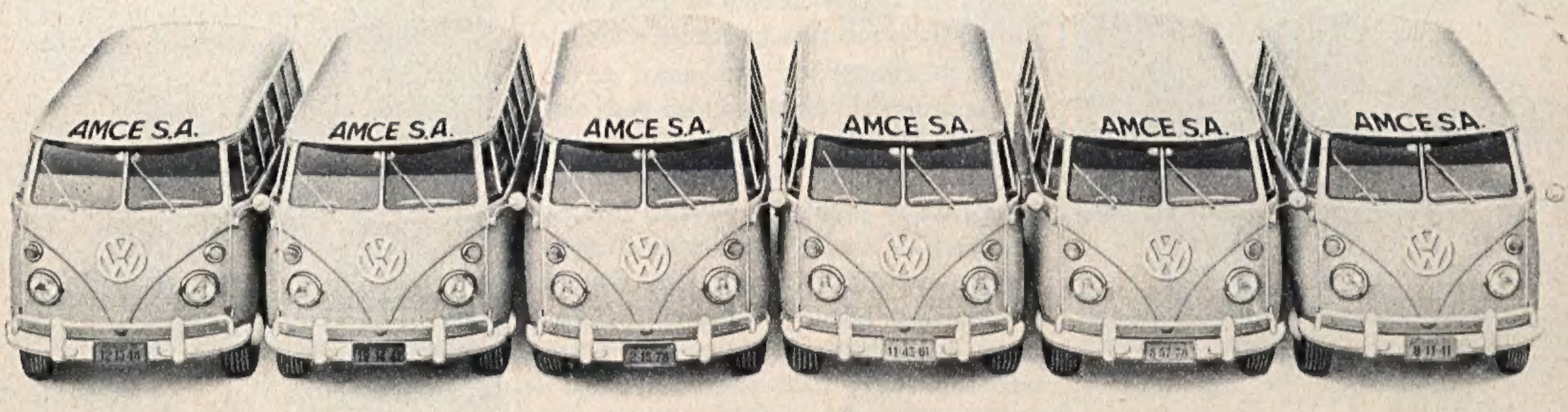
Renato Magalhães Gouvea
Oca Arquitetura

São Paulo — SP

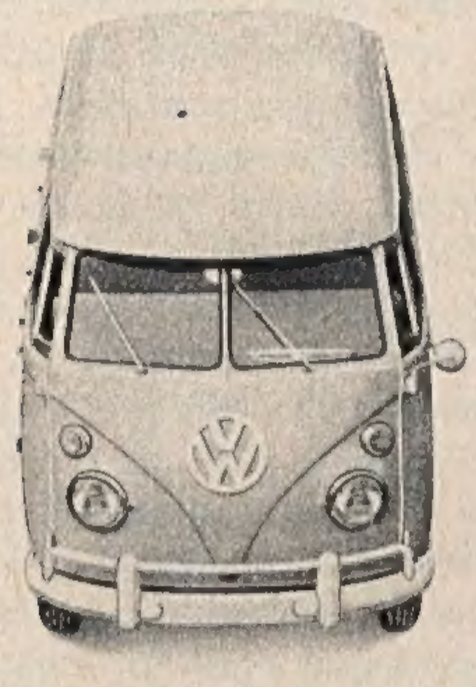
*

Cartas para REALIDADE: Rua João Adolfo, 118, São Paulo — SP.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A



Sabe por que existem tantas frotas de Kombi?



Porque a Kombi Volkswagen faz 10,5 km com 1 litro de gasolina.
Usa 2,5 litros de óleo, com trocas aos 2.500 km.
Seu compartimento de carga mede 4,83 m^3.
Tem duas grandes portas laterais e mais uma porta traseira.
Sua suspensão é por barras de torção em vez de molas.
Já vem da fábrica com teto de aço.
O motor é refrigerado a ar. Nunca ferve.

panorama

música

Política dá samba?

Ari Toledo

A música de protesto não é coisa nova. Há séculos o povo judeu usava a música como instrumento político. E uma de suas canções — **Não digas nunca que êste é o teu último caminho** — tornou-se durante a guerra um símbolo da resistência antinazista em tôda a Europa. A Revolução Francesa imortalizou duas canções: **Ça ira** (Agora Vai) e a **Marselhesa,** que acabou se tornando hino nacional da França.

Nos Estados Unidos, atualmente, estão em grande voga as **protest songs** referentes principalmente à guerra no Vietnã e à situação do negro. No Brasil, o samba político, ou **música subversiva,** como o chamam agora, veio com a bossa nova. Os sambistas de morro, geralmente maus letristas, cuidavam quase ùnicamente da batida e da melodia. As letras falavam das dores de cotovêlo, de uma ou outra bravata e não raro gabavam o talento de viver sem trabalhar. Durante o Estado Nôvo, o govêrno Vargas andou encomendando alguns sambas para enaltecer o trabalho, e ficou muito conhecido um que dizia assim: "Hoje eu tenho tudo que um homem quer, automóvel dinheiro e mulher. Mas para chegar ao ponto em que cheguei, trabalhei, trabalhei, trabalhei..." Sambas de protesto quase não aconteceram. Ataulfo Alves fêz um, quando caiu a ditadura: "Nós queremos gozar a liberdade, liberdade de pensar e falar, nós queremos escola para os filhos, e mais casa para o povo morar. Nós queremos leite, carne e pão, nós queremos açúcar sem cartão." Com o aparecimento da bossa nova, que revolucionou principalmente a letra, o samba foi enriquecido com moços de cultura musical que formaram logo duas alas: os que falavam em barquinhos, janelinhas, môça-flor, e os que faziam suas letras voltadas para os problemas sociais. Esta segunda ala — Carlos Lira, Sérgio Ricardo, Vinícius de Morais, Tom Jobim, Geraldo Vandré, Edu Lôbo — influenciou diretamente os sambistas de morro e as letras, mesmo do samba tradicional, começaram a mostrar conotação política. "Podem me bater, podem me prender, podem até deixar-me sem comer, que eu não mudo de opinião" — foi o primeiro. Vários outros vieram depois. Mas foram para o palco em vez de ir para microfone e o samba político passou a ser material de espetáculos de teatro. **Opinião, Arena Canta Bahia, O Mundo Segundo Ari Toledo** foram montados tendo como filão a música participante. Logo de início, os autores de **samba subversivo** esbarraram com a censura. A música vai bem num **show,** passa fácil no teatro, mas no momento de ser gravada e ganhar as paradas de sucesso é interceptada. **A Canção do Subdesenvolvido,** feita para o Centro de Cultura Popular da UNE, até hoje não pôde entrar no mercado. Uma gravadora de São Paulo soube, em pesquisa, que 100 mil discos da canção poderiam ser vendidos, mas não chegou sequer a fazê-los. Para fugir ao rigor da censura, alguns compositores dão aos seus sambas de participação uma feição humorística. Os mais convictos vão direto ao assunto mas ainda não conseguiram grande repercussão popular, com exceção de **Carcará,** que é uma fábula com visível intenção de mostrar uma solução para o Nordeste.

O samba de protesto encontra reação entre alguns puristas, aos quais não agrada misturar política com música. Mas há também os entusiastas que esperam que êle um dia venha a ser cantado e dançado na rua em competição direta com o ié-ié-ié.

televisão

A morte da garôta-propaganda

Odete Barros

— Vejam como êste lindo sofá se transforma numa confortável cama, caros telespectadores.

A môça bonita olhava direto para a câmara de TV, as mãos vagando ao lado do corpo, no rosto o sorriso mais simpático possível. Deu dois passos graciosos, abaixou-se e puxou a alça do sofá. Mas êle não se abriu. A môça puxou outra vez e, para disfarçar, continuou falando: **Em apenas 32 prestações mensais...** Alguém veio em sua ajuda, forçou e o sofá se abriu, finalmente. A garôta-propaganda terminou de falar, e esboçou mais um sorriso amarelo. O anúncio estava perdido.

Houve um tempo em que a cena era freqüente em nossa TV, mas isso não perturbava muito as programações. Não havia outra forma de fazer anúncio, as agências de publicidade ainda não estavam preparadas para êsse mercado, não havia filmes, nem **vídeo-tape.** O comercial era feito diretamente na emissora e ia para o ar com todos os riscos. Foi a época da garôta-propaganda, o recurso mais fácil para quem não tinha meios técnicos: môça bonita anunciando.

Nesse tempo — a década de 50 — a garôta-propaganda foi a figura mais popular da televisão brasileira. Aparecia a todo instante procurando enfeitar com sua presença os intervalos de uma programação árida. Cada emissora tinha de 15 a 20 môças, sempre prontas a entrar em cena, ganhando salários baixíssimos, pois o que elas queriam era aparecer. Nos corredores das estações, dezenas de candidatas se ofereciam para trabalhar de graça.

Pode ter sido a sua beleza, ou a novidade, ou a falta de mulheres bonitas no cinema e no teatro. Mas o fato é que a garôta-propaganda passou a personificar a mulher sensual, a estrêla, nas cidades onde havia televisão. Então, a uma môça bonita ninguém dizia mais: **vá ser artista de cinema.** Mas: vá ser **garôta-propaganda.**

A profissão, porém, não iria muito longe, pois nascia das falhas de uma estrutura: a televisão brasileira foi filha do rádio e não do cinema e, por isso, não caminhou logo para os anúncios em filmes, mas para a locutora que aparecia em cena. Quando, influenciada pelas agências de publicidade, a TV se encaminhou para soluções cinematográficas, havia chegado a hora da garôta-propaganda começar a morrer.

Primeiro, foi o **vídeo-tape,** permitindo ensaios, repetições, cortes, até encontrar-se uma apresentação razoável do anúncio. Depois, o filme ampliando essas possibilidades. Até aí algumas garôtas-propaganda conseguiram sobreviver, mais atrizes e menos locutoras. Mas houve depois um golpe duro: surgiram no Brasil as produtoras de desenho animado, transmitindo a mensagem publicitária com maior impacto, de maneira mais simpática, sem possibilidade de erros e, o que era mais importante, em menos tempo.

Por causa disso, Idalina de Oliveira hoje procura ser cantora, mesmo sem ter voz; Branca Ribeiro virou locutora de programa noticioso; Ana Maria transformou-se em assessôra do programa de Bibi Ferreira; Odete Lara virou estrêla de cinema; Meire Nogueira está posando para fotonovelas; Luci Reis casou-se com um milionário. Só há uma que resiste: a carioca Neide Aparecida, anunciadora **free-lancer** que aparece em todos os canais de televisão do Rio, sustentada pelo espírito conservador do comércio de varejo carioca, que continua gostando muito dos anúncios ao vivo.

SEGUE

a 450 metros...

... do quilômetro zero, PÔRTO ALEGRE lhe reserva hospedagem confortável: PLAZA HOTEL. Em pleno coração da cidade. Calefação central, ar condicionado, cozinha internacional e... a tradicional hospitalidade gaúcha.

PLAZA
HOTEL

panorama

livros

33 milhões de Jecas

O primeiro Jeca

O último Jeca

"Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos, pálidos e tristes."

Assim começa a história de um livrinho lançado há 30 anos e que hoje está na 32.ª edição, atingindo a surpreendente tiragem de 33 milhões de exemplares: o **Jeca Tatuzinho**, livro-bula escrito por Monteiro Lobato para um laboratório farmacêuntico.

O sucesso do folheto apoiou-se principalmente no humor de Lobato:

"E tôda gente andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé nos calçados que metera botina até nos pés dos animais caseiros! Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinhos nos pés! O galo, êsse andava de bota e espora!"

O trabalho encomendado a Lobato ia servir para a difusão de um medicamento que seria eficaz no tratamento do amarelão, a Ankilostomina Fontoura. O escritor sabia ser o problema mais complexo: andar descalço era a causa principal da doença. **Jeca Tatuzinho** aumentou as vendas dos fortificantes, mas, principalmente, divulgou noções de higiene e prevenção da moléstia e o livreto foi e é tão ou mais eficaz que o próprio medicamento.

E a pequena obra, por seu valor literário e aguda observação da realidade do caboclo brasileiro, ultrapassou seu objetivo médico-farmacêutico e publicitário: incorporou-se à literatura e o Jeca passou a ser um símbolo, muito mais que um simples personagem.

Livrinho de 12 páginas, impresso em papel barato, desde as primeiras edições foi ilustrado por Jurandir Campos, genro de Lobato, que idealizou a trágica figura do Jeca. Até hoje sua forma permanece a mesma, tendo sido apenas incluída a côr nos desenhos; e o argumento sofreu algumas modificações, em função dos novos medicamentos surgidos para o combate ao amarelão.

Nos grupos escolares de todo o País o livro é lido para as crianças, explicada sua finalidade. Houve tempo em que o **Jeca Tatuzinho** foi impresso em alemão e japonês, para as colônias de imigrantes.

Agora seus editôres pretendem transformá-lo em cartilha escolar. A tiragem dessa edição — a 33.ª — será de 2 milhões de exemplares, também para distribuição gratuita.

"Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade de sua gente. Ora, ter saúde é a grande qualidade de um povo." Êste é o fecho da mais famosa propaganda farmacêutica brasileira, que é também a obra literária nacional de maior tiragem de todos os tempos.

pintura

Um pintor jogou fora o pincel

Wesley Duke Lee

Até há pouco tempo, quadro significava um objeto de arte, de forma freqüentemente retangular, plano, pintado numa face só, servindo para ser dependurado na parede. Pintor era aquêle que usava tela de pano em cima de um cavalete, tintas misturadas, pincéis ou espátulas, e inspiração.

Mas nas últimas exposições ficou claro que de tudo isso sobrou apenas a inspiração. E mesmo esta já não precisa ser natural,

pois hoje existem substâncias artificiais — como o ácido lisérgico — que libertam ou promovem a inspiração. Por isso, atualmente muitos pintores preferem ser chamados de artistas plásticos, uma vez que desapareceram os limites entre a pintura e a escultura; e, quanto a material de trabalho, entraram na fase do vale tudo. O pincel foi dando lugar à navalha, formão, maçarico, serra elétrica, **spray,** à própria mão e outros meios conservados em segrêdo, conforme o tipo da matéria usada. Existem ainda a colagem e as técnicas científicas — principalmente as ópticas, utilizadas pela publicidade — que invadiram a pintura também.

O paulista Wesley Duke Lee é um exemplo do artista desta fase. Embora conhecedor das técnicas tradicionais, Lee faz tôdas as experiências em seu campo. Recusado na VIII Bienal de São Paulo, ganhou prêmio na de Tóquio do mesmo ano e é um dos brasileiros selecionados para a de Veneza. Para esta, Lee enviará um quadro realmente quadrado — um cubo. Mas êle diz que o quadro só estará concluído quando os apreciadores de arte estiverem dentro dêle. Porque foi concebido para ser visto por fora e por dentro. Seu nome é **O Trapézio ou Uma Confissão.**

É uma experiência nunca feita no Brasil: um cubo suspenso por cabos de aço, coberto apenas na parte superior. Todos os seus lados têm dois metros — duas telas pintadas a óleo e duas placas coloridas de acrílico, frente a frente. Nas telas, um homem e uma mulher seminus. Nas placas, o recorte das mesmas figuras, seus contornos sòmente. Em cima, um teto de alumínio em espiral, recoberto por uma lona em forma de cobertura de circo. Quem entra no quadro ouve um som chatíssimo, emitido por um aparelho eletrônico escondido no teto. O som — diz o pintor — obriga o observador a ficar concentrado apenas no que está à sua volta.

Quanto ao conteúdo, o autor chama-o de realismo mágico. Para êle, a realidade só pode ser apreendida de forma útil pelo artista através da intuição e da magia. E magia moderna, para Lee, é a do tecnicismo industrial e científico utilizado pelos artistas plásticos; daí empregá-lo o mais possível nos seus quadros. A intuição o autor procura libertar pela psicanálise e pela ação do ácido lisérgico.

REEMBÔLSO POSTAL

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO

A EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

abrindo o seu calendário editorial de 1966 e sempre fiel à linha de publicar obras que esclareçam e informem o grande público sôbre aspectos e problemas da nossa conturbada mas fecunda época,

apresenta, orgulhosamente, um dos mais importantes livros da atualidade mundial:

MIL DIAS

(JOHN F. KENNEDY NA CASA BRANCA)

do famoso historiador ARTHUR M. SCHLESINGER, JR., assistente especial do presidente assassinado.

- estudo de vastas proporções que nos revela uma imagem clara das qualidades e contradições de Kennedy como homem e como governante.

- livro que expõe e analisa as lutas, crises e conflitos de um grande estadista que, como afirma o historiador, "abriu para o nosso mundo novas possibilidades de paz e progresso".

2 volumes de magnífica apresentação gráfica totalizando 1048 páginas emocionantes.

Cr$ 12.000

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

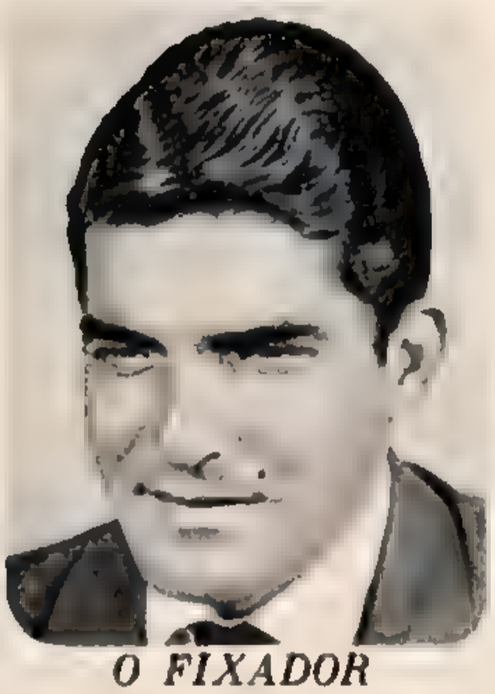
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO - GB.

Biorene

não foi feito para quem usa chapéu

O RESTAURADOR



O FIXADOR

Claro! Biorene é usado por aquêles que sabem que os cabelos precisam de "ar-livre". E êsses, usam Biorene, porque:

Nos homens, Biorene *fixa naturalmente o penteado, sem engordurar ou empastar.*

Elas... usam Biorene *para restaurar cabelos queimados e quebradiços.* Biorene *dá nova vida... um nôvo brilho aos cabelos!*

Biorene

2 TAMANHOS

Biorene

Agora, com CETIÓL - *uma vantagem a mais para os cabelos.*

PRODUTO *niasi*

Voga Publicidade

panorama

Êste produziria, por efeito químico, o que seria obtido com o tratamento psicanalítico, mas muito mais ràpidamente.

Mágico desinibido, Lee tratou primeiro da própria realidade. Nesse quadro, o homem quase nu é êle mesmo. A mulher representaria tôdas as mulheres. Pedaços de fios elétricos partidos, presos às telas, indicariam a impossibilidade de comunicação que existe entre as imagens vazadas nas placas de acrílico ligadas por uma corda bamba que toca o solo. Com isso o autor indica a possibilidade de ligação homem-mulher sómente no anonimato.

Atrás da tela do homem, está pintada uma história em quadrinhos sôbre a mulher. Atrás da pintura da mulher, uma família em pose tradicional. De perto, quem a conhecer, verá que se trata da família do artista. O teto do quadro-cubo assemelha-se ao de uma sala de cirurgia ou de autopsia, de modo a que o observador não escape da sensação de estar sendo operado a frio ou autopsiado vivo.

Com **O Trapézio ou Uma Confissão,** Lee já gastou 5 meses e 2 milhões de cruzeiros. Mas espera fazer sucesso em Veneza.

fábula

O pássaro e o Sol

O sol batia na água, tornando-a brilhante e dourada. Um pássaro bebia a água, pensando:

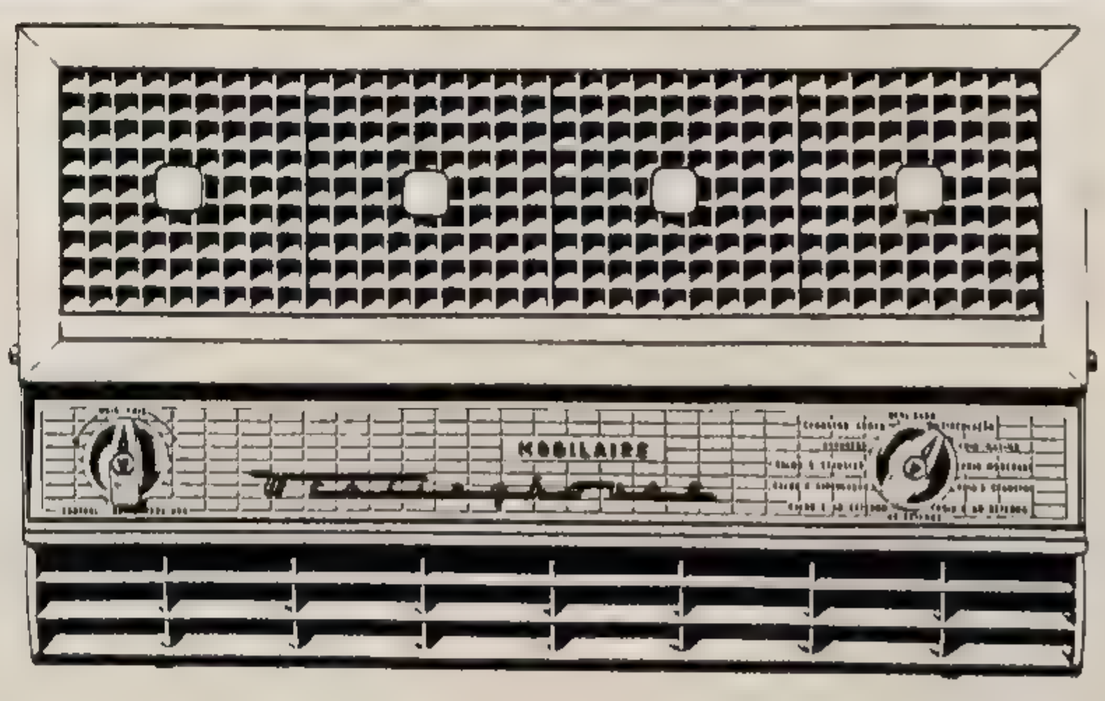
— Estou bebendo ouro.

Moral: Quem toma água por ouro vive feliz.

Gerda

Se o seu
escritório
está parecendo
ônibus lotado
em dia de chuva,

o condicionador de ar
Westinghouse
não lhe diz nada?



Você detesta poeira e fumaça. E aquêle barulho de ônibus e bondes lá fora? Que tal 11 diferentes condições de temperatura. (Quer dizer, confôrto o ano inteiro.) Grades direcionais, proteção contra ferrugem, silencioso. E com a garantia Westinghouse. Isso já diz muito, não acha?

Westinghouse

Westingbraz s.a. Indústria de Aparelhos Domésticos

Rua Lopes de Oliveira, 112 Fabricantes dos mundialmente famosos produtos domésticos Westinghouse

Esta reportagem
é um balanço completo
sôbre o contrôle da natalidade
e sôbre todos os métodos
anticoncepcionais

BRASIL: 60 MILHÕES DE PÍLULAS POR ANO

CONTRÔLE DA NATALIDADE CONTINUAÇÃO

"Caro doutor: o motivo desta carta é um assunto muito sério. Nós temos 6 filhos: todos pequenos. O mais velho tem 8 anos e o mais nôvo só 3 meses. Quando a gente morava no interior ainda dava para viver, mas depois que meu marido perdeu o emprêgo e viemos para a cidade tudo piorou. Agora êle ganha 100 mil cruzeiros por mês e só de leite para o pequeninho vão 10 mil cruzeiros. Eu preciso ajudar e lavo roupa pra fora, mas isso dá muito pouco. Não posso mais ter filho. Quero um remédio para não ter mais filho. Me disseram que o senhor é bom e ajuda quem precisa. Por favor me ajude."

Esta carta foi recebida por um médico brasileiro. Maria Aparecida Alves, de 25 anos, já tinha tentado tudo, mas os filhos vinham sempre, um por ano. Foi então que ela escreveu ao médico. Mas legalmente ninguém pode ajudá-la, pois no Brasil a lei proíbe "anunciar processo, substância ou objeto destinado a provocar abôrto ou evitar gravidez". E o Código de Ética Médica, de 1957, diz: "O médico não anunciará, clara ou veladamente, processo ou tratamento destinado a evitar a gravidez."

A verdade, entretanto, é que todos os métodos de contrôle de natalidade são praticados no Brasil. Não há estatísticas a respeito, mas um levantamento recente mostra que os métodos anticoncepcionais mais usados no País são o coito interrompido, os preservativos (27 milhões de protetores de borracha vendidos por ano), a abstinência periódica (sistema permitido pela Igreja Católica), as lavagens, o uso de comprimidos espumantes, cremes e geléias, os diafragmas e a esterilização.

Apesar de tudo isso, calcula-se que o número de abortos provocados chegue a um milhão e 500 mil por ano. A êste respeito, observa o professor Otávio Rodrigues de Lima, catedrático de Clínica Obstétrica da Faculdade Nacional de Medicina:

— A única forma de impedir a prática do abôrto provocado e a gravidez indesejada é divulgar os métodos anticoncepcionais. Para isso, porém, e para que se elimine a alta taxa registrada nos hospitais (25% dos casos atendidos nos hospitais são de abôrto), é imprescindível mudar a lei e o Código de Ética, que são absolutamente irrealistas diante de fatos como o abôrto e os anticoncepcionais.

A pílula, uma revolução

Os velhos métodos anticoncepcionais, especialmente o coito interrompido e os preservativos, apresentam alta porcentagem de falhas, pelo que não puderam nem podem oferecer garantias de um efetivo contrôle da natalidade.

O grande problema: alto crescimento demográfico, baixo nível econômico.

A Igreja talvez mude uma frase de quase 2 mil anos: evitar filhos é pecado.

A lei proíbe anunciar métodos para evitar gravidez

Nos últimos anos, porém, grandes progressos alteraram a história dos anticoncepcionais. E êsses progressos levaram os médicos do mundo inteiro a uma posição revolucionária diante da lei e dos costumes. Os instrumentos da revolução são as pílulas anticoncepcionais e os dispositivos intra-uterinos (DIU), pioneiros da nova fase. Os médicos buscam ainda outros meios, cada vez mais próximos de 100% de eficiência e comodidade.

No Brasil, o uso das pílulas começou por importação, há aproximadamente 3 anos, com um produto norte-americano: Enovid.

Hoje, nenhuma mulher precisa se preocupar mais com as remessas periódicas do exterior. Sete laboratórios estão fabricando pílulas no Brasil: Organon (Lindiol), Johnson & Johnson (Novulon e Novulon S), Berlimed (Anovlar), Ciba (Noraciclina), Lilly (Sequence), Searle (Enovid) e Farmitalia (Ciclofarlutal). Em 1965, a produção total foi de 60 milhões de unidades, o que significa que pelo menos 230 mil mulheres utilizaram as pílulas nêsse período.

Isso, apesar das proibições. E por causa delas, os laboratórios não usam nas indicações a palavra **anticoncepcional:** as pílulas são **para regularizar a menstruação.** O mesmo cuidado é tomado em relação a todos os outros anticoncepcionais: preservativo é **protetor masculino,** cremes e geléias são **para a higiene íntima da mulher.** E qualquer pessoa pode comprá-los nas farmácias, sem receita médica.

As fábricas de pílulas são muitas, mas o produto é pràticamente o mesmo. Algumas as acondicionam em atraentes estôjos-calendários em forma de disco telefônico, com 20 concavidades. Mudam as côres, o formato, a embalagem, o número (entre 20 e 22 pílulas), mas a composição essencial não se altera: hormônios sintéticos que impedem a ovulação. Por isso, as pílulas são chamadas anovulatórias. O custo mensal fica em tôrno de 4 mil cruzeiros.

Que é a pílula

Está cada vez mais difundido no mundo inteiro o uso das pílulas. Mas, como acontece com tôdas as drogas novas, seu emprêgo em larga escala levanta várias perguntas:

— Que são as pílulas? Como funcionam? São seguras? Quais são as suas desvantagens? Por quanto tempo a mulher pode tomá-las? Elas causam o câncer ou deformam os bebês no período de gestação?

As respostas são, quase tôdas, tranqüilizadoras. A mulher tem um ciclo menstrual de 23 a 39 dias, sendo que a média é de 28 dias. Ao recomendarem a pílula, os médicos se baseiam neste último número. Mesmo mulheres com ciclos diferentes, enquanto estão tomando a pílula têm um ciclo de 28 dias.

Desde 1900, os cientistas já sabiam que certos hormônios, agentes químicos secretados pela glândula pituitária ou hipófise (localizada na cabeça, abaixo do cérebro), provocam mensalmente a libertação de um óvulo do ovário, fenômeno chamado ovulação. Sabiam que se o óvulo é fertilizado e adere à parede do útero (comêço da gravidez), outro hormônio — a progesterona, produzida no ovário — suspende a produção daqueles hormônios da hipófise, evitando que sejam produzidos mais óvulos durante os 9 meses que o feto leva para se desenvolver.

Quando tomada por via oral, a progesterona natural não é muito potente. Mas desde 1951, os laboratórios aprenderam a fabricar progesterona a partir de substâncias como a raiz de batata doce.

E as pílulas funcionam, com efeito, fazendo o corpo enganar-se e comportar-se como se a ovulação já houvesse acontecido. No quinto dia do ciclo, quando a mulher estaria começando a produzir hormônios para promover a ovulação, ela toma a primeira pílula. E continua a tomá-las diàriamente, pelos próximos 20 dias. Por um passe de mágica bioquímico, ainda não bem compreendido, a ação da pílula — tal como naturalmente faz a progesterona — impede a produção do óvulo e prepara o útero para a menstruação. Pelo 25.º ou 26.º dia, quando tôda chance de ovulação, e por conseguinte de gravidez, já passou, a mulher pára de tomar as pílulas. Dentro de dois ou três dias, com a menstruação, recomeça o ciclo.

A conquista de uma mulher

A pílula é conquista, principalmente, de uma mulher: Margaret Sanger. Ela tem 87 anos, vive no Estado americano do Arizona e é a fundadora do movimento de contrôle da natalidade nos Estados Unidos. Sua luta pelo movimento durou 50 anos e ela é considerada a mãe das pílulas anticoncepcionais.

Desde os princípios do século, enfrentando a moral puritana e velhas leis que consideravam os anticoncepcionais e a regularização de nascimentos "obscenos e imorais", Margaret Sanger viu numerosas vêzes suas reuniões serem suspensas pela polícia e suas clínicas serem fechadas. Foi até prêsa, mas nunca desanimou.

Há cêrca de 20 anos, vendo as deficiências dos principais métodos anticoncepcionais — preservativos, diafragmas, geléias — Margaret Sanger procurou o médico Gregory Pincus, da Fundação de Worcester de Biologia Experimental, em Massachusetts, a quem sugeriu uma pesquisa sôbre algo melhor, algo como uma pílula. E foi a progesterona que Pincus procurou transformar em pílulas, para controlar a natalidade.

A certa altura, Pincus juntou-se ao professor católico John Rock, que estudava uma fórmula para provocar a ovulação em mulheres que não conseguiam engravidar. Paradoxalmente, os dois objetivos, embora opostos, foram alcançados com os mesmos hormônios: progesterona combinada com estrogenos, hormônios produzidos pelo ovário.

No comêço, problemas

Mas havia problemas para seu emprêgo em larga escala. Os hormônios podiam ser tomados em injeções, mas elas eram muito dolorosas. Por via oral, exigiam-se quantidades muito grandes, o que criava outra dificuldade, pois os hormônios eram naturais. Era preciso descobrir um substituto sintético. Estudando e experimentando cêrca de 200 produtos químicos de efeitos parecidos com os da progesterona, a equipe finalmente teve sucesso. E o hormônio sintético foi empregado pela primeira vez no tratamento de irregularidades menstruais. Sòmente em 1954, Rock usou-o como anticoncepcional. Em 1956, começaram os testes em grande escala no Haiti, Pôrto Rico e algumas cidades americanas.

Nos últimos anos, com o prosseguimento das pesquisas, ficou demonstrado que as doses de hormônio não precisavam ser tão elevadas. Baseados no princípio de que quanto menos hormônio a mulher ingerir, melhor, os laboratórios têm procurado reduzir cada vez mais sua concentração. Algumas pílulas começaram com dosagem de 10 miligramas; agora se prepara uma nova que contém apenas um miligrama.

Apesar de tudo, não há pílula perfeita. Têm-se registrado alguns distúrbios provocados pelo seu uso, pelo que é indispensável a assistência médica para o uso das pílulas.

A maior parte dêsses distúrbios (náuseas, inflamação dos seios, dores de cabeça, fadiga, depressão, palpitação, hemorragias) são, entretanto, apresentados apenas por aproximadamente 15% das mulheres examinadas e registrados sòmente nos 2 ou 3 primeiros meses do uso da pílula. Mas até agora nada ficou provado quanto a moléstias graves.

DIU, a segunda revolução

Outro anticoncepcional revolucionário é o DIU — dispositivo intra-uterino. SEGUE

CONTRÔLE DA NATALIDADE CONTINUAÇÃO

É um pequeno objeto de plástico ou metal, que os médicos introduzem no útero das mulheres que querem evitar filhos, e tem eficiência comparável à das pílulas.

O dispositivo intra-uterino não é uma novidade. Desde princípios do século é empregado na Alemanha como anticoncepcional. Graefenberg, o ginecologista alemão que fêz a primeira apresentação mundial do dispositivo, em 1921, pôde ver o DIU ser aclamado e, ao mesmo tempo, violentamente condenado.

As mulheres do mundo todo se interessaram pelo pequeno anel apresentado por Graefenberg. A consagração do DIU, porém, veio apenas em 1964, quando 500 especialistas, de 44 países, reuniram-se em Nova Iorque no **II Congresso Sôbre Dispositivos Intra-Uterinos**, concluindo que: 1) o DIU é tão eficiente quanto as pílulas; 2) é relativamente livre de efeitos sérios; 3) é melhor aceito em muitos países por ser método barato e simples.

Em forma de anel, espiral, duplo **S** ou duplo triângulo, os DIUs medem mais ou menos 3 centímetros e são de polietileno, nailon, sêda ou aço inoxidável. É fácil colocar o DIU, mas para evitar riscos de infecção ou perfuração da parede uterina o dispositivo deve ser introduzido por especialista. Nos Estados Unidos, o DIU de plástico custa um dólar, e o de aço um dólar e 80 centavos.

Estudos de centenas de casos mostraram que 75% das mulheres aceitaram bem o dispositivo, mas 15% tiveram de retirá-lo devido a dores, hemorragias ou outras razões; e 10%, algumas sem perceber, o expulsaram; 97% das que conservaram o DIU ficaram protegidas contra a gravidez. Embora não seja perfeito, o dispositivo foi considerado por autoridades internacionais como um dos métodos mais práticos para enfrentar o problema da explosão demográfica.

Como funciona o DIU

Quanto ao mecanismo de ação do DIU, tudo está ainda no terreno das hipóteses. Alguns acreditam que êle impede o avanço dos espermatozóides. Outros acham que não permite a fixação do ôvo no útero. A tese mais aceita é a de que a presença do dispositivo no útero precipita a descida do óvulo, antes que êle esteja suficientemente maduro para ser fertilizado.

No Brasil, o médico Adolfo Goldenstein, diretor clínico do Serviço de Orientação da Família, de São Paulo, estuda há anos o problema dos anticoncepcionais, particularmente dos intra-uterinos. Em 1962, Goldenstein iniciou a observação de uma série de casos, empregando um dispositivo feito de fio de nailon, em forma de anel. Há um ano, após

1

1) Estôjo-calendário de pílulas; 2) anel de fio de nailon; 3) DIU de plástico com introdutor; 4) botão cervical — (já superado); 5) o S duplo, DIU de plástico; 6) anel de Goldenstein — feito no Brasil; 7) diafragma; 8) cápsula para cobrir o colo uterino; 9) protetor de borracha; 10) geléia e introdutor.

As mulheres esperaram 45 anos para poder usar o DIU

uma temporada de estudos nos Estados Unidos, idealizou um modêlo do DIU mais simples e de aplicação mais fácil. É um anel de polietileno de menos de 3 centímetros de diâmetro e um milímetro de espessura, cuja presença no útero pode ser verificada através de raios X. A colocação é trabalho de poucos minutos e o DIU de Goldenstein custa menos de 1.000 cruzeiros.

Com mais de 500 casos analisados, Goldenstein concluiu que após a aplicação do DIU bastam alguns minutos de repouso para a paciente poder voltar às atividades normais, inclusive ter relações sexuais. O efeito anticoncepcional existe a partir do momento em que foi aplicado o dispositivo. Podem ocorrer ligeiras hemorragias e cólicas até a menstruação seguinte, quando a paciente deve voltar ao consultório para exame. Depois, a consulta poderá ser semestral ou anual. Goldenstein recomenda que o DIU seja substituído anualmente, embora haja numerosos casos de mulheres que o conservam por 5, 10 anos e até mais, sem problemas.

Aproximadamente 15% das pacientes de Goldenstein pediram a retirada dos DIUs após algum tempo, por motivos diversos: sangramento, expulsão repetida do dispositivo, ou mêdo, além do desejo de nova gravidez. A gravidez pode acontecer — desconhecem-se exatamente os motivos — mesmo com o DIU, mas é raro. Nesse caso, porém, a gestação prossegue normalmente, sem prejuízo para o feto.

— Mesmo se não existisse uma série de outras razões, o uso dos anticoncepcionais seguros se justificaria no Brasil, ainda que servisse apenas para impedir a prática do abôrto, que é sem dúvida um dos nossos maiores problemas médico-sociais — diz Goldenstein.

Velho como o mundo

Por que se procura evitar filhos? O problema parece ser tão velho como o mundo. Já o papiro de Eber, de 1.500 anos antes de Cristo, se refere a uma mistura de plantas, sementes de acácia e mel que era introduzida na vagina para evitar a concepção. Na Índia, há mais de 3 mil anos, usava-se uma mistura em que entravam fezes de crocodilo ou elefante. Na Grécia antiga provocava-se o abôrto e as mulheres usavam tampões. Também a Roma antiga usou e abusou do abôrto. E a Bíblia condenou Onan pelo uso do **coitus interruptus.**

O contrôle da natalidade está ligado a razões econômicas.

Calcula-se que haveria no tempo de Cristo uma população mundial de 200 milhões. Na época dos Descobrimentos, 1.500 anos depois, a população teria se aproximado de 500 milhões, para, por volta de 1820, chegar a um bilhão. Pouco mais de um século depois, em 1935, a população era de 2 bilhões. Hoje somos mais de 3 bilhões. Com mais 34 anos, vamos dobrar: no ano 2.000, mantido o atual ritmo de crescimento, seremos 6 bilhões. O problema da superpopulação preocupa o mundo inteiro, tendo sido criados organismos internacionais — como o Conselho Mundial da População — para estudar o assunto. Muitas nações, por pobreza de recursos ou problemas de espaço, oficial ou oficiosamente já adotaram programas de contrôle da natalidade. Alguns países, como o Japão, a Suécia, e os do bloco comunista, oficializaram o abôrto.

O presidente Lyndon Johnson, em mensagem às Nações Unidas, afirmou que nos Estados Unidos "menos de 5 dólares investidos no contrôle da população equivalem a 100 dólares investidos no desenvolvimento ecônomico", com isso querendo dizer que um desordenado crescimento demográfico cria a necessidade de novos empregos numa proporção não compatível com a economia de um país.

E um ex-presidente colombiano — Alberto Lleras Camargo — disse recentemente:

— O problema do nosso tempo é que, com os remédios modernos, nós estamos controlando a morte. Mas ainda não somos capazes de controlar os nascimentos e isso resulta numa crise de superpopulação, desemprêgo, favelas, miséria e violência.

O planejamento familiar

Em novembro de 1965, na **XV Jornada Brasileira de Obstetrícia e Ginecologia,** realizada na Guanabara, economistas, juristas, sociólogos, religiosos (um padre, um rabino e um pastor protestante) e médicos reconheceram a necessidade de planejamento da família, embora por motivos diferentes.

Entre outras, foram aprovadas as seguintes conclusões: 1) "Planejar a família não significa impedir a natalidade. Significa trazer ao mundo indivíduos aos quais se darão condições de vida necessárias ao seu desenvolvimento digno." 2) É preciso "permitir que associações eduquem o povo no planejamento da família, sempre assessoradas por técnicos da matéria". 3) Devemos "estudar uma legislação para a divulgação dos métodos anticoncepcionais, nos casos com justa indicação". 4) "Os métodos anticoncepcionais ainda estão em fase de estudo, nenhum dêles tendo atingido a perfeição e a inocuidade que seria "desejada para o emprêgo em larga escala."

Para tratar do problema, fundou-se então a **Sociedade do Bem-Estar Familiar do Brasil.**

O economista Glycon de Paiva, que participou da jornada, disse:

— Paira sôbre o Brasil a ameaça dos números: seremos 100 milhões de brasileiros pobres em 1970, seríamos 200 milhões de miseráveis em 1990 e 225 milhões de párias desesperados no final do século. Economia alguma conseguirá nos educar e enriquecer em 34 anos. É hora de prevenir o desastre. Iniciativas tímidas como o **Serviço de Orientação da Família de São Paulo e Associação do Planejamento da Família de Pôrto Alegre** precisam ser multiplicados por 1.000.

Para êle, cada cidade precisa ter uma clínica de orientação familiar, num país como o Brasil em que o crescimento demográfico é de 32 por mil (enquanto na Suécia, por exemplo, é de 4 por mil) e a alta taxa de natalidade cria a necessidade de mais hospitais, creches, escolas e fábricas, em ritmo acelerado, além das nossas possibilidades.

O problema do papa

O papa Paulo VI tem um grave problema para resolver: deve decidir se a Igreja pode mudar um ensinamento que vem transmitindo há 2.000 anos: evitar filhos é pecado.

Nunca, talvez, alguém teve que encarar uma decisão da qual dependesse tão grande número de vidas. A Igreja Católica tem 580 milhões de membros e a posição do Vaticano em relação ao contrôle da natalidade divide-os, muitas vêzes violentamente.

Que fará o papa? Em junho do ano passado, depois que uma comissão especial de estudos foi aumentada e encarregada pessoalmente por êle de encontrar um caminho, Paulo VI declarou:

— Esperamos poder pronunciar-nos brevemente, apoiados pela luz da ciência humana. Os documentos sôbre êste assunto estão se avolumando sôbre a nossa mesa.

Em dezembro de 1965, o papa aprovou um relatório do Concílio Ecumênico anunciando que o tema precisa de "um estudo mais diligente".

Dentro da Igreja, os conservadores, liderados pelo Cardeal Ottaviani, temem que a autoridade da Igreja fique minada se tratar dos anticoncepcionais sem condená-los. De seu lado, os liberais também afirmam que a Igreja perderá autoridade se não mudar de orientação. Argumentam êles que a fôrça da Igreja ficará dràsticamente reduzida, pois muitos católicos já desafiam o Vaticano usando diversos métodos anticoncepcionais, e que alguns milhões a mais farão o mesmo, qualquer que seja a decisão do papa.

SEGUE

Agora a ciência promete uma pílula para o homem

"Seremos 100 milhões de pobres em 1970; 225 milhões de párias no ano 2.000".

Uma vez que a pílula não interfere no ato sexual, e desde que sua ação supostamente imita a da natureza, colocando os ovários numa fase de descanso, por que seria imoral usá-la, já que a Igreja permite, hoje, o contrôle da natalidade pelo cálculo do período de infertilidade da mulher? Esta a grande pergunta de milhões de católicos.

"Pílula é complicada"

Os sociólogos da comissão do Vaticano, por outro lado, também acharam que a pílula não é a solução para o problema populacional do mundo, por ser cara demais para a população pobre dos países subdesenvolvidos. Tomá-la é muito complicado para a maioria das pessoas simples, não alfabetizadas. E, finalmente, é preciso um alto grau de motivação para continuar a tomar a pílula, mês após mês.

Qual será a atitude final do papa? Quando se dirigiu à comissão especial, há um ano atrás, disse:

— Êste é um problema que levanta a opinião mundial e preocupa justamente tanto os casais quanto os seus pastôres... Pedimos que não se perca de vista a urgência de que precisamos para que a Igreja possa orientar, sem ambigüidades. As consciências dos homens não podem ficar expostas a incertezas que hoje impedem que a vida matrimonial, muitas vêzes, se desenvolva de acôrdo com os planos de Deus. Em acréscimo a estas questões, têm-se levantado também problemas sociais e econômicos. Países que conhecem as sérias dificuldades de caráter social devem fazer ouvir suas vozes...

Mas foi também o papa quem disse, na ONU, em outubro do ano passado:

— Deveis vos empenhar em multiplicar o pão para que êle não falte à mesa da Humanidade, ao invés de favorecer o contrôle artificial de nascimentos, que seria irracional, a fim de diminuir o número de convivas no banquete da vida.

A verdade é que, até agora, nada conseguiu deter o uso crescente de anticoncepcionais, mesmo os menos eficientes e cômodos que a pílula e o DIU. Êles vão continuar sendo consumidos até que surja algo melhor. E isso vai acontecer num futuro muito próximo.

Já estão em fase de experiência, nos Estados Unidos, injeções que podem impedir a ovulação de um a 3 meses, conforme a dosagem, outras que suprimem a ovulação e a menstruação por 6 meses a um ano.

Vacinas em estudos

Vacinas também começaram a ser estudadas. Extrato de espermas do marido seria injetado na mulher e isso possibilitaria a formação de uma camada protetora no óvulo, impedindo que o espermatozóide o fecundasse.

Também para homens está em fase de experiência uma pílula, à base de **nitropirrol,** que atua nas glândulas genitais, esterilizando o líquido seminal. Sua ação duraria 3 semanas.

Mas a pílula que mais promete é a **pílula da manhã seguinte,** que poderia ser tomada até 2 ou 3 dias após o ato sexual. Essa pílula está sendo estudada pelo Instituto Weizmann, de Israel, e se baseia numa substância chamada **ergocornina.**

Em compensação para as mulheres que se queixam por não engravidar, o professor Carlos Gemzell, da Suécia, tem uma pílula milagrosa: há pouco tempo, duas mulheres lamentaram a falta de filhos. Tomaram as pílulas de Gemzell e menos de um ano depois seus maridos não sabiam se riam ou choravam: ambas tinham tido quintuplos. FIM

valorize o seu trabalho!

... com

NIULAC

CONCENTRADO

- EXCEPCIONAL TINTA À BASE DE LACA NITROCELULOSE
- Oferece luxuoso acabamento à pistola em qualquer tipo de veículo
- Secagem rápida — brilho excepcional!

OU...

SINTEX

- **ESMALTE SINTÉTICO PARA PINTURAS RÁPIDAS E PERFEITAS**
- **Fácil aplicação a pincel ou pistola**
- **Excelente para Carros — Máquinas — Geladeiras — Móveis — Brinquedos — Portas e Janelas - etc.**

PRODUTOS

MSA
SÍMBOLO DE QUALIDADE

verbo

PREÇOS E CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS PARA REVENDEDORES - OFICINAS E EMPRÊSAS DE TRANSPORTE

Rio de Janeiro - S. Paulo - B. Horizonte
Salvador - Recife - Belém - Niterói - Pelotas
P. Alegre - Fortaleza - Marília - Vitória

Mesbla

EMPRÊSA 100% NACIONAL — MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO BRASIL

O general Costa e Silva faz anos daqui a 5 meses. Mas já existem fortes motivos para que os seus amigos lhe desejem

FELIZ ANIVERSÁRIO SEU ARTUR

Texto de Luiz Fernando Mercadante

— Eu sei que a parada vai ser dura. Mas quando saio na chuva é para me molhar. Sou brasileiro, maior, vacinado e tenho uma boa fôlha de serviços prestados ao País. Não pedi, nem peço nada. Simplesmente aceitei um convite: sou candidato a candidato, aguardando o pronunciamento partidário. E é só.

O homem de terno marrom termina a frase, sorri, limpa o suor da testa com um lenço branco, tira os óculos escuros e os substitui por outros, ainda mais escuros. Quem teve tempo para ver seus olhos, viu que êles são castanhos, bem claros e brilhantes como os de um menino arteiro.

Para espantar o silêncio da sala, o homem de cabelos e bigodes grisalhos ergue suas espessas sobrancelhas e faz outra frase:

— As pedras do caminho não me assustam.

— Muito bem, seu Artur — aplaude um dos amigos presentes.

E seu Artur ri satisfeito, porque se há coisa de que êle goste é ser chamado de seu Artur. Na intimidade e pelo povo. No Ministério ou nas ocasiões oficiais êle deixa de ser o seu Artur e se transforma no general-de-exército Artur da Costa e Silva, ministro da Guerra. Mas no fundo, a qualquer hora e em qualquer situação, êle é e será sempre o seu Artur. Assim dizem os seus amigos.

Uma figura

Na tarde de 1.º de maio de 1964, exatamente um mês após a Revolução, os portões do Maracanã foram abertos ao povo para um jôgo entre Flamengo e Santos, com entrada grátis para festejar o Dia do Trabalho. Mas ainda havia muita tensão no ar, as prisões estavam cheias e as 120 mil pessoas que foram ao Maracanã encontraram-no fortemente policiado por soldados do Exército armados de metralhadoras. Temia-se algum distúrbio.

Quando Pelé pegou a primeira bola, o público esqueceu os soldados, e os soldados esqueceram o público: houve até um soldado que sentou numa escada com a metralhadora abandonada no colo. No comêço do segundo tempo, com o Flamengo já vencendo e a torcida explodindo em delírio, os alto-falantes anunciaram:

— Está na tribuna de honra sua excelência o ministro da Guerra, general Artur da Costa e Silva.

SEGUE

FELIZ ANIVERSARIO CONTINUAÇÃO

Seu Artur tem cara de mau, é gaúcho

Fêz-se um silêncio fúnebre e durante um interminável minuto só se ouviu o toque das chuteiras na bola e o seu quicar macio no gramado. Hoje, dois anos passados, a coisa seria diferente: haveria palmas, algumas vaias, mas não faltaria calor. Seu Artur já é uma figura.

A cara feia

Seu Artur não tem cara de muitos amigos. Quando não está falando ou sorrindo, seu ar fechadão e seu rosto vincado de rugas, combinados com os seus infalíveis óculos escuros — habituais por receita médica — lhe dão uma aparência enganadora. Mas sua simpatia natural, sem um pingo de afetação, vem no primeiro contato. É só lhe dizer bom dia e êle responderá com um bom dia gordo, de quem deseja realmente um bom dia. De longe, porém, êle tem cara de mau.

Uma vez o general Nélson de Melo lhe disse:

— Você aparece muito carrancudo nas fotografias. Precisa sorrir mais para o público ter melhor impressão sua.

Seu Artur não se perturbou:

— São ossos do ofício, Nélson. Eu tenho que bancar o urso e o Castelo é o bonzinho.

Os que o cercam, entretanto, sabem que de urso não tem nada êsse homem emotivo e sensível, capaz de passar horas brincando com os netos, de chorar diante do muro de Berlim como aconteceu em sua recente viagem ao exterior, de se preocupar com a saúde dos empregados de sua casa e de cantar, a todo pulmão, o **Parabéns a Você** numa festinha de aniversário.

Um gauchão

Aos 63 anos de idade, seu Artur continua a ser bom gaúcho. Se lhe perguntarem onde nasceu, dirá:

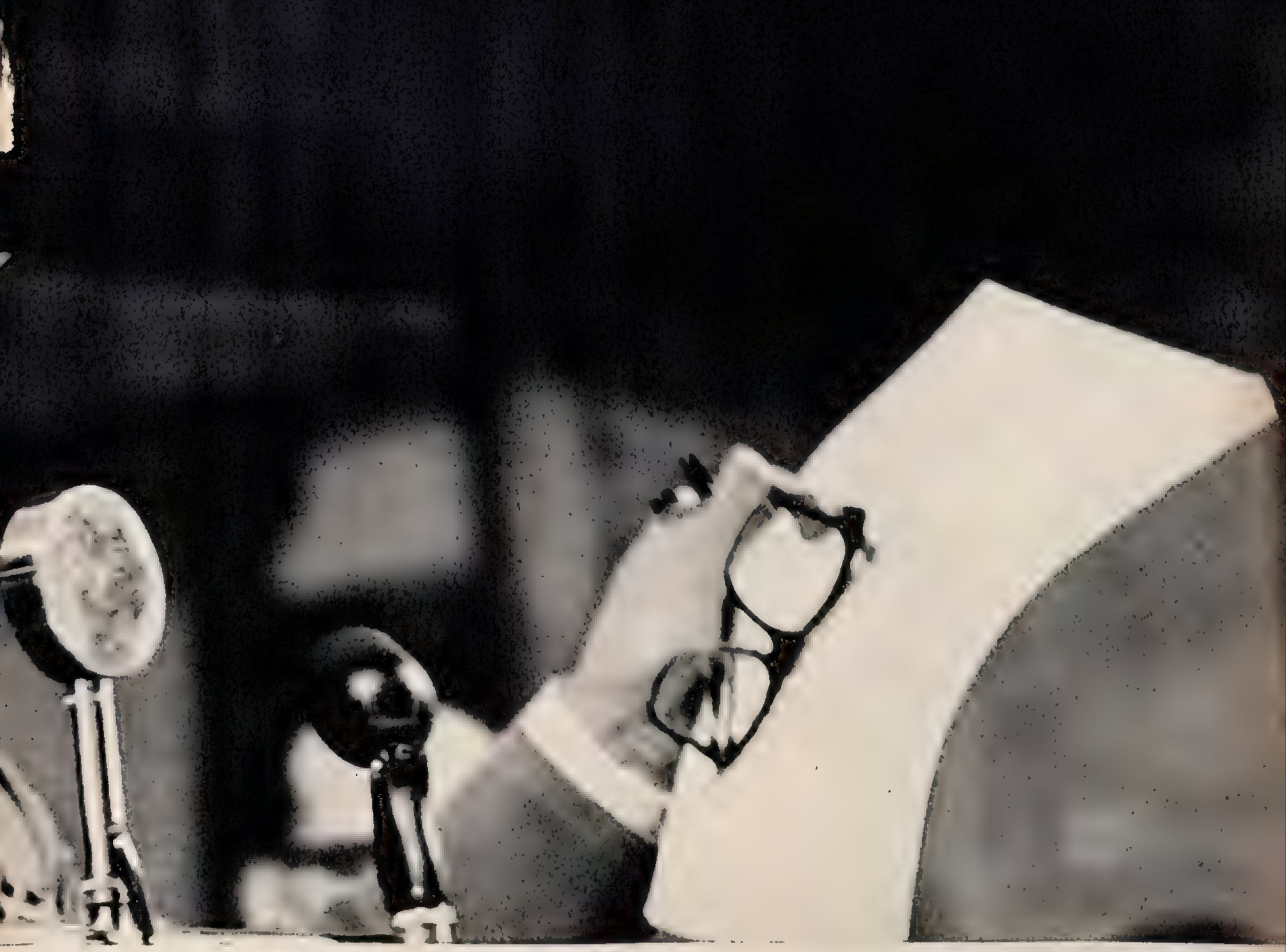
— Taquari. Bonito lugar.

Não recusa chimarrão, ainda que não o tome por hábito; conserva claro o sotaque do Sul; e tem grande amor pelos cavalos.

— Fôsse diferente e não seria gaúcho — explica sua mulher, dona Iolanda, 10 anos mais nova do que o marido, dona de casa dedicada e eficiente a quem seu Artur entrega seus envelopes de pagamento desde quando se casou, tenente, até hoje que é ministro.

Ao contrário do que muita gente pensa, seu Artur não é rico. Tem um modesto apartamento de 5 peças no Jardim Botânico, Rio, e um outro, que ainda está pagando, em São Paulo. E nada mais, a não ser uma casa que herdou no Rio Grande do Sul. O palacete em que vive com a espôsa, o filho tenente-coronel, a nora e os 4 netos — ao lado do Maracanã — e a casa que usa em Petrópolis pertencem ao Ministério da Guerra. O Aero-Willys particular que serve sua família foi comprado a prazo.

Seu Artur freqüenta corridas de cavalos desde seus tempos de mocinho em Pôrto Alegre. Antes de ser ministro era freqüentador habitual das sociais do Hipódromo da Gávea. Quando morou em São Paulo conhecia direi-



os bons, gosta de cavalos e sabe chorar

tinho o caminho do prado de Cidade Jardim. Depois de ministro, acompanha o turfe pela TV e só vai ao hipódromo nos grandes dias.

A acumuladinha

Correm lendas sôbre seu gôsto pelos cavalos. Mas seus companheiros de Jóquei Clube sabem que em matéria de jôgo êle é um diletante. Passa semanas sem jogar e quando aposta é sempre o mesmo jôgo: uma acumuladinha de 4 duplas, 2 a 2 a mil cruzeiros, 3 a 3 a mil cruzeiros e mil cruzeiros no duro. Os entendidos acham que êsse joguinho é fraco: 11 mil cruzeiros no total. No ano passado, só uma vez êle acertou a acumulada inteira. Então, ganhou 510 mil cruzeiros e ficou contente o mês todinho. Quando lhe dão um palpite muito firme êle arrisca 5 mil cruzeiros. Se o cavalo não entra, fica zangado. No último Grande Prêmio Brasil, porém, quem o visse quando Zenabre cruzou o disco de chegada diria que o homem arriscara um milhão no vencedor. Todo feliz, na tribuna de honra, seu Artur agitava pules de 5 mil cruzeiros. O cavalo pagou alto, êle ficou feliz e fêz uma frase:

— A vitória só bafeja a quem acredita nos nacionais.

Até o último ano o Dia do Soldado era uma data comemorada em todo o País com desfile e, no máximo, banquetes. No ano passado, porém, seu Artur abriu o salão de recepções do Ministério da Guerra e ofereceu um jantar e um baile à sociedade carioca. Até Marta Rocha estêve lá. A galeria de retratos dos ex-ministros da Guerra, as pesadas cortinas, os velhos tapêtes, os lustres antigos e as vidraças de cristal francês ouviram, pela primeira vez no Palácio da Guerra, valsas, sambas, bossa nova. Um contínuo do Ministério jura que viu um bêbado indignado parar diante do panteão de Caxias, em frente ao Palácio, e brada:

— Pois é Caxias, tu ficas aí montadinho no teu cavalo e o seu Artur está lá em cima mandando brasa.

Em sociedade, seu Artur é um sucesso. A atriz sueca Gunner Lindblom — de **O Silêncio** — depois de conversar 15 minutos com o ministro numa recepção aos participantes do Festival Internacional de Filmes da Guanabara disse-lhe, ao se despedir:

— O senhor não é o ministro da Guerra. O senhor é o ministro da Paz. Seu Artur sorriu, satisfeito. Logo adiante virou-se para um acompanhante, apontou para uma bonita mulher que estava de costas e perguntou:

— Quem é aquela fidalga?

O bom papo

Antes da sua candidatura, seu Artur era um dos pratos prediletos dos repórteres Tinha sempre declarações a fazer e as fazia, algumas, com muito espírito. Agora, anda caladão. Foge da imprensa o quanto pode e os seus assessôres atribuem êsse mutismo a um compromisso com o marechal Castelo Branco.

— Não é hora de pôr lenha na fogueira — dizem.

SEGUE

Se ficar bravo, seu Artur vai chutar os

Mas em sua viagem pelo exterior teve que enfrentar entrevistas coletivas. Em Roma, quando um jornalista lhe perguntou por que queria ser presidente do Brasil, respondeu:

— Ah! Se lhe oferecessem a presidência da Itália o senhor não ia querer não?

No Líbano, uma repórter quis saber o que êle pensava sôbre o futuro político do ex-governador Carlos Lacerda. Seu Artur coçou o queixo e retrucou:

— Minha filha, o que é que o Lacerda tem com esta minha viagem?

E já no Rio, diante das câmeras das televisões quando lhe fizeram uma indagação mais delicada, exclamou:

— Homem! Essa tá difícil de responder.

Há ainda quem se lembre de uma palestra que fêz na televisão. Ao dizer que "certo jornal destilava peçonha sôbre sua cabeça", deu um tapinha na cabeça e fêz muita gente rir.

Um capote

Durante os 42 dias em que percorreu o Oriente Médio e a Europa, em janeiro e fevereiro passados, o general Artur da Costa e Silva foi muitas vêzes fotografado com um grosso capote de lã negra. Não perdia o sobretudo de vista e mandava escová-lo todos os dias. Tanto cuidado tinha uma explicação: o capote não era seu. Quem lhe emprestou, para enfrentar o inverno europeu, foi um seu amigo, de muitos anos, de mais de 50 anos, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Ambos se conheceram no Colégio Militar de Pôrto Alegre, ainda meninos, e desde então são amigos. No Colégio, o general foi comandante-aluno; o marechal, major-aluno. Dêsse tempo, seu Artur guarda com carinho em sua estante um livro com didicatória afetuosa: "Ao mais distinto aluno da nossa turma, oferece o Cearense". Êsse cearense da dedicatória é o próprio Castelo Branco, o mesmo que emprestou o capote que serviu para esquentar seu Artur na Europa.

Essa velha amizade tem resistido a tudo, desde as intrigas até o perigoso jôgo da política.

— E da minha parte é uma amizade indestrutível — afiança o seu Artur.

As crianças

No mês passado, Artur, de 12 anos, o néto mais velho, deu um susto na família. Teve apendicite aguda, foi removido às pressas para um hospital e operado de madrugada. Seu Artur nessa noite não dormiu. Ficou até cedinho ao lado do neto e só foi descansar quando o garôto lhe disse que tudo estava bem outra vez. Seu Artur sai com os 4: Artur, André Luís, Alexandre e Carla, de 1 ano e 7 meses. Vão sempre comprar sorvetes ou doces. Os 4 netos e o avô que, apesar do regime, não resiste a sorvete nem a doce.

Quando está no Rio, sempre que lhe sobra um tempinho, o ministro vai brincar com os netos no quintal cheio de árvores do Palacete Laguna, sua residência oficial. Ali há um tanque com dois barquinhos e os netos têm espaço para correr à vontade. Seu Pedro, o mais antigo empregado de Laguna, já surpreendeu seu Artur colado atrás de uma árvore brincando de esconde-esconde. Outras vêzes, o avô conta histórias, quase sempre de soldados que foram heróis e que morreram cumprindo o dever. As crianças gostam muito daquela do **Corneteiro de Jesus,** um soldado que na batalha de Tuiuti recebeu ordem para tocar retirada e tocou, por sua conta, o toque de avançar. Seu entusiasmo levou os brasileiros a atacar com tanta energia que os inimigos fugiram espavoridos.

Um durão

— Mas que êle é duro na queda, isso êle é — diz quem o conhece — e em matéria de disciplina é inflexível. Mais de uma vez teve que punir oficiais seus amigos, gente de sua inteira confiança e a quem êle quer muito bem. Não hesitou. Puniu mesmo. Até com prisão.

Além de duro, o general é rude quando quer. Se alguém lhe pede ou sugere alguma coisa menos honesta, seu Artur bota a bôca no mundo. Uma vez deu uma corrida num grupo de industriais que queriam usar seu prestígio para negócios particulares.

Um dia os bombeiros de São Paulo se amotinaram. E ao amanhecer marcharam desarmados pelo centro da cidade até o Palácio do Govêrno. Tanques do Exército e metralhadoras cercavam o quarteirão, o governador Carvalho Pinto e seus auxiliares também se armaram. O general Costa e Silva, então comandante da 2a. Divisão de Infantaria, também estava lá. E quando a tropa rebelada fêz alto em frente ao Palácio êle saiu sòzinho de lá de dentro, gritando:

— Isto é indisciplina!

E deu a voz de comando:

— Tropa, sentido!

Os bombaeiros se enquadraram e êle ordenou a um subalterno:

— Conduza a tropa ao quartel.

Os bombeiros se enquadraram e êle ordecados por tanques e chorando.

Depois, seu Artur trocou duas palavras com os repórteres e voltou esfregando as mãos:

— Pronto — disse ao ajudante de ordens — acabou-se a rebelião.

A canhota

Seu Artur só usa a mão esquerda quando está bravo. Sua mulher conta que quando êle começa a gesticular com a canhota a coisa fica preta. E geralmente fica mesmo. Quando o Flamengo está perdendo, e êle está acompanhando no estádio ou pela televisão, começa a dar soquinhos com a mão esquerda fechada na palma da mão direita. Êle é flamengo doente.

Mas êsse homem franco, rude e autoritário, tem o seu lado ameno: gosta de dançar com a espôsa e, às vêzes, põe um disco na vitrola e dá uns volteios com dona Iolanda pela sala; aprecia boas anedotas e as conta com muita graça; levanta-se sempre assobiando e arrisca um lá-lá-lá-lá no chuveiro; é capaz de passar uma hora entretido com o nascer ou o pôr do Sol; acha o mar muito bonito mas se entusiasma mesmo é diante de montanhas; antes de ser ministro saía para longos passeios matinais carregando uma bengalinha e balas para as crianças que ia encontrando no caminho; e escreveu muita poesia quando môço. Uma delas começa assim:

— Eu sou a abelha do amor.

Uma aspiração

Ser presidente da República é o desejo dêsse general tão falado e tão pouco conhecido que sentou praça em 1918 e que chegou a general aos 49 anos de idade. Há um ano, quando lhe falavam nessa possibilidade, êle enrubescia. Depois, muita coisa aconteceu, e já faz alguns meses que êle trata do assunto com a maior tranqüilidade. Colocou sua candidatura antes de viajar em janeiro e ao partir disse que "viajava ministro e voltaria ministro". Voltou ministro. E, mais do que nunca, candidato. Os 3 mil oficiais das 3 armas que foram ao seu embarque e à sua chegada mostraram o prestígio do seu nome dentro das Fôrças Armadas. Os otimistas dizem que êle conta com 80% da oficialidade; os pessimistas ficam nos 70%. No Congresso Nacional, de onde sairá o nôvo Presidente, seu Artur já armou um esquemá poderoso. Dentro da Arena, partido que deverá indicá-lo, êle já conta com 186 parlamentares jurados. Seus partidários afirmam que na simpatia popular seu nome vem crescendo na medida em que êle representa as aspirações

obstáculos. E chutar forte.

do povo por uma vida melhor, menos sacrificada, mais digna e mais humana.

A plataforma

A plataforma de govêrno do general Artur da Costa e Silva vai partir de um binômio: Paz e Produção. Seus assessôres asseguram que o tema central de sua candidatura será êsse.

Seu Artur sabe que sem paz e sem produção não se chega ao desenvolvimento. E o que êle se propõe é pacificar a família brasileira e estimular a produção de tal modo que o País acelere sua marcha para o desenvolvimento.

Pessoas que o acompanharam em suas andanças pelo exterior revelam que a maior preocupação do general Costa e Silva no decorrer de tôda a viagem foi sempre a de conhecer de perto, em cada um dos 7 países que visitou, as soluções executadas pelos governos para equacionar os problemas de habitação, alimentação, educação e assistência social. Visitou os silos da Alemanha, as casas populares da França e da Itália e as escolas inglêsas.

Outro sonho do general é oferecer uma paz integral a tôdas as facções políticas nacionais e levar as correntes a trabalharem com êle pela prosperidade do Brasil. Êle não diz, mas seus colaboradores sabem que sua maior obra será a de encaminhar o País para uma redemocratização ampla e sem preconceitos.

Um político

Surpreendentemente hábil, o general Costa e Silva vai consolidando sua candidatura dia a dia. Ora cala, ora solta uma frase e evita sempre os tropeços. Até agora vem contornando todos os obstáculos. Logo mais vai começar a saltá-los. Se ficar bravo, então passará a chutá-los. E dizem que êle chuta forte.

Seu Artur faz questão de se dividir: o candidato e o ministro. As manhãs e as noites passa-as em casa e dedica-as à política. As tardes, está pontualmente no ministério, seja no Rio, ou em Brasília. E no ministério só trata de assuntos do ministério.

Os senadores, os deputados, os líderes sindicais — êsses êle recebe em casa. E tem feito admiradores, cada vez que recebe um grupo. Ouve atentamente tudo o que lhe dizem e, quando fala, o faz descontraído, de um modo informal e tranqüilo. Deixa os visitantes à vontade. Não se preocupa em brilhar, mas em entender e em se fazer entendido. E consegue porque clareza é o que não lhe falta.

O professor Vicente Rao, conhecido jurista manteve um encontro de 2 horas com o general Costa e Silva. Saiu impressionadíssimo e confidenciou a amigos:

— Digam o que disserem, o general tem uma cultura esplêndida.

O candidato

O cronista Ibrahim Sued, entusiasmado partidário da candidatura de seu Artur, costuma dizer que "depois de um Deodoro é preciso um Floriano para chegar a Prudente de Morais". Seu Artur é o Floriano de Ibrahim.

Já o teatrólogo Nélson Rodrigues é definitivo sôbre a candidatura de seu Artur:

— Nunca houve um candidato tão presidente, tão eleito, e tão empossado.

Para o sr. Carlos Lacerda, a candidatura Costa e Silva "é boa na medida em que represente o contrário do que está aí". Mas para o presidente Castelo Branco é exatamente o inverso, isto é: a candidatura do seu colega de Colégio Militar é boa na medida em que signifique a continuação do seu govêrno.

Ao homem comum, da rua, do povo, a candidatura do seu Artur será a de um candidato em que não se vai votar diretamente. Um motorista do Rio afirma mesmo que se sente castrado em relação às eleições.

— Se eu não votar, nem digo nada. Êles que se virem.

Um presente

E enquanto não se abrem as convenções partidárias, seu Artur vai indo, bom como sempre, levantando cedinho, lendo **todos** os jornais, tecendo com habilidade sua teia eleitoral, dirigindo seu ministério, onde vem realizando obras de vulto — como a construção de milhares de casas para os militares — tomando seu uìsquezinho — puro, com gêlo — relendo seus clássicos de vez em quando e deitando tarde.

Se tudo correr bem para êle, bem mesmo, às 16 horas do próximo dia 3 de outubro o senador Auro Soares de Moura Andrade abrirá a sessão do Congresso que o elegerá presidente da República. Os 475 parlamentares votarão nominalmente, Estado por Estado, do Norte para o Sul. Três mil pessoas estarão atulhando as galerias da Câmara, onde se realizará a sessão. Do outro concorrente, não se sabe o nome. Nem dos vices. Mas é muito possível que seu Artur esteja firme no páreo e também que ganhe disparado. Será a realização de um sonho e até um presente de aniversário. Seu Artur faz 64 anos a 3 de outubro. FIM

você vai torcer para êste inverno durar até... o outro.

Depois de conhecer a nova linha-inverno PULLSPORT, voce vai querer que esta estação nunca termine. Vai ter vontade de usar, um por um, todos os modelos. E note que são muitos: cada 120 minutos a PULLSPORT cria uma novidade. Com certeza não vai dar tempo para você vestir tôdas durante o inverno. Afinal de contas, o verão existe...

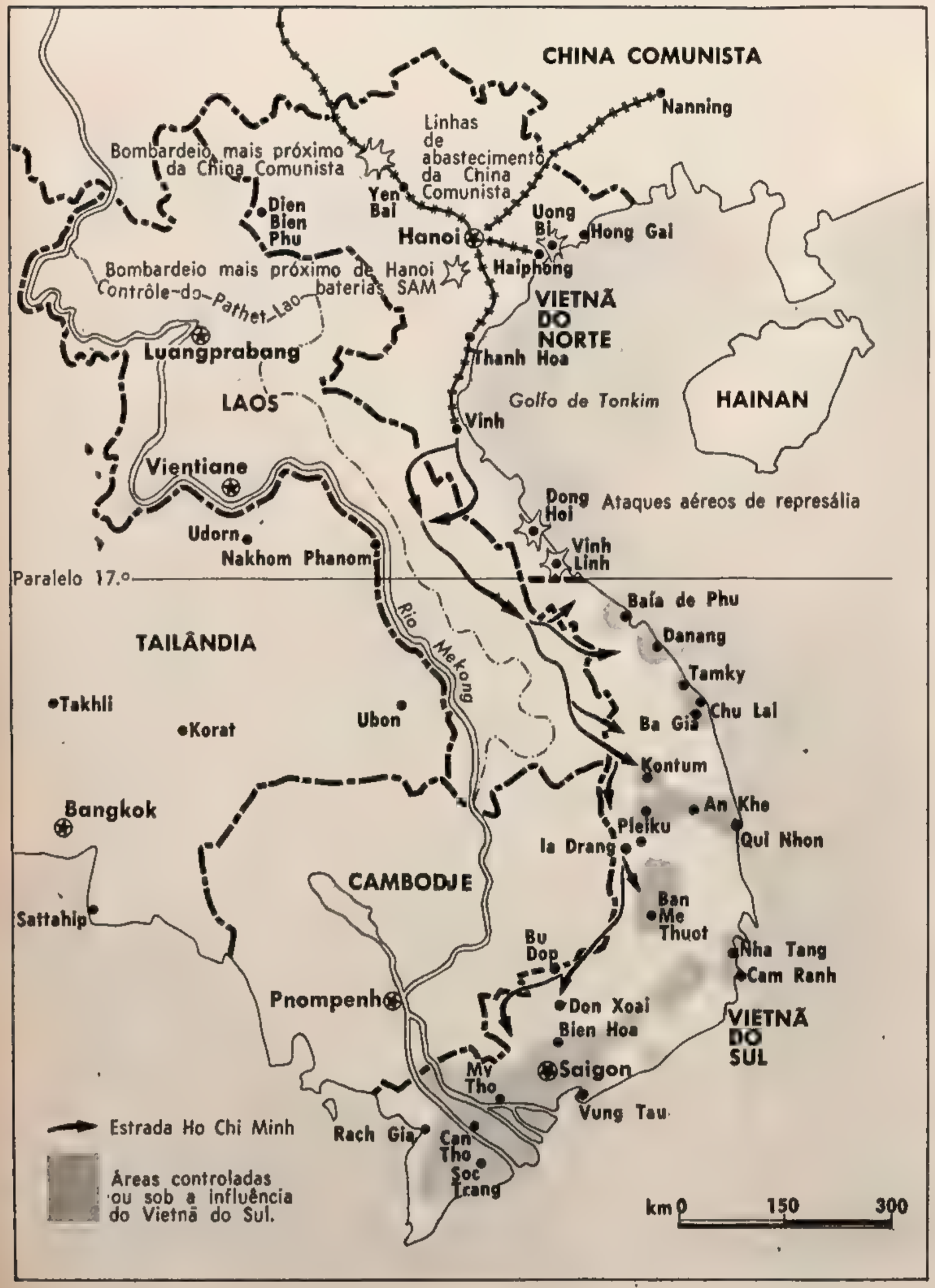
PULL SPORT
modas e malharia da mais alta classe

COMPANHIA PULLSPORT DE MALHARIA R. PIRES DA MOTA, 838 END. TELEG.: "PULLSPORT" SAO PAULO – AV. RIO BRANCO, 156 30.º CONJ. 3013/14/15 TELS.. 42 5091 e 32 2460 RIO

Veja no numero de abril de JÓIA, a coleção completa PULLSPORT para o inverno.

seleção Rhodia

No sudeste da Ásia, um povo vive lutando. Primeiro foi o ataque japonês, mais tarde a guerrilha de Ho Chi Minh expulsando os franceses. Agora, com o mundo livre tentando barrar o avanço comunista, a velha Indochina sangra como nunca



Há mais de um ano, começava no Vietnã a **escalada** americana.

Êsse envio maciço de tropas, treinadas em cursos antiguerrilhas, sòmente se atenuou no fim de 1965 com o apêlo do papa e o desfêcho, quase simultâneo, da ofensiva de paz do presidente Lyndon Johnson.

A escalada elevou a presença estadunidense no Vietnã, de 33 mil conselheiros (do plano de assistência militar, técnica e econômica ao govêrno do Vietnã do Sul), em 1954, para mais de 300 mil soldados, poderosamente reforçados pela Fôrça-Tarefa da Sétima Frota, pelos esquadrões dos gigantescos aviões B-52, e a permanente disponibilidade de auxílio das bases que os americanos mantêm na Tailândia, Okinawa e outros pontos do Pacífico.

As operações maciças de transporte, iniciadas em maio do ano passado, colocaram no Vietnã um efetivo de 100 mil homens em 120 dias, num recorde de rapidez que demonstrou a impressionante mobilidade do poder bélico dos Estados Unidos.

O apêlo de paz do papa resultou na trégua do Natal e na suspensão, por pouco menos de um mês, dos bombardeios americanos contra o Vietnã do Norte.

Mas os combates em terra logo recomeçaram no Sul, e os bombardeios foram reiniciados. Nos Estados Unidos, os **vietniks** continuam seus protestos; os senadores Fulbright e Wayne Morse lideram a oposição parlamentar à política oficial na Ásia. E, enquanto a China ameaça enviar tropas para o Vietnã, se Hanói e Taiphong forem bombardeadas, e o Pentágono acelera seus planos de aumentar as fôrças americanas na Ásia, o govêrno do Vietnã do Sul enfrenta divisões no próprio Exército e uma oposição civil mais forte do que nunca. Isso depois de Johnson ter estudado em Honolulu, com seus assessôres e os membros do govêrno de Saigon, o problema da antiga Indochina, que há 25 anos vem sangrando a Ásia na guerra mais longa do século.

Tudo começou durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1941, logo após o ataque relâmpago a Pearl Harbor, os japonêses ocuparam tôdas as colônias e possessões européias na Ásia. Na Colônia Francesa da Indochi-

VIETNÃ: 25 ANOS DE GUERRA

na, a única fôrça de resistência aos japonêses foi Ho Chi Minh, que organizou a Frente Patriótica, constituída de comunistas e nacionalistas dispostos a lutar pela independência.

Logo após a derrota do Japão, em 1945, Ho Chi Minh, chefe da única organização política indochinesa que não havia colaborado com os japonêses, tomou providências para impedir que os franceses retomassem a antiga colônia. Organizou o govêrno, proclamou-se o primeiro presidente do Vietnã estendendo o seu contrôle sôbre tôda uma região que compreendia Tonkim e Hanan, ao norte, e a Cochinchina, ao sul. A França convocou Ho Chi Minh para a conferência de Fontainebleu. O bombardeio de Haiphong pela Marinha francesa, porém, eliminou a possibilidade de negociação. O líder vietnamita regressou então a Hanói e os franceses iniciaram a longa e inútil guerra da reconquista.

Nessa guerra, começada em 1946 e terminada em 1954, os franceses tinham a superioridade que lhes dava a abundância de armas modernas. Polìticamente, porém, só se apoiavam no desmoralizado Imperador Bao Dai e em seu **premier** Ngo Dinh Diem. Por seu lado, Ho contava apenas com o nacionalismo dos que queriam o país independente. Isso até 1950, quando os comunistas conquistaram o poder na China. Daí em diante, com o auxílio de Pequim, as fôrças de Ho, sob o comando de Vo Nguyen Giap, impuseram sucessivas derrotas aos franceses, a última em Dien Bien Phu.

Pouco antes do cêrco de Dien Bien Phu, a França lançou um apêlo aos Estados Unidos, mas o presidente Eisenhower recusou ajuda e os franceses tiveram de negociar a paz: em Genebra, uma conferência internacional reconheceu a independência do Laos e do Cambodje e dividiu o Vietnã em duas partes, separadas pelo Paralelo 17 — a do norte, de Ho Chi Minh, comunista, com capital em Hanói, e a do sul, do imperador Bao Dai, filo-ocidental, com capital em Saigon.

Mas, na prática, não chegou a haver paz: logo os guerrilheiros do Vietcong, organização comunista que queria a união com o Norte, entraram em ação no Vietnã do Sul. Para salvar a paz, o govêrno de Saigon resolveu realizar eleições, estabelecer uma constituição e reformular o govêrno. O imperador obteve apenas 63 mil votos contra quase 6 milhões dados ao seu concorrente, o ex-primeiro-ministro Ngo Dinh Diem. E o Vietnã do Sul se transformou numa república presidencialista, com Diem como chefe de Estado. Bao Dai foi para a França, ao mesmo tempo em que Hanói chamava de farsa as eleições e os vietcongs intensificavam suas atividades contra Saigon.

À medida que aumentava a precariedade do govêrno Diem, crescia a popularidade de Ho Chi Minh e com isso a ameaça de comunização de todo o Sudeste Asiático. Os Estados Unidos resolveram então sustar êsse processo, ocupando o vazio deixado pelos franceses. Eisenhower passou a apoiar Diem econômica, técnica e militarmente.

Definiam-se os campos de influência: Hanói sob a de Pequim, Saigon sob a de Washington. A posição dos americanos, porém, era diferente da dos franceses, pois êstes lutaram para **ficar,** enquanto os Estados Unidos queriam manter o Vietnã do Sul livre dos comunistas.

Em 1961, com a eleição de Kennedy, intensificou-se a participação americana. O nôvo presidente logo se convenceu da impossibilidade de projetar uma imagem simpática dessa participação, enquanto ela se identificasse com o govêrno corrupto de Diem, sem o menor apoio popular. Êsse dado tornou-se evidente para o mundo inteiro quando o bonzo Tching Quang Duc se deixou consumir pelo fogo, em pleno dia, numa rua central de Saigon, protestando contra Diem. Logo depois, o govêrno sul-vietnamita era derrubado e Diem assassinado.

Desde 1963, dez governos se sucederam em Saigon, numa série de golpes. Mas no fundo, o panorama não muda. Ao contrário, piora: a ameaça de extensão do conflito está agora sempre presente. Tudo isso afasta a idéia da reunificação dos dois Vietnãs, um dos pontos fundamentais do acôrdo de Genebra. A união deveria se processar através de eleições livres que não interessam nem a Saigon nem a Hanói.

Sem que haja guerra declarada entre os dois, a luta do Vietnã envolve cada vez mais profundamente os Estados Unidos e a China. Ambos dizem querer a paz. Mas Hanói, amarrada por Pequim, não aceita as recentes propostas americanas e a **paz chinesa** é a entrega de todo o Sudeste Asiático ao domínio dos comunistas.

Resta a tese de neutralização, defendida por De Gaulle: armistício, eleições gerais fiscalizadas e reunificação do país, com a adoção de um estatuto de neutralização.

A Washington essa tese não agrada. A neutralização implicaria na retirada total dos soldados americanos, o que resultaria, quase com certeza, na comunização do Vietnã do Sul e rompimento do atual equilíbrio de fôrças no Sudeste Asiático.

Pequim, por seu turno, não admite a realização de eleições gerais e livres sob a fiscalização da ONU.

Enquanto isso, o conflito se agrava. Nova Zelândia, Austrália, Japão e Coréia do Sul já enviaram contingentes simbólicos de apoio à luta contra o comunismo. A Tailândia, filo-ocidental, fornece bases para os Estados Unidos. Já o Cambodje, ao lado da China, alia-se ao govêrno de Hanói. O Laos, dividido, joga com ambas as facções em luta no Vietnã.

Os Estados Unidos, numa demonstração de boa vontade, suspenderam os bombardeios do Vietnã do Norte entre 23 de dezembro e 31 de janeiro, aguardando uma atitude positiva de Hanói, que não veio.

Agora, em Huê, Da Nang, Saigon, lideRados pelos budistas, aos quais já se uniram os católicos, os vietnamitas do Sul desafiam o regime militar e exigem eleições imediatas para a constituição de um govêrno civil e independente.

O mundo inteiro deseja a paz, alguns ativamente, outros de forma passiva, mas ninguém quer **perder a face.** E enquanto não se encontra a fórmula honrosa, o povo vietnamita vai se nutrindo da miséria, do mêdo e do ódio, as únicas coisas que êle conhece há um quarto de século.

Carmen da Silva analisa Roberto Carlos

CLAUDIA maio

VIAGEM AO INFERNO

Êste é o depoimento de dois repórteres, Claude Sauer e Jean Durieux, que durante 90 dias estiveram entre os que nascem, sofrem e morrem no Vietnã.

Os pais destes meninos acabam de morrer. Êles viram tudo. Estilhaços de granada feriram o menor.

SEGUE

Dois inimigos: sanguessuga e pontas de aço sob a folhagem.

Vimos os americanos tombar de esgotamento

Com o lança-granadas, um pára-quedista atravessa o riacho.

"Ao norte de Bien-Hoa, assistimos à luta do elefante contra o rato. Um vietcong isolado acaba de atirar na vanguarda da 173.ª divisão aerotransportada. Escondemo-nos na selva. O comandante americano pede pelo rádio a intervenção da artilharia e da aviação. E logo disparam os canhões e surgem os aviões **Skyraiders:** 20 minutos de bombardeio. Mas nada parece deter um único vietcong. Uma hora mais tarde, a 3 quilômetros dali, o guerrilheiro abre fogo de nôvo. De emboscada em emboscada, a operação dura 6 dias. Resultado: 25 km de floresta varridos, 9 mortos, 2 prisioneiros.

"Os pára-quedistas que fazem esta guerra brutal vêm da base de Okinawa, onde os veteranos das lutas contra japonêses e coreanos do norte lhes ensinam, por 3 meses, como viver e combater na selva. E contudo, após duas horas de marcha, êles tombam de esgotamento, derrotados pelo mato fechado, que esconde dois grandes inimigos: a sanguessuga e a armadilha de bambu. Para enfrentar êsses adversários invisíveis, os americanos tiveram de modificar suas botas — passaram a usar palmilhas de aço e taparam, com pequenas grades de latão, os furos que permitem a água escorrer de dentro dos coturnos, para evitar as sanguessugas".

SEGUE

Êle procura o atirador isolado; a selva é uma muralha.

Após dias e dias de marcha, o pára-quedista dorme na lama: a floresta cerrada o impede até de estender sua rêde.

Ferido carregado através da floresta, em maca improvisada, nos ombros dos companheiros.

Conselho de guerra para caçar fantasmas

"A foto à direita mostra um verdadeiro conselho de guerra. Debruçado sôbre sua carta de estado-maior, o **conselheiro** norte-americano procura situar a posição do inimigo, de acôrdo com as informações fornecidas pelos espiões e pelos aviões de observação. Mas os vietcongs sabem disso e já escaparam como sombras. No lado americano, rapidez de intervenção e potência de fogo; no lado vietcong, informação, conhecimento do terreno e ciência do combate de infantaria.

"Na Planície dos Juncos, após terem cercado centenas de vietcongs, descobertos na véspera, dois mil homens e dezenas de carros blindados norte-americanos acabam de entregar sua prêsa de guerra: dois prisioneiros (foto à direita, acima). Segrêdo do fracasso — a arte de camuflagem dos vietcongs.

"Pois, como sempre, enterrados em seus túneis, os homens do 1.º Regimento Vietcong — o mais temível — deixaram passar a vanguarda. De repente, êles apareceram atirando nas costas dos **marines**, cercando cada veículo blindado, contra-atacando. Um veterano americano nos confessa:

— É o combate mais duro no qual já pus os pés, desde Okinawa."

SEGUE

Operação-limpeza na planície: dois mil americanos contra 300 vietcongs para fazer dois prisioneiros. Informações da espionagem: o mapa localiza com precisão os guerrilheiros. Mas há tempo e êles fogem.

Dois mil vietcongs cercam Duc-Co. Mas os americanos atacam primeiro e êles morrem às centenas.

O helicóptero desce na rodovia nacional 19, no Vietnã do Sul, a dois km da fronteira cambodjiana, entre feridos e mortos.

Entre trezentos mortos, um menino

Foto acima, à esquerda: "aconteceu em Duc-Co, pôsto de fronteira a oeste de Pleiku, sôbre os planaltos que separam o Vietnã do Sul do Cambodje. Bombardeado com morteiro pelos vietcongs, o pôsto deu o alerta. Uma coluna de 40 veículos blindados foi em seu socorro e caiu numa emboscada.

"Numa operação que exterminou 300 vietcongs, um só foi prêso e teve de ser embarcado à fôrça no helicóptero (à esquerda). No dia seguinte, êle morreria de colapso: a rapidez do aparelho e os vôos rasantes o aterrorizaram. Antes de morrer, o vietcong revelaria um segrêdo: a disenteria, em suas fileiras, mata mais gente que a máquina de guerra dos EUA.

"Havia uma centena de crianças entre as palhoças de Nam-Yen, a 22 quilômetros de Chu-Lai, na Península de Fan-Tuong, no litoral, bem longe de Duc-Co. Dois mil vietcongs prepararam um ataque. De Washington, os **marines** receberam a ordem: atacar antes de serem atacados. Quatro mil **marines** entraram em ação. No fim do combate, junto com 300 guerrilheiros mortos, o cadáver de um menino."

O soldado americano carrega uma criancinha morta. Foi após o bombardeio a Nam-Yem.

UMA VELA CONTRA O MAR

Texto de Narciso Kalili
Fotos de Luigi Mamprin

Um mar de areia cerca Canoa Quebrada. Areia sôlta, fôfa, que sufoca a vila de 300 casas, envolvendo tudo num manto pardo, quase marrom. Os sons desaparecem como os pés dos homens na areia e não se ouve o barulho do mar. Atrás das casas, feitas de barro ou fôlhas de palmeiras, a enorme duna sem vegetação fere a vista quando recebe o sol.

Na porta das casas, silenciosas, a roupa em farrapos, meninas que já são mulheres e mulheres que nunca foram môças gastam os olhos nos furos de um rendado que os mais velhos chamam de **labirinto.** Sentadas no chão, as mulheres de Canoa Quebrada bordam desenhos sempre iguais.

As crianças, olhos vivos e pele queimada de sol, passeiam entre os urubus e galinhas que vivem em volta das casas.

Na bodega do Antero, sétima casa numa das duas únicas ruas da vila, alguns homens jogam o **batidinho,** enquanto outros discutem em voz alta num canto. Todos têm a mesma côr. A pele parece couro velho rachado e êles falam de peixe e de mar.

A praia é um pequeno fio branco entre as barreiras côr de tijolo e o mar azul. Junto a elas estão as rústicas embarcações feitas de paus amarrados em forma de prancha. São jangadas e suas velas têm a mesma côr da pele dêsses homens, os jangadeiros.

Como todos os dias, o velho Pedro Teófilo acordou pronto para o mar.

Ainda era noite quando Maria, sua mulher, sacudira-o pelo ombro, sem uma palavra, e êle saíra da rêde vestindo a camisa esfarrapada, amarrando a calça onde os buracos começavam a aparecer. Sua vontade era dizer alguma coisa a Maria, mas os 3 dias em casa, sem peixe, o haviam deixado vazio e a mulher o olhava desanimada.

Como sempre, pegou a rapadura e a farinha que Maria separara. Sem isso — e a garrafa d'água — não agüentaria as longas horas de mar.

Na bodega de Antero deu a primeira bicada — aquela pinga queimava — antes de sair para a praia. O último gole atirou na areia, enquanto alguém lhe batia nas costas, dando um bom dia. Pedro é respeitado em Canoa Quebrada, embora alguns mais moços digam, quando êle está longe, que aos 70 anos seus olhos cinzentos não enxergam mais. Mas sua fôrça no trazer uma arraia — coisa que êle não faz há muito tempo — ainda é assunto para os antigos companheiros que continuam a falar do grande pescador que êle foi. Hoje, porém, o orgulho do velho é cantar as proezas do mar e êle gosta de repetir o que uma vez um doutor da cidade lhe disse:

— Pedro, você é o único pescador-poeta do Ceará.

Com a **biquara** (vara onde se levam dependuradas as linhas de pesca e os anzóis) nas costas, Pedro saiu da bodega, atravessando a rua cheia de areia. Ainda estava escuro, mas a Lua já se escondera, e êle sentiu a vila acordar. Seus pés descalços conheciam o caminho melhor do que seus olhos. Começou a descer as barreiras de areia fôfa, quase 500 metros até a praia. Preparou a jangada e sentou-se para esperar o filho Raimundo e o neto Valdemar. As mulheres já subiam com as latas d'água na

cabeça quando os 3 puseram a jangada no mar, empurrando-a sôbre os troncos.

A água morna molhou a roupa dos 3 pescadores. O vento forte formava ondas barulhentas e Raimundo, no bico da proa, atirava água na vela, enquanto Valdemar, no leme, gritava para o avô ao seu lado:

— Segura proeiro, que o mar está forte!

Olhando para trás, via-se o alto da igreja de Canoa Quebrada (há mais de dois anos ninguém consegue dinheiro para um padre de Aracati vir até ali rezar missa). Valdemar soltou a linha tentando pegar uma pescada para isca em alto mar. Amarrou a ponta da linha em volta da cintura e firmou o olhar no pano da vela, escuro da água de muitas pescarias. Lembrou-se de Neguinha.

— Preciso dar um jeito na vida. Acho que vou sair para Fortaleza antes que ela conte ao pai que buli com ela. Pra não casar, é a única saída.

Pedro Teófilo fazia fôrça para agüentar a jangada, que corcoveava como um cavalo bravo, e pensava:

— Valdemar está com problema. Se êle abandonar o mar tenho que trazer Niciano comigo. O menino só tem 8 anos, mas seu pai iria gostar de vê-lo no mar ao meu lado.

O velho sente saudades do segundo de seus 3 filhos, o pai de Nicinho, que um dia saiu sòzinho para o mar e depois foi encontrado meio comido pelos peixes. Lembra de como o sino da igreja tocava na hora em que o colocavam na cova, a mulher e as crianças de prêto chorando, enquanto uma velha dizia a outra:

— Viveu só pra botar 8 filhos no mundo.

Um cutucão fêz o velho esquecer o passado — Valdemar lhe estendia a linha com uma pescada fisgada:

— Já temos isca pra trazer muito pargo.

Indo para o meio da jangada, Pedro recolheu a linha sem muito esfôrço. Raimundo levantou a pescada para bordo e Pedro aquietou-a com uma única paulada. Sua frase saiu baixinho:

— Hoje você tem que me dar sorte, peixe.

Passavam-se as horas. A jangada avançava, o Sol quase a pino, o mar juntando-se com o céu num azul que fazia doer a vista. Valdemar atirou a linha de prumo para medir a profundidade: quase 150 metros, resolveu fundear. Mandou arriar o **toaçu** — uma pedra amarrada numa armação de madeira — e enrolar a vela. Levaram 5 minutos para tirar o mastro, ficando os 3 em posição de começar a pescaria: Valdemar na popa, Raimundo junto ao mastro, e o velho entre os dois, fazendo iscas.

Pedro cortou a pescada em tiras, entregando uma a cada pescador e guardando o que sobrou no samburá. Enquanto coloca a isca no anzol, pensa na visita que o delegado da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca fêz a Canoa Quebrada, para conversar com Zé Melancia e reabrir a sede da Colônia de Pescadores:

— Zé Melancia é cabra instruído. Os homens da cidade enganam êle não. Se todos fôssem como é Melancia e entendessem as letras, a gente podia topar qualquer parada. Mas as professôras, ganhando 800 cruzeiros por mês, não querem continuar a ensinar os meninos que vão acabar como a gente SEGUE

Êstes 3 homens não vivem sem o mar

Uma puxada violenta da linha e Pedro estremece. Êle sente que é uma arraia, das grandes, que lutam muito. O velho vai de um canto a outro da jangada, soltando e puxando a linha, o peixe correndo como louco. Aí a arraia desce, levando muitos metros de linha que Pedro já emendou. O velho sabe que não adianta puxar. Espera que ela suba novamente. Só uma hora depois é que a arraia dá sinal de vida. Começa a subir e o velho encurta a linha. Seus braços estão firmes, as pernas tremem só um pouco. Cada vez mais, a arraia se aproxima. Como ela está calma, Pedro segura a linha com a mão direita. Com a esquerda agarra o **bicheiro** — vara com um gancho numa ponta e uma corda na outra. O peixe vem vindo, a cauda desferindo chicotadas. O velho passa a linha para Valdemar e Raimundo e engancha o bicheiro na cabeça da arraia que desembesta enraivecida. Na fuga arranca o bicheiro das mãos de Pedro. Não anda muito, pois os 3 recomeçam a puxar.

Perto da jangada, ela desembesta de nôvo. Os 3 agüentam soltando sòmente dois metros de linha. Puxam, e Valdemar e Raimundo conseguem agarrar o cabo do bicheiro, enquanto o velho, com a **araçanga** — um porrete — malha repetidas vêzes a cabeça da arraia. Ela fica como morta, Pedro passa-lhe uma corda pelas ventas e os 3 suspendem-na. É uma arraia chita, de barriga rosada e cheia de pintas. Pesa quase 100 quilos e Pedro olha com pena:

— Você é muito burra! Se não resistisse tanto não sofreria. Mas graças a você vou mostrar aos mais moços que ainda agüento peixe grande. E quero ver o Zé Melancia dizer aquêles versos que fêz pra mim:

Pedro faz coisas no mar
Que admira a meninada
Ainda desafia alguém
No pulo e na pernada
É dos velhos mais antigos
Desta Canoa Quebrada

Os 3 jangadeiros voltam para seus lugares. Uma hora depois, quando Valdemar atira a linha, sua isca leva uma ferrada. Êle grita para os companheiros:

— O peixe está aqui!

Puxa a linha e traz dois pargos. Grandes, de 3 quilos, reluzentes. Daí para a frente, é jogar a linha e trazer. Pargos sem parar, as iscas quase intactas uma hora seguida. O samburá vai se enchendo, enquanto o Sol vai caindo para os lados de Canoa Quebrada. Um vento mais frio começa a soprar quando o peixe falha.

SEGUE

Pedro, o velho, é quem retira o mastro.

Raimundo, o filho, não tem muita sorte.

Valdemar, o neto, vai abandonar o mar.

Canoa Quebrada é de peixe e poesia

Quinze minutos sem peixe é o sinal para suspender a pescaria. Raimundo verga o corpo:

— É uma cavala!

Ela vem às cabeçadas. Chicoteia 200 metros de linha e pára. Então Raimundo começa a puxar. Solta a linha, recolhe, o peixe vai ao largo, dá uma volta, sempre na superfície. Raimundo vai apertando. Próximo à jangada a cavala se assusta, dá um arranco, a linha se parte e ela foge levando anzol, isca e chumbada. Cinqüenta quilos de peixe, no mínimo; e Raimundo culpa o diabo:

— O Tinhoso está me perseguindo desde que ajudei a enforcar os 6 cachorros loucos em Canoa Quebrada. Sai azar!

Pedro fica vendo o mar, o Sol morrendo do outro lado. A água é de um azul quase negro. Foi numa tarde assim que fêz um verso, depois escrito por Zé Melancia.

Tristonho passa o pescador no mar
Tremenda luta que só êle enfrenta
Ao morrer o Sol, fica a contemplar
As águas, o espaço e a forte tormenta
Sòzinho lamenta os sofreres seus
Mas a luta é luta, é prazer e brilho
De quando em quando êle pede a Deus
O pão humilde para os seus filhos

É nessa hora também que êle gosta de lembrar a mocidade: a menina Maria tomando banho de mar nos domingos antes do almôço, o vestido colado ao corpo; o namôro em casa de Sebastião Tatu, seu sôgro, e o casamento sem festa e sem padre, que sòmente chegou quando seus 3 filhos já eram grandes. Maria menina, môça e velha, subindo o morro, a lata na cabeça trazendo água doce da beira do mar, onde Tucano instalou uma bomba (e está vendendo a lata a 10 cruzeiros). Lembra de Maria muito nova aprendendo com a mãe a fazer renda, para no fim ganhar tão pouco dinheiro por uma toalha. E a vê ainda todo dia, sentada na porta de casa, ensinando as netas a fazer o mesmo trabalho.

Com essas coisas na cabeça, achou que não podiam ser mais justos os versos do Zé Melancia, que ouviu na bodega do Antero:

Me recordo meu tempo de inocente
Que vivia no jardim colhendo fruto
Já prevendo o tempo de adulto
Antes era feliz e tão contente.
Amanhã já estou velho e decadente
Nem amo nem brinco e nem mais corro
Nem na praia, na serra e nem no morro
Mas recordo dos tempos que brinquei
Que amei, que namorei, que me casei
E então choro e sofro e morro.

SEGUE

Pedro ainda lembra a morte do filho, o chôro da nora e das netas.

Com pesca boa, Marinha tem visita.

Poesia de Melancia nasce de noite.

Quem vai ficar feliz quando V. comprar o seu Aero-Willys?

Até que enfim, você resolveu comprar o carro espaçoso que leva tôda a família, confortàvelmente.

Os colegas de diretoria vão gostar porque você comprou o carro sério, de representação, à altura da emprêsa.

Bem, os vizinhos talvez não fiquem tão felizes assim. Cuidado com ôlho grande.

E com o Aero-Willys, quem vai ficar ainda mais feliz é você mesmo!

Aero-Willys: possante motor de 110 H.P.
– fôrça para o desempenho que você deseja.
Quatro marchas sincronizadas. Mais 20% de economia em combustível.
Alternador em lugar do dinamo carrega
a bateria mesmo com o motor em marcha lenta.

Aero Willys 66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

Galope da jangada termina na praia

Já é tarde quando Pedro, Raimundo e Valdemar resolvem salgar o peixe. A salgadeira da jangada, enorme, tem 60 quilos de sal apanhado nas salinas que cercam Canoa Quebrada. Valdemar abre o peixe e limpa-o, deixando a cabeça intacta para o velho Pedro abrir com sua machadinha e retirar as guelras. Raimundo vai lavando um por um no mar. Quando todos estão prontos para ser salgados, Pedro faz cortes profundos na carne dos peixes e Valdemar e Raimundo colocam o sal. Depois de duas horas a operação chega ao fim: o peixe salgado, na salgadeira, o peixe fresco, no banco de vela, levando água o tempo todo. A pescaria terminou, é a hora de voltar.

Raimundo está no banco de vela, segurando o pé do mastro que vai ser fincado. Pedro está no meio, agüentando o pêso; Valdemar, trepado no banco de govêrno, junto à salgadeira, segura a outra ponta. Quando uma onda maior abre um buraco no mar, fazendo a jangada embicar, êle grita:

— Vai!

Raimundo empurra o mastro com o ombro e Pedro sustenta-o com as mãos. O tronco, de 6 metros de altura, sobe, oscila um instante, e fixa-se num dos buracos no banco de vela. Pedro aproveita para colocar a **bolina** — uma tábua larga de dois metros de comprimento que serve para manter o rumo da jangada — enquanto Raimundo trata de abrir a vela. Valdemar corre a colocar o leme no calço e tira as duas cordas que Pedro e Raimundo ficarão puxando para a jangada não virar, quando o vento estiver forte. Agora há calma no mar e a jangada vem suave em direção à terra, como um animal que conhece o caminho de casa. Já é hora da primeira refeição, comandada pelo neto, Valdemar:

— Vamos boiar minha gente, que o caminho de volta é comprido. Vê se prepara um caldo bom, velho.

Raimundo apanha um pargo no samburá e estende uma tábua curta e larga — o fogareiro — no meio da jangada. O fogo é feito com lascas de madeira e bucha de côco. Raimundo pega a marmita, tira água de uma garrafa e põe o peixe para ferver. 15 minutos depois, Pedro vira-se para o filho:

— Tira um pouco do caldo pra experimentar.

O caldo cheira bem e os 3 preparam suas cuias, com farinha dentro, para fazer o pirão. A barriga quente do caldo, Valdemar diz para os outros dois:

— Vou vagar.

Comam à vontade.

SEGUE

Agarrados às cordas, Pedro e o filho agüentam para a jangada não virar.

Para tirar a jangada da água é necessário a ajuda de muitas mãos.

Velho sonha com menino jangadeiro

Com 8 anos, Nicinho, outro neto de Pedro, já está pronto para o mar.

Esta é tôda a família do velho Pedro, que êle criou com a ajuda do mar.

A cuia amarrada ao banco de govêrno, êles vão fazendo bolos de pirão e peixe com a mão. A rapadura comem no fim, com um gole d'água. Depois da comida, Raimundo atira as brasas no mar. O vento começa a soprar mais forte, Valdemar adverte:

— Venham pra trás que a jangada não agüenta vocês dois aí no meio. Vamos botar água na vela.

Raimundo molha todo o pano e vai até o mastro:

— A terra está alta. Estamos perto.

A jangada avança sacudida pelas ondas; Raimundo e o velho Pedro estão quase deitados, esticando a corda. O vento é bravo. Tiritando de frio, Valdemar segura firme o leme. A vela, tôda estufada, parece que vai se arrebentar. A 50 metros da praia, o vento pára de repente, e êles reconhecem Pai Velho gritando e fazendo sinais. Pedro responde, alegre e triste ao mesmo tempo:

— Coitado de Pai Velho. Está sempre esperando gente do mar, depois que quase morreu afogado e abandonou a jangada. Agora só serve para isso: ajudar a gente a sair e entrar no mar, pra ganhar um peixe.

Na praia, depois de empurrar a jangada para longe da maré, avô, filho e neto fazem a divisão do peixe, para quando chegar o comprador que Pai Velho foi acordar. Os peixes de Valdemar não têm nenhuma marca; os de Pedro têm uma ponta da cauda cortada; e os de Raimundo, as duas pontas cortadas. O dia foi bom, há muito tempo que não traziam tanto peixe.

Agora os 3 estão subindo a barreira, em direção à vila. Pedro está cansado e nem repara quando sua mulher lhe passa a mão no rosto com carinho. Só quer dormir. Valdemar também está esgotado; mas pensa no dia seguinte:

— Vou descansar para apanhar o expresso de Fortaleza às 10 da manhã.

Raimundo entra no barraco e acorda a mulher:

— Vamos Niete. Bota a panela no fogo que estou com fome. Vai ajeitando as coisas aí enquanto vou comprar um pouco de farinha e dar uma bicada na bodega do Antero.

Niete, ao lado dos 3 filhos, trata de dormir novamente, pois sabe que Raimundo só vai voltar de madrugada, depois de se embriagar e gastar o dinheiro da pesca na casa de Marinha, a mulher que o comprador de peixe, Gabriel, desgraçou.

O velho Pedro já está dormindo, sonhando com Nicinho, o neto de 8 anos que amanhã êle vai levar para o mar. FIM

ECONOMIA DE FÔRÇA MOTRIZ COM VELOZ HP!

SIM! ISSO ENTRE OUTRAS "FONTES DE RENDA" COMO ESTAS:

- MAIOR DURAÇÃO DAS PEÇAS EM DESLIZE ENTRE SI
- MAIOR VELOCIDADE DE TRABALHO DAS MÁQUINAS
- MENOR CUSTO DE MANUTENÇÃO
- MELHOR ACABAMENTO DOS METAIS USINADOS...

E ESTA, QUE É A MAIOR DAS VANTAGENS: VELOZ HP, REDUZINDO O ATRITO, DIMINUI O CONSUMO DE ENERGIA MOTRIZ DE 10 A 18%. NA PONTA DO LÁPIS, ISTO REPRESENTA UMA ECONOMIA DE MUITOS MILHÕES DE CRUZEIROS MENSAIS. MILHÕES QUE VOCÊ PODE REINVESTIR EM NOVOS NEGÓCIOS OU APRIMORAMENTO DE SUA PRÓPRIA INDÚSTRIA, MELHORANDO A SUA PRODUÇÃO AJUDANDO O BRASIL A CRESCER SEMPRE MAIS!

Veloz HP é o único que resiste a temperaturas até 800 graus de calor

VELOZ HP

A FÔRÇA NOVA PARA MÁQUINAS E MOTORES

Peça-nos sem compromisso um plano para a perfeita lubrificaçao de máquinas e motores em sua indústria.

Um extraordinário filme russo mostra

COMO VIVER NA LUA

Os homens um dia conquistarão a Lua.

O homem está cada vez mais perto da Lua. Depois que os norte-americanos — com o Gemini 8 — conseguiram o primeiro encontro de duas cápsulas no espaço, o presidente Johnson declarou: "colocaremos o primeiro homem na superfície lunar, e tencionamos fazê-lo ainda nesta década". Os russos, apesar do êxito do Luna 9, a viagem bem sucedida dos cães Veterok e Ougoliok e depois o vôo em órbita lunar do Luna 10, não têm se manifestado oficialmente, mas tudo indica que poderão enviar um astronauta antes de 1970. Por isso, ficam mais próximas do real as fotos destas páginas, extraídas do nôvo filme russo que prevê tanto a chegada como os primeiros anos de permanência do homem na Lua. E não menos importante é o depoimento do coronel Vladimir Komarov, da equipe dos cosmonautas russos, que provàvelmente será comandante da primeira expedição da União Soviética à Lua.

"É difícil dizer com precisão quando será nossa primeira viagem à Lua, mas acho que não demorará muito. É claro, não será amanhã, nem depois de amanhã. Temos ainda importantes problemas técnicos a resolver: entre outros, o do pouso suave de estações mais pesadas que o bem sucedido Luna 9. Depois disso, será preciso dar os últimos retoques nos sistemas que permitirão o retôrno para a Terra; aperfeiçoar os métodos de comunicação entre as estações terrestres e lunares e entre as próprias estações lunares. Êsses e outros problemas deverão estar totalmente resolvidos no momento em que os nossos primeiros homens sejam autorizados a lançar-se à grande viagem.

"Nosso programa lunar foi estabelecido com precisão e o estamos seguindo ponto por ponto, caminhando de maneira lógica e racional, do mais simples ao mais complexo. Há cinco anos, êste programa começava com o envio do primeiro homem ao cosmos. Em seguida, vieram os vôos de longa duração em cabinas espaciais cada vez maiores, o envio de sondas-robôs aperfeiçoadas e, finalmente, a façanha do Luna 9, que pousou na Lua em janeiro.

"Para nós, cosmonautas, o Luna 9 deu duas informações fundamentais: demonstrou que os nossos sistemas para uma aterrissagem suave estão em dia, e provou que pelo menos uma parte da superfície lunar pode receber uma nave comparável às que preparamos. A camada de poeira que temíamos encontrar sôbre a Lua não existe. Ao contrário, e isso já foi visto muito bem nas fotos emocionantes transmitidas pelo Luna 9, o terreno é sólido. Assim sendo, poderemos deslocar-nos com mais segurança, sem o perigo de desaparecer a cada passo num mar de fuligem, cinzas ou poeira.

"Outros lançamentos virão pouco a pouco completar nossos conhecimentos. Recentemente, um satélite girou no espaço por 23 dias, levando a bordo os cães **Veterok** e **Ougoliok**. Posso dizer que com isso foi inaugurada uma nova etapa na conquista do cosmos longínquo. Essa experiência demonstrou a possibilidade de sêres vivos irem além da fronteira dos 500 quilômetros de altitude a que nos limitávamos até então.

"Os dois cães viajaram até 900 quilômetros de altitude, isto é, até a altura dos perigosos cinturões de radiação que circundam a Terra. Antes de para lá enviar um homem, quisemos estudar as reações do animal e verificar os sistemas de proteção de nossa nave espacial para grandes altitudes. Quando chegar a vez dos astronautas, usaremos provàvelmente, a mesma nave que temos utilizado até aqui. À parte a couraça contra os cinturões de radiação, as diferenças serão apenas de disposição e arranjo no interior da cabina para que o homem possa suportar confortàvelmente os vôos cada vez mais longos.

"A experiência com Veterok e Ougoliok foi um sucesso completo: os dois cães estão em perfeita saúde, o que prova amplamente, na minha opinião, e ao contrário do que alguns pensavam, que sêres vivos podem suportar permanências muito longas nessas altitudes.

"A etapa seguinte foi o lançamento do Luna 10, primeiro satélite lunar da história espacial. Depois de 4 dias de vôo, o Luna 10 se desprendeu do foguete portador à velocidade de

Quem serão os primeiros ninguém sabe. Mas na Lua todos os cosmonautas vão ter os mesmos e incríveis problemas.

11 quilômetros por segundo. Para que êle pudesse entrar em órbita, essa velocidade foi sendo reduzida até 1,25 quilômetro por segundo. A redução da velocidade, com a precisão necessária, e a orientação correta das manobras desde o lançamento garantiram o êxito do Luna 10, que nos transmitiu informações valiosas sôbre a radiação, a temperatura, os meteoritos e os campos magnéticos e de gravitação da Lua.

"O próximo lançamento de cosmonautas soviéticos a 900 quilômetros da Terra seguirá o vôo precursor de Veterok e Ougoliok e será um passo nôvo e essencial para a conquista da Lua.

Homem só após as cobaias

"Quanto à última etapa antes da partida do homem, penso que ela consistirá no envio de uma estação-robô que irá até a Lua, pousará e depois voltará para a Terra. A bordo dessa estação poderão seguir animais-cobaias: êles serão, como foi a cadela **Laika,** os primeiros terrestres a deixar nosso globo para um mundo nôvo. Se retornarem sãos e salvos, os problemas fisiológicos da viagem terão sido resolvidos. E chegará a vez do homem.

"Enquanto isso, um nôvo tipo de escafandro lunar terá sido aperfeiçoado. E com que desejo cada um de nós espera vesti-lo um dia!

"A primeira viagem à Lua, longa e meticulosamente preparada, será ainda um vôo de ensaio, para verificar mais uma vez todos os mecanismos de partida, chegada e retôrno, a eficácia das aparelhagens de vôo, dos sitemas de sobrevivência e dos mecanismos de segurança.

"A bordo do foguete tomarão lugar quatro homens no máximo: um pilôto principal, um engenheiro, um médico, um físico, talvez.

"Após a primeira expedição preparatória, cuja permanência na Lua será muito curta, outro vôo será efetuado para verificar os dados do primeiro. Êste durará mais tempo. A permanência na Lua atingirá pelo menos 14 dias terrestres. Depois a freqüência dos vôos aumentará, e o número de passageiros também. Finalmente, os lançamentos se tornarão pràticamente regulares e as permanências poderão se prolongar por um mês ou mais. A era da exploração científica da Lua em grande escala terá começado.

"Depois dos contatos rápidos, que se estenderão por dois anos, passaremos a uma exploração mais detalhada e mais arrojada da superfície lunar. Penetraremos, por exemplo, na face oculta e aí faremos um levantamento topográfico completo. A cada expedição, as missões em tôrno da base principal se tornarão mais afastadas, mais longas e mais variadas.

"Logo nossas equipes lunares contarão com geólogos, astrônomos e biologistas, que poderão verificar a fundo se existem formas primitivas de vida no satélite da Terra. Assim, de início os contatos entre o homem e a Lua serão modestos, mas ràpidamente atingirão uma amplitude que fará ainda uma vez a realidade suplantar a ficção. Então a viagem Terra-Lua será uma expedição científica comum: uma longa viagem, com ida e volta, de cientistas que partem para seu trabalho. Êles tomarão o próximo foguete para os Montes Leibniz ou para o Mar da Fecundidade, na Lua, sem mais apêrto no coração nem mais espanto que os cientistas que hoje deixam a Rússia com destino à nossa estação de pesquisas na Antártica...

"Se me couber um dia a honra de partir para a Lua, me encarregarei pessoalmente de procurar êste bom e velho Luna 9, que nos foi tão útil, para trazê-lo de volta à Terra. Porém, eu ainda teria uma missão mais importante a cumprir. Nós, cosmonautas soviéticos, fizemos um juramento solene: o primeiro que lá chegar deverá recolher um punhado do solo lunar em que tenha pisado e trazê-lo à Terra.

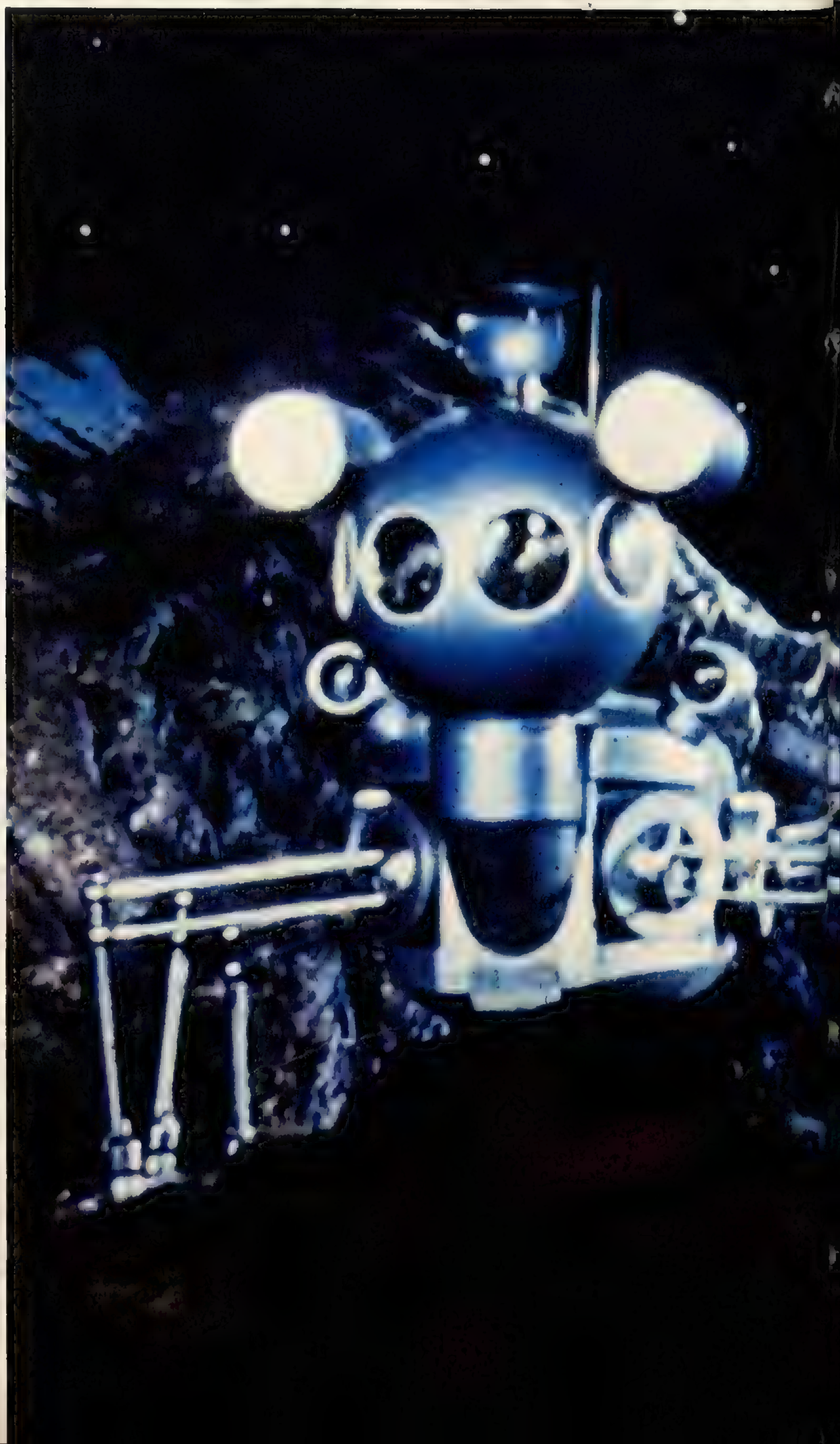
Solo lunar para Koroliov

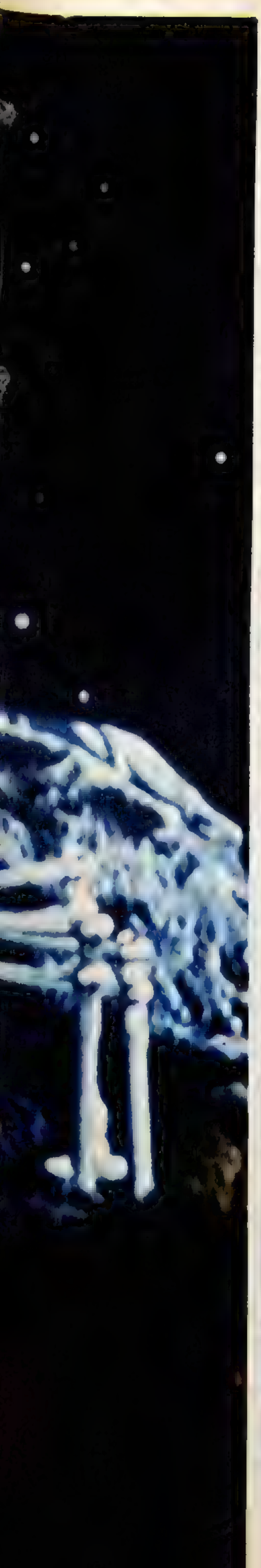
"Em Moscou, na muralha do Kremlin que dá para a Praça Vermelha, um pouco à esquerda do mausoléu de Lênin, existe agora uma placa de mármore com o nome de Serguei Pavlovitch Koroliov, o **construtor principal** dos êxitos espaciais soviéticos, falecido em janeiro último. Aí estão suas cinzas e aí depositaremos, em nosso nome e de todos, o punhado de solo trazido da Lua. Êste gesto será o testemunho da nossa admiração e também do nosso triunfo."

Coronel Vladimir Komarov SEGUE

Muito calor, frio demais, silêncio total

Uma aranha de 6 pernas e olhos enormes será o jipe das primeiras expedições lunares. Transportará 3 homens e seus grandes faróis iluminarão as pernas articuladas, próprias para atravessar as fendas e escalar as crateras da superfície da Lua. Sabe-se que as crateras maiores são antigos vulcões e as pequenas, de alguns centímetros apenas, pontos de impacto de meteoritos. O estranho veículo estará coberto por um revestimento luminoso para identificação mais fácil no meio das côres escuras do solo lunar. O pouso dos veículos espaciais deverá se efetuar num dos mais extensos vales da Lua. Além de facilitar a aterrissagem, o vale oferece a vantagem de permitir ampla movimentação dos exploradores em tôrno de sua estação-base. E movimentar-se na Lua será muito difícil, pois sòmente 10 por cento da sua superfície são planos.





Ao caminhar na Lua, o homem terá a impressão de se atolar a cada passo, mas esta sensação durará pouco e êle encontrará sob a primeira camada um chão estável que lhe permitirá continuar. Êste gigantesco escafandro, que na Terra pesaria 100 quilos, na Lua não chegará a 17 quilos, pois a gravidade do satélite é 6 vêzes menor que a nossa. Uma mistura de esqui e raquete ajudará o equilíbrio e um bastão especial vai ser a bengala lunar. O homem enfrentará brutais diferenças de temperatura: 120 graus durante o dia e 140 graus abaixo de zero, à noite. Um dia lunar, uma volta completa da Lua em tôrno de seu eixo, corresponde a 29 dias terrestres. Muitos fenômenos se apresentarão estranhos ao homem: não haverá vento, nuvens ou chuvas, nem será possível acender fogo, já que não existe oxigênio. Também não se ouvirá barulho algum pois a ausência de ar impede a propagação dos sons. Para sua sobrevivência na Lua, o astronauta necessitará. tanto de seu escafandro quanto precisa de sua pele na Terra.

Na Lua, graças à pequena fôrça de gravidade, o homem dará saltos de 5 metros com um mínimo de esfôrço e sem sentir o pêso de seu escafandro. Êste será dotado de tomadas para oxigênio e sistemas de comunicação, aparelhagem para ventilação da pele e eliminação de detritos e um termostato que fará funcionar automàticamente o aquecedor elétrico para a noite e o sistema refrigerador para o dia. Entre as primeiras tarefas do homem na Lua estarão as reportagens cinematográficas. Tudo será motivo para filmes, que — além do interêsse científico — certamente alcançarão grande sucesso na Terra. Serão também tarefas prioritárias: levantar uma coleção tão completa quanto possível dos minerais; medir os efeitos, na superfície lunar, das irradiações perigosas procedentes do Sol; calcular a ação do campo magnético solar; verificar a existência ou não de micro-organismos; e estudar os raios solares, a temperatura no espaço e suas variações. SEGUE

Primeiro a ciência, turismo depois

Depois de muitas viagens e com o passar dos anos, os cientistas que estarão nas bases da Lua deverão fazer observações astronômicas dos planêtas em geral. Principalmente da Terra, cuja imagem será ampliada sôbre uma tela gigantesca. Por uma ponte, os meteorologistas se aproximarão das regiões que queiram estudar, podendo prever o tempo na Terra com uma antecedência de 4 meses. O vídeo de 12 metros de diâmetro permitirá que as previsões, que abrangerão desde os tufões às simples variações de temperatura, sejam rigorosamente exatas. Os dados colhidos serão imediatamente transmitidos à Terra, possìvelmente por um sistema de comunicação que use os feixes de luz dos raios **laser**. Nosso planêta, observado da Lua, também passará por 4 fases: terra cheia, terra nova, terra minguante e crescente.

A Terra será o mais belo dos espetáculos lunares. Brilhará no céu com um tom avermelhado furta-côr e a cada aurora e cada crepúsculo as bordas externas da Terra aparecerão envôltas em vapôres de um vermelho-alaranjado. Na Lua, a ausência de atmosfera, que funciona como difusor de luz, resulta em violentas passagens da noite para o dia. Outro espetáculo impressionante será o eclipse solar, quando a Terra aparecerá como um círculo prêto contornado por um grande anel côr de cobre, intensamente luminoso.

O primeiro observatório montado na Lua terá, entre outras coisas, um radiotelescópio que buscará as civilizações desconhecidas de outros planêtas, uma tôrre para estudo dos raios cósmicos e um aparelho esférico, que medirá a freqüência dos meteoritos. Sòmente após a instalação dessas cidades científicas permanentes e quando a Luá estiver realmente **domesticada** é que se pensará na chegada dos primeiros turistas do espaço. Até então haverá um grande período de trabalho em que se levantarão os possíveis recursos de petróleo, carvão e eletricidade, e no qual o homem aprenderá, na prática, a viver em paz no mundo da Lua. FIM

Seis dos melhores fotógrafos franceses levaram Donyale Luna, uma exótica americana de 19 anos, para seus campos de trabalho – esporte, guerra, atualidade e beleza – e produziram um ensaio fotográfico sôbre moda. Êstes são os resultados.

ESTA MODA LOUCA

Para Gerard Gery, especialista em fotos submarinas, Luna foi para dentro d'água, usando um longo vestido de Heim.

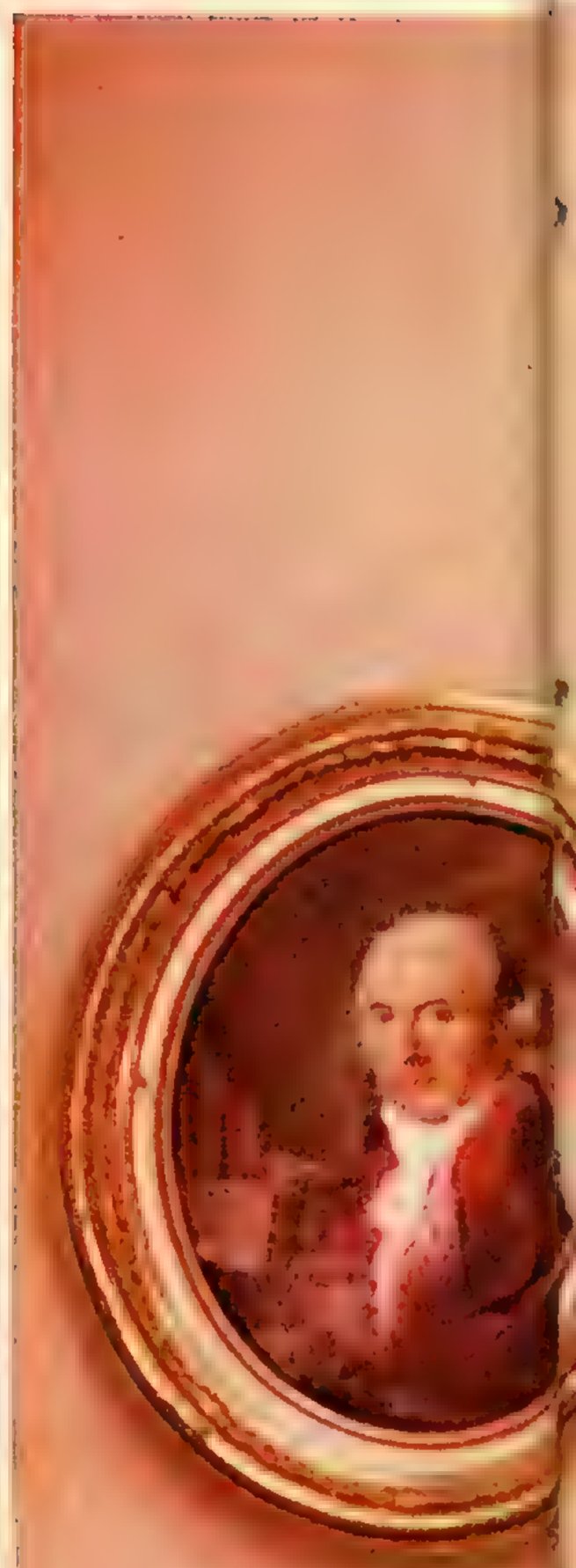
Daniel Camus é correspondente de guerra. Para êle, Luna fêz acrobacia aérea, vestindo pijama de gala, de Castillo.

Charles Courrière só faz fotos de esportes violentos: automobilismo, boxe, futebol, touradas. Na hora de fotografar Luna, o repórter levou-a a um jôgo de rugby. Luna veste um conjunto de Ungaro, com saia a um palmo do joelho.

Teatro, guerra e museu

Repórter de matérias de atualidade, René Vital preferiu levar Donyale Luna a uma grande boate, o Lido de Paris. O vestido curto, com lantejoulas, é de Christian Dior.

Correspondente de guerra, Jacques de Potier conseguiu que Donyale Luna marchasse entre os soldados pára-quedistas da Fôra Aérea Francesa. O tailleur é de Jacques Heim.



Roger Picherie é repórter de arte. Aí resolveu fotografar Donyale.

Seu campo de trabalho são os museus e galerias, junto às pinturas famosas dos grandes mestres de todos os tempos e escolas. Enquadrou o modêlo, como sempre faz, para mostrar um pijama de gala, desenhado por Dior, de musselina em várias côres.

Há 10 anos pouca gente imaginava que a Ciência chegasse a isso...

e nem que se viesse a fabricar Nycron, o tecido que não amarrota nem perde o vinco.

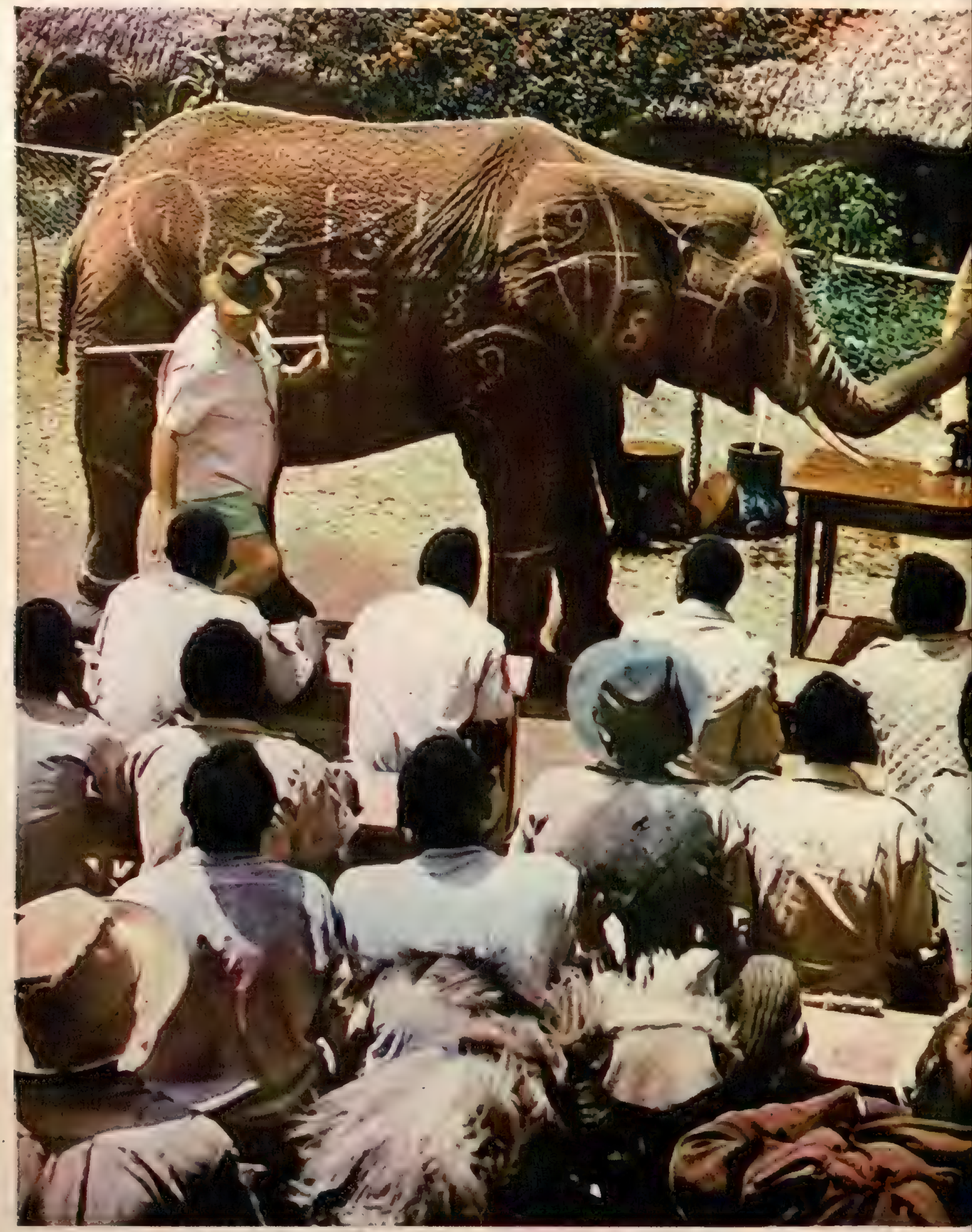
NYCRON

um tecido SUDAMTEX

De repente, o nôvo continente africano saudado por todos com tanta esperança e entusiasmo, é sacudido por uma onde de violência e incerteza. Sem razão aparente, vêem-se massacres de homens, mulheres e crianças. Assiste-se ao extermínio de missionários, técnicos, professôres. Registram-se incêndios de tranqüilas aldeias ou a inútil e devastadora matança de animais nos seus paraísos até há pouco protegidos. E só de novembro de 1965 até hoje 6 governos foram derrubados por golpes militares nas agitadas repúblicas africanas. Até 1955, só havia 5 nações independentes na velha África das colônias, possessões e protetorados europeus: República da África do Sul, Etiópia, Libéria, Líbia e Egito. Mas a partir de 1955 é que teria início o grande processo de descolonização da África. Desde então, já surgiram 32 nações novas. Assim, o continente tem hoje 37 nações soberanas e 14 territórios não independentes. Quase tôdas as jovens repúblicas recusaram os nomes que os europeus lhes haviam dado e escolheram novos. Mas em quase tôdas, a língua oficial continuou a ser a do antigo colonizador. Em tôdas surgiu uma nova elite e uma natural vontade de afirmação nacional. Mas tôdas enfrentam os mesmos e graves problemas: dificuldades econômicas, falta de técnicos, carência de bons e experientes administradores, aqui e ali corrupção administrativa, instabilidade política, e antigos ódios e divisões que demonstram que a velha África tribal ainda sobrevive. Ergueu-se uma fachada: edifícios modernos, novas cidades, bandeiras, discursos, aplausos das multidões. Mas por trás dessa fachada tudo está por fazer. A África colonial já não existe; mas ainda não surgiu a nova. Ela está sendo construída às apalpadelas e no sofrimento. Durante 3 anos Gualtiero Jacoppetti, Franco Prosperi e Antônio Climati fotografaram e filmaram o continente turbulento. Não pretendem oferecer conclusões históricas. Simplesmente documentaram o doloroso nascimento de um mundo nôvo. SEGUE

A'FRICA CRUEL

Isto não é cemitério. As cruzes são tabuletas de grandes fazendas que eram dos brancos, em Quênia. As menções for sale *(vende-se) ou* sold *(vendido) marcam o fim da colonização*



Carne não se joga fora, abaixo os ovos malditos

Depois de dois anos de estudos, êstes alunos adultos serão *caçadores profissionais*, encarregados de acompanhar os ricos turistas nos safaris. Os turistas continuarão a pagar por animal abatido. Mas agora, além de caçadores, os guias negros de Uganda serão também açougueiros. A escola lhes ensina que não deve haver desperdícios: os novos caçadores deverão saber aproveitar da melhor maneira possível as partes de cada animal abatido.

Enquanto isso, em Quênia, explodem as cenas de destruição mostradas abaixo. Êstes ovos vinham de Angola, um lugar maldito para os negros de Quênia, já que Angola continua sob a tutela portuguêsa. Por ordem do govêrno, os funcionários jogaram os ovos pelas janelas de um depósito, provocando a alegria da população, apesar das dificuldades de abastecimento. Em outras cidades, as laranjas tiveram o mesmo fim e passaram até sob rôlos compressores. E o povo negro vingou-se infantilmente do antigo dominador branco, rolando na rua, esmagando com o corpo os produtos da colônia de Portugal.

No cemitério abandonado, êles encontraram a morte

Aqui, uma das páginas mais trágicas da descolonização. É em Zanzibar, onde os árabes foram durante séculos a classe dominante. Com a independência, uma violenta chama de ódio brotou entre os negros. Mas não era dirigida contra os inglêses e sim contra os árabes. O sultão, incapaz de conter a revolta, teve que fugir. Cinco mil árabes foram massacrados de muitas maneiras. Alguns procuraram escapar em embarcações que, carregadas demais, afundaram. No dia seguinte, os jornalistas filmaram uma praia coberta de cadáveres. Gualtiero Jacoppetti lembra-se desta cena que êle presenciou num outro ponto da costa:

— Do nosso helicóptero vi um grupo de negros que penetrava na selva. Segui-o e pouco depois percebi uma coluna de brancos com as mãos na cabeça (foto abaixo). Guardas armados acompanhavam os prisioneiros. Aí êles chegaram a uma clareira, antigo cemitério abandonado. Passamos na frente. Quando fizemos meia-volta com o helicóptero, foi para ver esta horrível chacina (foto à direita). A coluna fôra fuzilada.

SEGUE

AFRICA

Um mapa entra na dança, é hora da grande revanche

Uma negra pintou todo o rosto de branco. É um símbolo de poder ostentado na própria face. Branca é a côr da pele dos homens que até ontem dominavam a África; branca, hoje, é a pintura do rosto da negra que se enfeita.

Num baile em Mombassa, Quênia, outro lado da África: a môça, numa manifestação ingênua de orgulho, faz dançar o mapa do seu continente.

E África, ainda, é esta criança negra. Conseguirá ela, um dia, portar-se dignamente à mesa? Sua jovem governante veio da Inglaterra para cuidar disso, atraída por um anúncio de jornal londrino. Uma babá branca, agora, ensina boas maneiras inglêsas a uma menina negra. É a revanche. E êste é um fenômeno freqüente em todo o leste africano, anteriormente sob o domínio do Império Britânico. A nova burguesia negra, imitando os antigos colonizadores, faz questão que seus filhos sejam verdadeiros *gentlemen*.

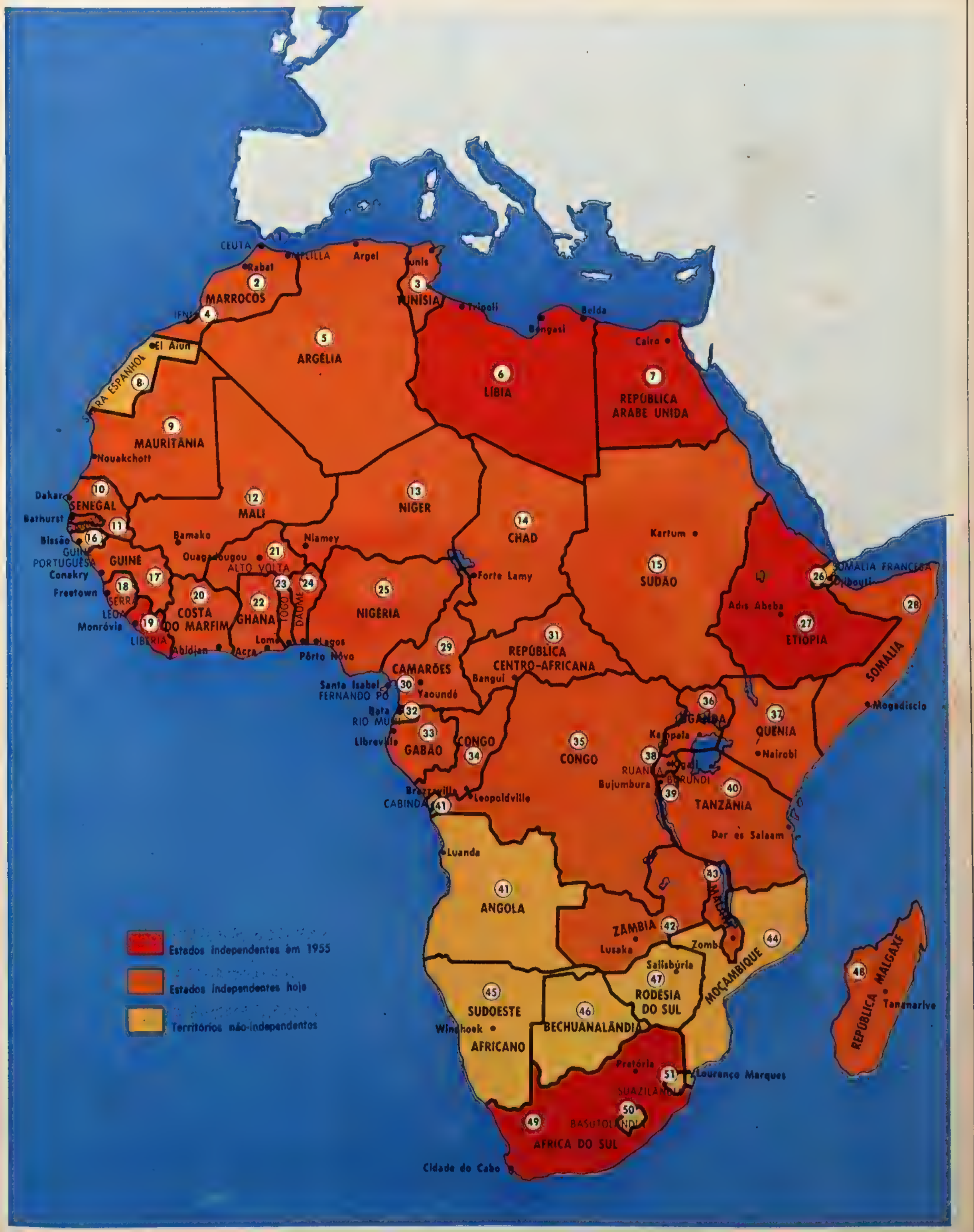
SEGUE

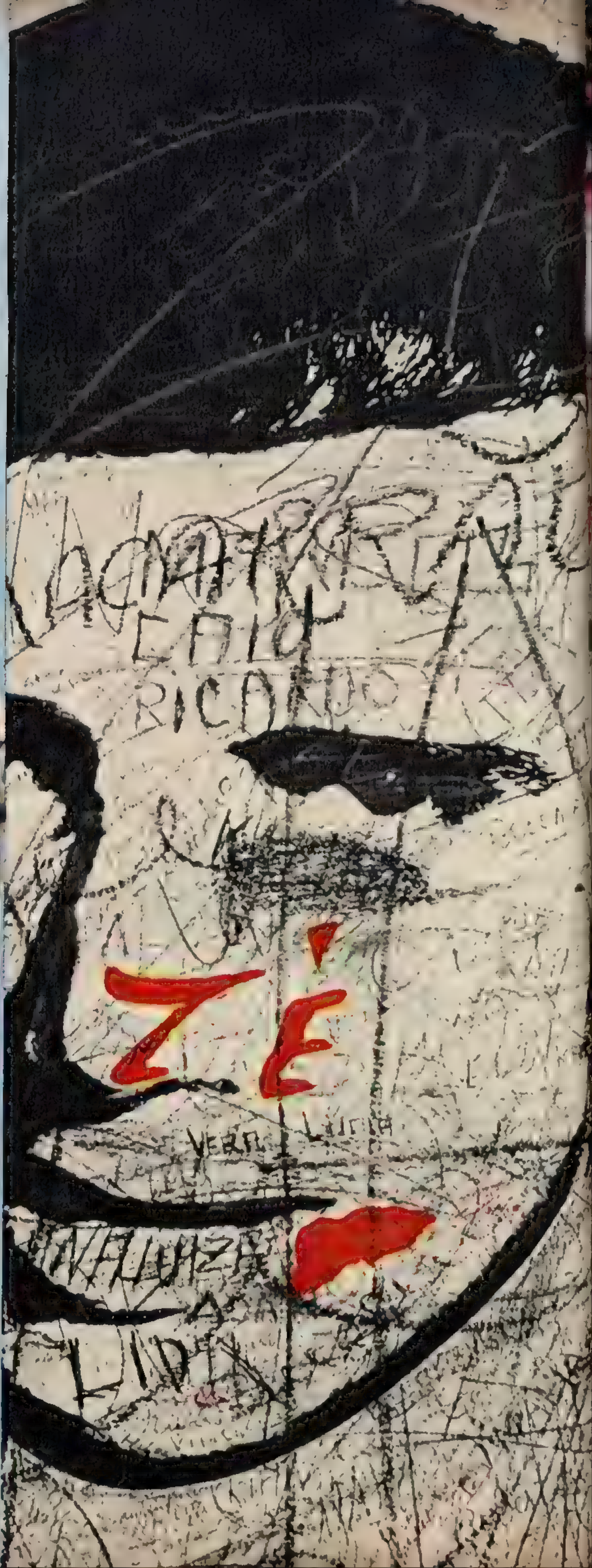
Continente em pedaços: 37 países, 14 colônias

Eis o mapa e as cifras da nova África que está surgindo. Muitas estatísticas são aproximadas, pois a instabilidade política e as deficiências administrativas ainda não permitem dados muito precisos sôbre a África. Mas são suficientes para dar o retrato de um continente fragmentado e intranqüilo.

NOMES	N.o NO MAPA	TERRITÓRIO	POPULAÇÃO		SITUAÇÃO ATUAL
			Total	Não-Africana	
África do Sul	49	1.224.300	17.065.000	5.074.875	Estado constituído em 1910. Em 1961 tornou-se república.
Alto Volta	21	269.100	4.763.000	3.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia francesa.
Angola	41	1.247.000	4.832.500	110.000	Província ultramarina de Portugal.
Argélia	5	2.349.000	12.000.000	100.000	Estado independente desde 1962. Antiga colônia francesa.
Basutolândia	50	30.300	888.260	2.800	Colônia Britânica.
Bechuanalândia	46	575.000	332.000	4.000	Protetorado inglês.
Burundi	39	27.700	2.650.000	—	Independente desde 1962. Fêz parte de Ruanda-Urundi, colônia belga.
Camarões	29	476.500	4.595.000	17.000	Estado independente desde 1961.
Ceuta e Melilla	1	18 e 11,6	73.000, 79.000	—	Possessões espanholas.
Chad	14	1.295.000	3.075.000	5.000	Estado independente desde 1960. Foi colônia francesa.
Congo	34	342.000	900.000	10.000	Independente desde 1960. Antigo Congo Francês. Capital: Brazzaville.
Congo	35	2.345.000	15.625.000	85.000	Independente desde 1960. Antigo Congo Belga. Capital: Leopoldville.
Costa do Marfim	20	322.500	3.750.000	17.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia francesa.
Daomé	24	115.800	2.200.000	3.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia francesa.
Etiópia	27	1.183.000	22.200.000	—	País reocupado pela Itália em 1936 e libertado pelos ingleses em 41.
Fernando Pó	30	2.033	63.000	4.200	Província espanhola.
Gabão	33	267.000	454.000	4.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia francesa.
Gâmbia	11	10 000	325.000	500	Estado independente desde 1965. Foi colônia inglêsa.
Ghana	22	237.872	7.500.000	7.000	Estado independente desde 1957. Antiga colônia inglêsa.
Guiné	17	245.000	3.420.000	2.500	Estado independente desde 1958. Foi colônia francesa.
Guiné Portuguêsa	16	36.000	550.000	2.500	Província ultramarina de Portugal.
Ifni	4	1.500	53.000	4.700	Província da Espanha.
Libéria	19	111.400	1.290.000	21.000	República fundada por imigrantes negros americanos em 1847.
Líbia	6	1.760.000	1.559.000	35.000	Estado independente desde 1951. Foi colônia italiana.
Malawi	43	118.500	3.700.000	22.000	Estado independente desde 1964. Antiga colônia inglêsa.
Mali	12	1.203.800	4.100.000	7.000	Estado independente desde 1959. Foi colônia francesa.

NOMES	N.o NO MAPA	TERRITÓRIO	POPULAÇÃO		SITUAÇÃO ATUAL
			Total	Não-Africana	
Marrocos	2	443.000	12.500.000	400.000	Estado independente desde 1956.
Mauritânia	9	1.085.200	1.000.000	2.000	Estado independente desde 1960. Foi colônia da França.
Moçambique	44	783.000	6.600.000	163.000	Província ultramarina de Portugal.
Níger	13	1.189.000	3.127.500	6.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia francesa.
Nigéria	25	923.850	55.654.000	31.000	Estado independente desde 1960. Antiga colônia britânica.
Quênia	37	582.700	9.700.000	270.000	Estado independente desde 1963. Antiga colônia inglêsa.
Rep. Árabe Unida (Egito)	7	999.750	28.000.000	45.000	Protetorado inglês, monarquia independente em 1922, república em 53.
Rep. Centro-Africana	31	616.400	1.800.000	6.000	Independente desde 1960. Formada por antigas colônias francesas.
República Malgaxe	48	591.000	5.657.000	74.000	Independente desde 1960. Antiga colônia francesa de Madagáscar.
Rio Muni	32	25.900	183.000	2.900	Província da Espanha.
Rodésia do Sul	47	390.964	4.070.000	241.500	Colônia inglêsa. Proclamou unilateralmente a independência em 1965.
Ruanda	38	26.400	2.900.000	—	Independente desde 1962. Fêz parte da colônia belga Ruanda-Urundi.
Saara Espanhol	8	256.000	24.550	5.630	Província da Espanha.
Senegal	10	201.000	3.400.000	47.000	Estado independente desde 1960. Foi colônia francesa.
Serra Leoa	18	72.300	2.600.000	2.000	Estado independente desde 1961. Foi colônia inglêsa.
Somália	28	637.000	2.300.000	33.000	Estado independente desde 1960.
Somália Francesa	26	22.015	67.000	4 000	Território ultramarino da França.
Suazilândia	51	17.400	280.300	10.300	Protetorado britânico.
Sudão	15	2.505.800	13.300.000	9.000	Estado independente desde 1956. Era condomínio anglo-egípcio.
Sudoeste Africano	45	822.800	550.000	73.000	Território controlado pela África do Sul; em litígio na ONU.
Tanzânia	40	939.700	9.876.000	161.000	União em 1964 da Tanganica (independente em 1961) e Zanzibar (em 63)
Togo	23	56.500	1.586.000	1.900	Estado independente desde 1960.
Tunísia	3	125.100	4.500.000	80.000	Independente desde 1956. Foi protetorado da França.
Uganda	36	239.460	7.200.000	96.000	Independente desde 1962. Foi protetorado britânico.
Zâmbia	42	752.620	3.700.000	83.200	Independente desde 1964. Era o protetorado inglês da Rodésia do Norte.


CEUTA
MELILLA
Argel
Tunis
Rabat
2
MARROCOS
3
TUNÍSIA
IFNI
4
Tripoli
Belda
Bengasi
El Aiun
5
ARGÉLIA
Cairo
6
LÍBIA
7
REPÚBLICA ARABE UNIDA
SARA ESPANHOL
8
9
MAURITÂNIA
Nouakchott
10
Dakar
SENEGAL
12
MALI
13
NIGER
14
CHAD
Bathurst
11
Bissão
16
Bamako
Niamey
Kartum
GUINÉ PORTUGUESA
Conakry
GUINÉ
21
ALTO VOLTA
Ouagadougou
Forte Lamy
15
SUDÃO
17
18
Freetown
SERRA LEOA
20
COSTA DO MARFIM
22
GHANA
23
TOGO
24
DAOME
25
NIGERIA
26
SOMÁLIA FRANCESA
Djibouti
Adis Abeba
27
ETIÓPIA
28
19
Monróvia
LIBERIA
Abidjan
Acra
Lomé
Lagos
Pôrto Novo
29
CAMARÕES
31
REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA
Bangui
Santa Isabel
FERNANDO PÓ
30
Yaoundé
Bata
RIO MUNI
32
Libreville
33
GABÃO
CONGO
34
35
CONGO
36
UGANDA
Kampala
37
QUÉNIA
Nairobi
SOMÁLIA
Mogadiscio
38
RUANDA
Bujumbura
BURUNDI
39
40
TANZÂNIA
Brazzaville
Leopoldville
CABINDA
41
Dar es Salaam
Luanda
41
ANGOLA
43
MALAWI
ZÂMBIA
42
Lusaka
Zomba
44
MOÇAMBIQUE
Salisbúria
47
RODÉSIA DO SUL
45
SUDOESTE AFRICANO
Windhoek
46
BECHUANALÂNDIA
48
REPÚBLICA MALGAXE
Tananarive
Pretória
51
Lourenço Marques
SUAZILÂNDIA
50
49
BASUTOLÂNDIA
ÁFRICA DO SUL
Cidade do Cabo
Estados independentes em 1955
Estados independentes hoje
Territórios não-independentes


DEAD
RICOCHET
WALTER
WILLIAMS

Um môço de 23 anos comanda a revolução da juventude

VEJAM QUEM CHEGOU DE REPENTE

Reportagem de Narciso Kalili

Cai uma flor no palco. O cantor se curva, apanha-a, olha para a platéia e leva a flor aos lábios. É o delírio. As meninas aplaudem, gritam, os rapazes assobiam. Uma jovem de 14 anos chora, enrolando nos dedos nervosamente um lenço branco amarrotado. O cantor diz duas frases cheias de gíria, abaixa a cabeça até a altura dos joelhos, estica o braço e anuncia:

— O meu amigo, Erasmo Carlos.

O anunciante entra no palco, e abraça o cantor, debaixo da barulheira das guitarras elétricas, bateria, palmas e o côro de vozes femininas:

— Esso, esso, esso, Roberto é um sucesso!

Roberto Carlos se retira para que o seu amigo cante. Mas volta 4 minutos depois, e tudo se repete. Da primeira fila, uma mocinha sardenta grita, de pé:

— Eu não agüento. Êle é demais. Roberto eu te amo!

Na mesma hora, longe do teatro mas ainda em São Paulo, na Igreja Batista de Santo Amaro, o pastor dirige-se aos fiéis:

— Os que sabem cantar o hino levantem o braço.

Entre os que obedecem, o pastor escolhe um garôto de 6 anos, muito sério, terninho nôvo:

— Venha cantar aqui na frente.

O órgão toca as notas iniciais e o menino, compenetrado:

— Eu ontem fui à festa, na casa do Bolinha...

A outra cena se passa num apartamento, no centro da cidade. São quatro e meia da tarde, um domingo.

— Vovó, a jovem guarda. Vai começar, vem logo!

A velha senhora deixa a água do café no fogo e vem para a sala. Aumenta um pouquinho o som da televisão e senta-se no sofá, entre os netos que estão de olhos grudados na imagem.

— Ói êle, vó, o Roberto Carlos!

A velha senhora ri, arranja a saia e, discretamente, começa a bater o pé no chão, acompanhando o ritmo da música. A frase sai quase num suspiro:

— Que môço simpático...

Êsse môço simpático já vendeu mais de um milhão de discos e é hoje uma das personalidades mais comentadas em todo o País. Suas músicas de ié-ié-ié são assobiadas, dançadas e cantaroladas de norte a sul.

Nunca um cantor vendeu tantos discos no Brasil e nunca uma música mexeu tanto com a juventude.

A professôra Corinta Accioly, diretora de um dos colégios mais importantes de São Paulo, diz que acabou gostando do ié-ié-ié.

— A primeira vez que assisti ao programa de Roberto Carlos na televisão, fiquei um tanto chocada: os gestos pouco elegantes, os cabelos... Mas depois, ouvindo as crianças cantar suas canções, percebi que as palavras usadas são bonitas, meigas e não têm nada de pernicioso para os jovens. Claro, os cabelos ficariam melhor um pouco mais curtos.

Emília dos Santos, uma linda garotinha banguela, de 7 anos:

—Gosto muito do Roberto Carlos. Mas também gosto do Wanderley Cardoso, êle é mais bonito.

Um estudante carioca, de 13 anos:

— Pra mim também o negócio é que tudo o mais vá pro inferno. Acho que o Roberto Carlos é mesmo **legal!** E a roupa que êle usa, um estouro!

O juiz de menores dr. Arturo de Oliveira Costa:

— Vi vários programas de televisão com Roberto Carlos e, pessoalmente, gostei. SEGUE

"Tenho mil garotas a esperar por mim"

Durante os **shows** *de ié-ié-ié, as jovens gritam sua rebeldia: "Roberto, eu te amo!"*

Um vigário, padre Neves:

— Ouvi algumas canções do ié-ié-ié e, apesar da gíria, achei boas. Mas levei um choque quando soube do título de uma delas — **Que tudo o mais vá para o inferno.** Imagine se a mocidade tôda começa a cantar isso!

A dona de casa Hilde Chaves, 32 anos:

— Minha filha tem 12 anos e meu filho 10. Êles adoram o Roberto Carlos, eu também gosto. E obtenho muitas coisas, como bom comportamento e aplicação nos estudos, prometendo um disco do Roberto Carlos, uma saia ou uma calça Calhambeque. Enfim, sabe como é, não?

A professôra Maria Flora de Almeida, casada, dois filhos:

— Eu não sei... Os meninos (um de 5, outro de 3 anos) ficam alucinados. O maior gosta mais do Erasmo, diz que é mais **boa pinta.** O meu marido acha a influência saudável.

A normalista Vera Campagnoli, 17 anos:

— Êle representa bem a nossa geração, nossos entusiasmos, nossas mágoas. Sua personalidade é marcante, fascinante. Falando isso de Roberto Carlos acho que traduzo os sentimentos de tôdas as môças da minha idade.

Um professor universitário:

— Bem, se querem chamar isso de arte... Para mim não é música, não tem valor nenhum, é mesmo para garotinhos. Mas tenho certeza de que aqui — faz um gesto largo mostrando a faculdade — ninguém liga.

A empregada doméstica Antônia de Matos, 21 anos:

— Sempre que posso, assisto aos programas de Roberto Carlos. Ele é ótimo! Lá no curso onde estudo à noite tôdas as môças gostam dêle.

José de Sousa, funcionário público, quarentão:

— Eu não sei. Elas (a mulher e a filha de 14 anos) estão loucas por êsse tal de Roberto Carlos; realmente, não vejo razão para isso. As canções que êle canta não têm melodia, a voz não é lá grande coisa e os cabelos... nem se fale. Se eu tivesse um filho, nunca deixaria que usasse uma cabeleira assim.

Revolta da juventude

Analisando o fenômeno do ié-ié-ié, Roberto Freire, psicanalista e estudioso das relações e manifestações sociais dos jovens, diz:

"Uma das causas dominantes do progresso é o choque das gerações. Os mais velhos estão sempre em oposição ao que é nôvo, pois não querem abrir mão do que têm e sôbre o que fundamentaram e justificaram tôda a sua existência. Os antigos repelem tudo o que foge aos padrões tradicionais.

"Quando percebe o mundo, o jovem não se considera responsável por nada do que encontra. Mas, como precisa viver nesse mundo, a primeira coisa que faz é manifestar sua crítica. Ser jovem é ser inconformista e protestar contra o que considera superado.

"Formados os dois grupos antagônicos — os velhos e os jovens — a luta se trava direta ou indiretamente, conforme o grau de coragem e mêdo de cada um.

"Rebelando-se contra a sociedade, o jovem estabelece uma posição crítica, hostilizando essa sociedade sem a conhecer e sem saber porque. Essa hostilidade começa em casa, contra o pai que representa tudo aquilo com que boa parte dos jovens não concorda. Depois é a vez do professor, do patrão, do político, do govêrno, da polícia, das leis, dos símbolos do poder da sociedade da qual êle começa a participar como simples aprendiz.

"A rebeldia dos jovens, enquanto não se organiza, tem caráter anárquico, embora seja sadia e não doentia. Ela tem várias formas. A rebeldia de protesto é a mais comum, e com ela os adultos se acostumaram. É, normalmente, do mesmo tipo da rebeldia delinqüente, apenas mais atenuada. Ao invés de agredir pela fôrça física, o jovem protesta: não pára em casa, bebe, joga, fica vagabundo. Para se opor ao tradicionalismo, deixa a barba crescer e usa cabelos compridos, calças colantes, camisas coloridas. Inventa palavras para possuir seu próprio dialeto, com o qual choca os adultos — **é uma brasa, barra limpa, mora.** Na sua luta contra o mundo, encontra solidariedade entre os seus. Surgem então as turmas, os grupos. E, em turmas, os jovens vão fazer alguma coisa que expresse o seu protesto.

"O jovem é, por natureza, alegre. Por isso quer aproveitar tudo que êsse mundo possa oferecer de melhor. Sendo assim, recorre à música e à dança para protestar, fazendo algazarra em público, numa embriaguez que às vêzes chega à histeria.

Wanderley Cardoso, Ari Sanches, Erasmo Carlos, Jorge Ben e Vanderléia cantam e dançam junto com Roberto Carlos.

"Roberto Carlos e todos os seus seguidores são jovens que adotaram a rebeldia de protesto. Para êles, os **Beatles** representam um símbolo maravilhoso de rebelião contra a sociedade dos adultos. Êles conseguem, imitando-os, ser ruidosos, vulgares, ridículos, dispondo de condições para cometer muitos **crimes** contra a sociedade tradicional, crimes que geralmente os pais e as autoridades reprovam. E ainda conseguem ganhar muito dinheiro com isso."

O balanço e as cabeleiras

Uma psicóloga norte-americana — Joyce Brothers — preocupada com os Beatles, afirma a respeito de suas roupas e de seus modos:

— Êles adotam certos maneirismos que beiram os limites do feminino, como aquêle balanço que dão às suas vastas cabeleiras. E são exatamente êsses maneirismos que parecem atrair mais a sua legião de fãs femininas mais jovens, na idade entre os 10 e 14 anos. E isso porque, logo no início da adolescência, a menina acha mais atraente as características delicadas e femininas do que as atitudes másculas. A explicação parece ser o fato de que êsses jovens projetos de mulher ainda se aterrorizam com a idéia de sexo. Então sentem-se mais seguras amando figuras não muito definidas, não claramente masculinas. Os próprios Beatles não se consideram atraentes em relação às môças. Ringo, o mais destacado do grupo, usa uma quantidade enorme de jóias vistosas.

Quando o **Rock'n' roll** chegou ao Brasil, em 1955, com os discos de **Bill Haley e seus Cometas,** os sociólogos e psicólogos ganharam um problema que já preocupava grande parte de seus colegas no resto do mundo. A juventude brasileira adotou não só o **rock,** mas as atitudes e filosofia dos cantores norte-americanos. Com o tempo, os jovens substituiram o **rock** pelo **twist** e depois pelo **hully-gully,** com uma rápida passagem por Elvis Presley.

Até que surgiram os Beatles, com o ié-ié-ié. E, o que era mania de apenas uma parte da juventude, transformou-se em obsessão e fenômeno social. Apareceu então Roberto Carlos, cantando. O **Calhambeque** foi o grande início e em setembro de 1965 nascia em São Paulo uma revolução: o programa **Jovem Guarda.**

Em poucos meses os **Beatles** davam lugar a Roberto Carlos e Erasmo Carlos nas paradas de sucesso. Em Paris, **O Calhambeque** chegou a ser o segundo disco mais vendido. Portugal, Luanda, Angola, Argentina, Uruguai, México e outros países começaram a ouvir Roberto Carlos. E nos países latino-americanos **O Calhambeque** conseguiu quase tanta fama quanto o **Tico-Tico no Fubá** ou **Aquarela do Brasil.**

De um dia para outro, surgiram mais de dois mil conjuntos do ié-ié-ié. Em São Paulo e no Rio, a televisão criou horários especiais e as emprêsas gravadoras de discos montaram, às pressas, departamentos para atender a procura da nova música.

O programa de Roberto Carlos, na TV, tem a maior audiência no horário. O **vídeo-tape** dêsse programa, **Jovem Guarda,** vale ouro e faz sucesso em 5 capitais: Belo Horizonte, Rio, Recife, Pôrto Alegre e Curitiba, fora as cidades que estão em rêde com as emissoras. Calcula-se que a audiência de cada programa vá além dos dois milhões e meio de espectadores.

Estações de rádio também montaram seus programas de ié-ié-ié e o sucesso se alastra, como o fogo pôsto numa montanha de palitos de fósforo. No auditório, no teatro, em casa, as crianças e os jovens acompanham os cantores, nas músicas e nos gestos: o balanço do corpo, os tapas nas coxas, os punhos fechados dando voltas sôbre si mesmos, os passos curtos e ligeiros.

A jovem guarda

As músicas, como as letras, são simples. Erasmo Carlos, o compositor de maior sucesso e segunda figura do ié-ié-ié brasileiro, não conhece uma nota.

Nem é necessário ter voz. Quando Vanderléia, que completa o trio de maior êxito, canta, baixinho e de voz esganiçada, o teatro ganha seus únicos momentos de silêncio. De calças pretas bem justas, camisa e botinhas pretas também, Vanderléia é a cantora que tem menos voz e mais sensualidade. Seus gestos são provocantes, os rapazes acompanham-nos de bôca entreaberta e, no final de cada número, os assobios abafam os aplausos. Sua maior rival é Rosemeri, que luta com as armas da menina meiga e inocente.

SEGUE

"Dizem que sou louco esquisito e cabeludo"

Fora do palco, Roberto substitui sua alegria agressiva por uma triste timidez.

Entre os cantores, Jerri Adriani é o terceiro nome e, na área romântica, Wanderley Cardoso consegue grande audiência juvenil.

O conjunto musical mais importante é **Os Incríveis.** Depois, todos com nomes inglêses, vêm **Renato e seus Blue Caps,** os **Jet Blacks,** os **Beatniks.** Dos conjuntos vocais, o **Trio Esperança** e os **Golden Boys** são os mais famosos.

Antes de cantar ou apresentar um dos artistas do programa **Jovem Guarda,** Roberto Carlos sempre solta a frase que hoje é repetida em todo canto: "É uma brasa, mora!"

Na própria televisão, as lojas anunciam: "Está uma brasa a nossa liquidação". O colunista social Tavares de Miranda adotou a frase: "Quando Hélio Muniz de Sousa sorri, é uma brasa". O anúncio da nova peça de Dercy Gonçalves, diz: **"Cocó, My Darling,** hoje, mora, é uma brasa". Uma churrascaria no centro de São Paulo escreveu na vitrina: "Aqui o churrasco é feito na brasa, mora!" E a TV Record já usou em tom de piada o **slogan: "Brasorum est, moratibus".**

Em Divinópolis, Minas Gerais, uma jovem de 16 anos escreveu uma carta: "Roberto querido, depois que ouvi sua voz, fiz um juramento: serei fiel a você até a morte. Nunca mais vou namorar. Você é bárbaro."

Roberto Carlos transformou-se no símbolo da juventude que se identifica com o ié-ié-ié. A devoção ao nôvo ídolo chega a extremos. As mocinhas o cercam e, a cada **show,** nas capitais ou no interior, é necessário um esquema de segurança para protegê-lo.

A base de seu sucesso continua sendo o Teatro Record, em São Paulo.

Depois do programa **Jovem Guarda,** a polícia põe em prática uma operação na porta do teatro: o Aero-Willys verde do cantor encosta na calçada, bloqueando a entrada principal; duas filas de soldados formam um corredor de 3 metros da porta do teatro à do carro.

A grande fuga

Roberto Carlos mede a distância e se atira em direção ao Aero-Willys. Vidros fechados, portas travadas, o carro começa a receber socos, pontapés, tapas, arranhões. As fãs mais apaixonadas, de idade entre 10 e 16 anos, choram, riem, gritam, acenam, desmaiam, são pisadas, empurradas, apanham dos guardas, mas acompanham o carro até onde não conseguem mais correr. A rua do teatro transforma-se numa praça de guerra, as meninas atrás do cantor, os rapazes atrás das meninas:

— Roberto, eu te adoro!

— Sai daí, menina, você se machuca!

— Roberto, meu anjo!

— Se você continua com isso, termino o namôro, já!

— Não sei porque essa bagunça tôda. Êle até que é feio!

— Olha lá, seu guarda. Aquelas meninas estão furando por ali, desça o braço nelas!

— Acho que êle é bonequinha. Com êsse cabelão não pode ser homem!

Roberto Carlos tem cabelos crespos, que na sua opinião não agradam às garôtas. Por isso, duas horas antes do espetáculo êle usa uma touca feita de meia de mulher. Quando está chegando a hora, penteia-se numa cuidadosa operação, onde entra um secador elétrico, e que pode durar até 10 minutos. Finalmente, toma um gole de Saint Raphael, para ganhar coragem e porque "nenhum artista entra em cena sem antes tomar um traguinho".

Durante o espetáculo, Roberto Carlos usa uma técnica especial para provocar o auditório. Além das palavras-chaves como **mora, uma brasa, uma lenha,** usa gestos: faz de conta que atira granadas, tapando os ouvidos como se fôsse ouvir a explosão; beija e abraça as cantoras, dança com elas, apanha tôdas as flôres que são atiradas ao palco.

Suas roupas são coloridas, vistosas. Começou com ternos parecidos aos dos Beatles, paletó sem gola, bolsos diagonais. Depois passou a desenhar o que iria vestir: camisas vermelhas, côr-de-rosa, folgadas, punhos largos, cordões cruzados no peito à moda dos **cowboys** americanos; calças colantes, cintos de côres berrantes, botinhas de várias côres. Êle diz que é necessário que suas roupas sejam agressivas, mas nunca de mau gôsto.

Minutos antes de terminar o **show,** os guardas cercam o palco para impedir que seja invadido pelas fãs. Depois, Roberto Carlos recebe repórteres e fotógrafos no seu camarim — uma revista, ou jornal, de cada vez.

Roberto Carlos tem 8 empregados, todos com menos de 25 anos.

— São os meus amigos — diz êle.

Dedé é baterista e motorista ao mesmo tempo. Bruno, o contrabaixista, está sempre por

Êste gesto — corpo curvado, dedo apontando — e mais a frase, "é uma brasa, mora", são repetidos, hoje, em todo o País.

perto para discutir composições e arranjos musicais. No Rio de Janeiro há duas pessoas tratando o dia inteiro dos negócios do cantor: seu irmão Carlos Alberto e a cunhada. Em São Paulo, os mais importantes são a secretária Edy Silva, que não larga Roberto Carlos um instante; e Geraldo Alves, o empresário. Êste tem dois auxiliares no escritório movimentado, onde não se fala nunca em menos de um milhão. Além dos auxiliares, o cantor tem sempre à sua volta 4 ou 5 rapazes que não recebem nada em troca de sua solicitude. São os **bicões:**

— Vai me buscar o jornal, ó cara!

E o bicão vai comprar revistas, apanhar o terno no alfaiate, chamar um táxi. Os bicões, têrmo inventado por Roberto Carlos, completam sua côrte, na sede do grupo em São Paulo ou nas seguidas viagens pelas capitais e interior.

A marca da infância

Foi numa cidade do interior que começou a história de Roberto Carlos: num dia de muito sol e festa, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, onde êle nasceu no dia 19 de abril de 1943, quarto filho do relojoeiro Robertino e da costureira Laura.

— Sai daí, Beto, volta pra calçada, que a professôra vai ralhar com você.

Com mêdo da professôra, o garôto de 6 anos se afastou das bicicletas que participavam do desfile escolar e foi olhar de longe, perto da linha do trem, distraído, o pé direito sôbre o trilho. A fanfarra da escola tocava sem parar e ninguém ouviu a locomotiva avançando. O maquinista tentou frear, não deu tempo. O menino foi arrastado por 10 metros.

Renato, o lutador de boxe da cidade, atravessou a multidão barulhenta. Não havia um minuto a perder; Beto estava morrendo. Renato apanhou-o nos braços e saiu correndo para o hospital. Mais tarde, à porta da sala de operações, os pais de Beto receberam a notícia:

— Está salvo.

Não podendo mais participar das **peladas** e correrias dos amiguinhos, Roberto começou a se interessar por música. Estudou piano e violino mas largou tudo para dedicar-se ao violão. Aos 9 anos cantou pela primeira vez numa estação de rádio em Cachoeiro de Itapemirim. Depois foi para o Rio, aos 12 anos, para estudar. Pensava sempre em música e passado algum tempo uniu-se a outros rapazes, fundando um conjunto vocal. Tão logo terminou o ginásio, foi contratado pela **Colúmbia** para substituir Sérgio Murilo, cantor de juventude que abandonara a gravadora. Roberto Carlos descobriu que sabia dizer em ritmo de ié-ié-ié o que os jovens queriam ouvir e resolveu compor suas próprias canções. Antes, chegou ao sucesso com **Splish-Splash,** continuou com o **Calhambeque**. Depois fêz **A História de Um Homem Mau.** E não parou mais.

Hoje, Roberto Carlos é o rei do ié-ié-ié, adorado pelas garôtas, tema obrigatório dos sociólogos, maior sucesso comercial dos últimos tempos (calcula-se que ganha cêrca de 100 milhões por mês). Mas não mudou muito em relação ao menino gordinho e briguento que se transformou depois do acidente da infância.

Os olhos de Roberto, inquietos e às vêzes sombrios, se iluminam quando fala do passado, embora êle não conte nada com facilidade. Desconversa, foge, chega a ser medroso e desconfiado, sentindo um inimigo em cada desconhecido e fazendo questão de mostrar isso.

Carrão quer dizer riqueza

O **carrão,** tema constante de sua vida (hoje êle tem 4 automóveis), é o símbolo da riqueza e do poder:

— Sinto-me um rei dentro do Impala.

As garôtas estão sempre presentes na vida de Roberto Carlos. Aos beijos e abraços êle marca e desmarca encontros, muda de namorada e sai com duas ou três ao mesmo tempo. Acorda com Suzi lhe telefonando, almoça com Malena, passa a tarde com Rosinha, janta com Andrea e vai dormir recebendo juras de amor eterno de Vandinha. As meninas que conhece hoje esquece amanhã e não se lembra de ter ficado muito tempo com uma namorada só:

— Sou muito leviano. Casamento não é papo pra mim.

Roberto Carlos foi construindo sua imagem aos poucos. Quando gravou o **Calhambeque** tinha os cabelos compridos. Mas não usava calças justas nem camisas berrantes. SEGUE

O VOLKSWAGEN DO BRASIL SÃ

Com quantos quilômetros se aposenta um Volkswagen?

Desculpe, mas não podemos lhe dar a resposta certa.

O que podemos lhe dizer é que o Volkswagen é fabricado para durar o máximo.

Seu motor é de baixa rotação. O curso dos pistões é reduzido, tornando mínimo o desgaste das peças móveis.

Seu sistema de refrigeração a ar dispensa radiador de água, bomba d'água, tubinhos, mangueiras... tôdas essas coisas que estão sujeitas a enferrujar, entupir, vazar, estourar.

O chassi é blindado por meio de uma chapa de aço.

Achamos que essa é a melhor maneira de evitar danos às partes mecânicas e elétricas.

Foi ainda pensando na durabilidade do Volkswagen que se adotou a suspensão por barras de torção.

Elas são de aço e pràticamente inquebráveis.

Temos ainda um Livrete de Serviços Técnicos que acompanha cada Volkswagen.

Êle é uma garantia adicional para manter o Volkswagen sempre em forma.

Como v. vê, fizemos tudo para o Volkswagen ser um carro durável.

Agora, se v. souber de algum VW que se aposentou por velhice, avise-nos por favor.

Nós também estamos curiosos para saber quanto êle dura.

"Tôdas elas querem com o feio namorar"

Pequeno dicionário da gíria ié-ié-ié

O sucesso de Roberto Carlos e da turma do ié-ié-ié transformou-os num dos maiores empreendimentos comerciais, de que o cinema e as revistas resolveram se aproveitar: será lançado brevemente o filme "SSS Contra a Jovem Guarda" e logo aparecerão, numa revista em quadrinhos, as aventuras de Roberto Carlos e de tôda a sua famosa gang.

A linguagem de Roberto Carlos e seus seguidores modifica o sentido das palavras antigas e traz outras, novas, que são usadas tanto nos **shows** como na conversação diária da juventude.

O artigo também é usado para dar ênfase à opinião. Por exemplo: "aquele é o carro"; "Sofia é a mulher".

Aqui estão as palavras principais:

Avião — Carro americano.
Barra limpa — Pessoa simpática.
Bandidão — Rapaz bonitão.
Barra pesada — indivíduo malandro.
Bicão — Pessoa que quer entrar no grupo e para isso se sujeita a tudo.
Bidu — Coisa ou gente ótima, notável.
Bolha — Bobão.
Boneca — Garôta muito bonita.
Brasa — Música agitada, coisa boa.
Chatô — Casa, apartamento.
Creu — Sôco, sopapo, paulada.
Estar por fora — Ignorar.
Fogueira — Negócio muito bom.
Gata — Môça bonita.
Jovem, Figura, Campeão — Usado para chamar alguém: "ó figura!"
Lenheiro — Pessoa que faz sucesso.
Mil gentes — Muita gente.
Mora — Veja; procure entender.
Museu — Coisa ou pessoa velha.
Onda careca — Proposta ruim; tendência ou movimento ruim.
Papo firme — Conversa verdadeira.
Papo furado — Conversa ruim; mentira.
Papo legal — Boa conversa.
Poema — Música romântica.

Elas só apareceram com **A História de Um Homem Mau,** junto com a pulseira de prata que êle não mais tirou do pulso. Nem para tomar banho. Usa dois anéis na mão direita; o do dedo mindinho é de ouro e jade. Para êle, homem que usa anéis é mais distinto:

— Barra limpa, mora!

Roberto Campos não existe

Longe do palco, o cantor é displicente com as roupas. Anda de calças rancheiras e camisa esporte que lhe dão um ar mais acentuado de garôto. Não tira as botas de camurça azul. Barbeia-se duas vêzes por dia, embora tenha pouca barba. E é êle mesmo quem apara seus cabelos, com uma tesoura de ponta, igual à dos barbeiros.

Quando canta, seu rosto é o de um anjo malicioso, que conhece mil segredos de sedução, escondidos sob uma ingenuidade desmentida pelos olhos vigilantes. Não gosta de gente muito bonita, procurando em todos alguma coisa que os torne simplesmente "diferentes do resto". Nos homens admira a valentia e a virilidade, traduzindo isso com uma palavra: **bandidão.** Gosta de mulheres mais velhas que êle:

— Elas me dão segurança e conhecem a vida melhor do que eu.

O encanto indefinido que exerce sôbre os jovens é um mistério: talvez venha da postura irreverente que adota quando conversa, canta ou simplesmente escuta, lembrando James Dean. Mas a lembrança desaparece no sorriso simpático e cheio de vida. O misto de passividade e agressividade de seu olhar é repentinamente substituído pela vitalidade que explode na voz e na alegria dos gestos e das roupas.

Roberto Carlos não mostra o mínimo interêsse pelo que chama de **problemas dos adultos.** Nunca ouviu falar em Roberto Campos, e reage com o ceticismo dos simples quando alguém, por acaso, lhe diz que o homem um dia pode chegar à Lua. Sua leitura exclusiva são as revistas infantis. Não tem a mínima idéia do que seja o Vietnã e do Brasil conhece muito pouco.

Não sabe quem é o governador de Minas Gerais, nem sabe que o Congresso Nacional é formado pela Câmara Federal e pelo Senado. Para êle o importante é "viver a vida": recentemente comprou um apartamento na rua Albuquerque Lins, em São Paulo, onde vai morar com Erasmo Carlos. O apartamento tem três dormitórios, sala enorme, dois banheiros e dependências para empregados. A decoração será suntuosa.

— Vou dar festas de arromba e para receber os convidados já contratei um mordomo de cravo vermelho e tudo — diz êle.

Enquanto isso não acontece, o quartel-general de Roberto Carlos está instalado no quarto 1214 do Lord Hotel, em São Paulo, onde recebe os amigos, os jornalistas e compõe suas músicas. O quarto, sempre em desordem, tem um alvo dependurado na porta do guarda-roupa e o cantor passa horas a fio tentando acertar na môsca com setinhas de metal.

Roberto Carlos tem paixão pelos esportes motorizados e gosta de dirigir seu Impala em disparada. Quer comprar uma Ferrari, um Ford GT, e um Interlagos. Quando fala em futebol, porém, trinca os dentes, relembrando sempre que ficou de fora nas peladas:

— Tenho raiva de bola.

O programa que ninguém queria

No dia em que a Agência de Publicidade Magaldi, Maia & Prosperi procurou a TV Record para comprar, em nome de um anunciante, o programa **Jovem Guarda,** o diretor da emissora deu um suspiro de alívio:

— Eu estava pagando um dinheirão para Roberto Carlos e ainda não conseguira interessar nenhum anunciante no programa.

Era setembro de 1965. Os produtores da TV-Record haviam chegado à conclusão, pouco tempo antes, que um programa de ié-ié-ié teria muito sucesso, porque os Beatles eram o fenômeno musical do momento. Para comandar o programa pensaram em muita gente até se fixarem num rapaz que fazia e cantava músicas que a juventude andava repetindo:

— Quanto você quer para fazer **Jovem Guarda?**

— Seis milhões de cruzeiros por mês.

O diretor espantou-se e disse que sòmente daria um milhão e meio. Discutiram durante uma hora. No fim, Roberto assinou. Receberia 4 milhões mensais.

SEGUE

"E que tudo o mais vá para o inferno"

O sucesso deu nova dimensão ao ié-ié-ié: RC é rico e próspero homem de negócios.

E teria ainda 20% da bilheteria do teatro Record, uma porcentagem na venda dos **videotapes** para outras emissoras, passagens de avião e liberdade para assinar outro contrato no Rio.

Com o horário comprado, a agência de publicidade levou ao anunciante o programa encomendado e recebeu uma resposta surpreendente:

— Êsse negócio de juventude é negativo. Vocês sabem, **play-boys,** transviados. Pensando bem, não seria boa recomendação para os nossos produtos. Achamos melhor cancelar o programa.

Como ninguém mais se interessasse, os homens da agência **resolveram:**

— Vamos nós mesmo patrocinar.

A partir da decisão, as idéias foram surgindo. Um contrato feito com Roberto Carlos levou-os à criação de uma emprêsa que cede a marca **Calhambeque** às indústrias fabricantes de certos produtos, mediante pagamento de **royalties.** Os sócios da nova firma — a agência de publicidade e o cantor — decidiram que os produtos a serem fabricados seriam calças e saias, no estilo dos **blue-jeans** norte-americanos, modificadas por Roberto Carlos.

Em cada programa o cantor repetia:

— **Calhambeque vem aí, é uma brasa, mora!**

E os resultados superaram tôdas as perspectivas. Poucas semanas depois do lançamento, o fabricante do tecido utilizado nos modelos chegou à produção de 200 mil metros mensais. Em 4 meses, com a criação de novos produtos — camisas, sapatilhas, chapéus, chaveiros, cintos — a venda atingia 350 mil peças.

Sem contar os novos produtos que estão sendo lançados — roupas de inverno, refrigerantes, acessórios para automóveis, bôlsas, artigos escolares — Roberto Carlos passou a receber, em média, de 15 a 20 milhões de cruzeiros mensais em **royalties.** No dia seguinte a cada programa de Roberto Carlos, os donos de lojas ouvem seguidas vêzes a mesma pergunta:

— O senhor tem um boné igual àquele que o Roberto Carlos usou ontem?

Salário de 8 milhões

É por tudo isso que em fevereiro, quando Roberto Carlos foi chamado para renovar seu contrato com a TV-Record, saiu da sala com 8 milhões de cruzeiros mensais, e as mesmas vantagens do contrato anterior. Logo em seguida, chegou o convite inevitável:

— Queremos fazer um filme sôbre Roberto Carlos.

A proposta era de Luís Sérgio Person, que dirigiu **São Paulo S.A.** Pouco tempo depois, estava fundada mais uma emprêsa da qual Roberto Carlos era um dos sócios principais: a Jovem Guarda Produções, que fará um filme sôbre o ié-ié-ié no Brasil e, com a renda obtida, dedicar-se-á à produção de outras fitas.

Também uma emprêsa de histórias em quadrinhos resolveu aproveitar o sucesso do ié-ié-ié. Propôs e viu aceita a criação de uma revista com o nome de **Jovem Guarda** que sairá neste mês. Vai contar as aventuras da turma do ié-ié-ié, usando a linguagem e filosofia de vida de seus cantores. Os argumentos de algumas historietas são do próprio Roberto Carlos.

Para tratar de todos êsses negócios, o cantor reune-se com os sócios na sede da agência, onde já tem lugar reservado na cabeceira da mesa de reuniões. Êle ouve mais do que fala, sempre desenhando no bloco de papéis que está à sua frente, principalmente carros de corrida. Fica contentíssimo quando um dos diretores da agência o chama de sócio, ou quando nas discussões é apontado apenas com as iniciais RC, como nos filmes americanos.

Suas opiniões são definitivas:

— Não sei não, cara. Não gosto disso, não.

Sua filosofia comercial é imediatista, como tudo que faz. E êle a repete a todos que lhe vêm propor negócios:

— Investimento que não der 50% de lucro, não é papo pra mim.

Duas vêzes por mês, entretanto, Roberto Carlos dá **shows** beneficentes nas capitais ou em pequenas cidades do interior, sempre com renda destinada às crianças. Ajuda também os colegas, principalmente os que estão começando. E, enquanto balança o corpo ao ritmo do ié-ié-ié, na boate Cave de São Paulo ou no Le Bateau do Rio, Roberto Carlos talvez se lembre dos tempos em que sua atual secretária, Edy Silva, vivia nos corredores da televisão, suplicando aos produtores:

— Por favor, bota o Roberto Carlos em seu programa. Êle vem cantar até de graça. Por favor.

FIM

V. pode
ficar indeciso...

...quanto ao
modêlo...

...(os gostos
são muitos...

...e nossos
desenhos
também)

Mas a qualidade
é uma só:

abotoaduras MB

Bom gôsto que destaca
Distinção que sobressai

MB INDÚSTRIA METALÚRGICA S. A Rua Major Sertório, 573—Tel. 36-0703—Caixa Postal 30079
End. Telegrafico Combraveco—São Paulo—SP • Revendedores em todo o país.

LINS - SP

NOSSA CIDADE

Esta é a vida de uma cidadezinha típica do interior do Brasil, vida de Conceição do Mato Dentro, no nordeste de Minas, com seus 5 mil habitantes. Já viveu de minério, agora vive de gado, de fabricar móveis, rapadura, e a melhor pinga do mundo. Tem um santuário, uma igreja matriz — fechada de tão velha — e uma igreja do Rosário, onde se rezam as missas. A rua principal, estreita porém apelidada avenida, é o centro nervoso e lugar do footing. Ninguém quer ir para Conceição, ninguém quer sair de lá, onde os dias e as noites são sempre iguais. A não ser raramente, como no último sábado de março, quando um fato abalou tôda a cidade.

Texto de José Carlos Marão
Fotos de um album de recordações

Foi mesmo um grande acontecimento, o daquele sábado, em Conceição do Mato Dentro. Comemoraram o juiz, o gerente do banco, o deputado local, e ilustres visitantes, todos impecáveis em azul-marinho, sòbriamente sentados nos sofás modernos e cadeiras coloniais do andar de cima da casa do prefeito. Bebiam guaraná com uísque que o velho Levi Ferreira de vez em quando trazia. Comemoraram outros cidadãos, não tão importantes, no andar debaixo da mesma casa, bebendo sem fazer pôse e cantando enfòricamente músicas de carnaval entremeadas com o Hino da Cidade. Os jovens comemoraram no clube, pois apesar da quaresma houve até baile em que as môças disputaram os poucos rapazes da cidade e alguns vindos de fora especialmente para ver o grande evento.

Um dia antes, sexta-feira, sol nem bem nascido ainda, mestre Zé Júlio, como faz todos os dias, já estava na *avenida*, cujo nome é Bias Forte, mas poucos sabem. Ia o velho mestre seleiro, andando devagar, sempre de colete, paletó e uma bengala famosa, ver se o relógio da matriz funcionou direitinho durante a noite e justificar os 3 mil cruzeiros por mês de salário. Para depois trabalhar o dia inteirinho na tenda da selaria, como se não fôsse casado 3 vêzes e pai de 22 filhos.

Segundo o costume, quando passa pelo hotel e restaurante Cuiabá, o mestre bate com tôda a fôrça a ponta da bengala duas vêzes no poste de ferro que quase acorda a cidade in-

teira. Foi para avisar Antônio Geraldo que eram exatamente 5 e meia da manhã. Antônio Geraldo é o dono do hotel e tem muito orgulho de levantar cedo, mas dificilmente ganha do mestre. Só que, nesse dia, ganhou. E fêz o que sempre faz, quando já está de pé na hora do mestre passar — uma gargalhada, um pontapé na porta de aço do seu restaurante e um grito:

— Ah, véio, hoje levantei mais cedo. Não sabe que amanhã tem coisa importante na cidade e eu vou ter muito serviço?

Zé Júlio nem quis saber o que ia acontecer e foi cumprir suas funções de zelador do relógio da igreja. Deixou para trás Antônio Geraldo acordando os hóspedes que iam viajar, e Teófilo, o motorista do ônibus, já tratando de esquentar o motor da jardineira.

Teófilo nunca partiu para Belo Horizonte tão atarefado como nessa sexta-feira. Além das encomendas normais — entregar cartas, dar recados, pagar uma conta — estava encarregado de comprar alguns presentes e fazer vários convites verbais, tudo para o grande acontecimento do dia seguinte, sábado.

Até pensa em tomar nota, mas não precisava. Teria bastante tempo para relembrar tudo durante as 6 horas de viagem, em que estaria percorrendo *velozmente* a estrada de 170 quilômetros até Belo Horizonte, parando a cada sinal de passageiro.

SEGUE

Zé Júlio, mestre seleiro, à esquerda, gosta de acordar Antônio Geraldo (direita), ex-operário, agora dono do hotel e restaurante.

Conceição ajuda quem cêdo madruga

Estacionaria também em tôda bica de boa água, sem falar na meia hora de almôço.

A partida ou chegada diária de ônibus é a única coisa que em Conceição tem o sabor da novidade. Nessa sexta-feira, mesmo com a promessa de uma quebra total da rotina no dia seguinte, juntou gente em volta da jardineira. Com um certo interêsse especial: ver quem não ia ficar para o sábado. Até o prefeito Duarte pôs a cabeça gorda e careca para fora de uma das muitas janelas de sua casa e espiou.

Os rapazes do ginásio, as môças do colégio, as crianças do grupo, as professorinhas já iam tomando conta da rua. Mas como a aula é às 7, sempre dá tempo de dar uma olhadinha na partida. Dona Raulina, a beata, que nessa hora sai de casa tôda de prêto para a missa diária que não perde há anos, olha também.

E a turma se dispensa quando o ônibus vira na curva da estrada e não é mais possível ler o aviso "keep distance" da traseira.

Às 7 horas abrem as portas a Casa Lúcia do Niquinho (que tem um presente para cada gôsto) e a loja Adão, onde, segundo enorme e taxativa ordem escrita nas paredes de fora, deve-se entrar e comprar mais barato. Quando Niquinho e Adão começam a trabalhar, é sinal de que ninguém mais dorme na ativa comunidade conceicionense.

Reforma

Mais ou menos também às 7 horas, na casa do prefeito, na avenida, alguns metros abaixo das duas lojas, Levi Ferreira estava dirigindo os trabalhos de um grupo de pedreiros. Êle é o homem que faz de tudo: no dia seguinte serviria uísque aos respeitáveis senhores de azul-marinho, agora orientava a reforma da casa do prefeito, que tinha de estar pronta necessàriamente até o sábado. A casa, construída há uns 150 anos ou mais, em puro colonial brasileiro, o prefeito Duarte herdou de seu sôgro, o falecido João Turco, comerciante. E tratou de melhorá-la para o esperado sábado:

— Vamos colocar aí do lado uma porta dessas de vidro, moderna, que êsse casarão não tem nem uma entrada decente, você entende?

Levi, apesar de especialista em limites de terras em Conceição (sabe a quem já pertenceu cada metro do município e prova com documentos antiquíssimos), entendeu perfeitamente. E cuidou êle mesmo de apressar as coisas, de pintar com tinta prateada as peças de ferro do moderno portão encomendado pelo dono e, a quem observasse que aquela não era exatamente a sua função, Levi respondia:

— Uai, pois não é amanhã o dia?

Quase 7 e meia, começavam a chegar à avenida os freqüentadores habituais, para as conversas, os negócios.

— Com'é, o homem chega hoje?

— Diz que chega.

Foi Teiado que, chegado com um jipinho velho — o Mosquito — perguntou a Antônio Geraldo, o dono do hotel-bar-restaurante, se estava confirmada a vinda do esperado engenheiro do DER. Teiado, além de dono da relojoaria Marçal, onde tudo se conserta, desde tampa de bule até fogão a gás, é môço preocupado com o progresso e os acontecimentos da cidade. Liderou a fundação da companhia telefônica, a instalação do repetidor de televisão (a cidade já tem 30 aparelhos) e agora empenha-se em conseguir capital para uma fábrica de farinha de mandioca.

O soldado Geraldo também já estava na avenida, gordo, bigodudo e imponente, andando para baixo e para cima, policiando, preocupado com o sábado, se daria muito serviço ou não.

Chicão, gordo e careca, estava, como sempre, na porta do seu bar, o Cantinho do Céu, desafiando quem passasse para uma partida de damas. Dizem que Chicão, além de campeão regional dêsse jôgo, tem uns 30 milhões emprestados.

Juquita, o barbeiro, estava preocupado com a chegada do sábado: só trabalha com hora marcada, e não tinha mais horários livres.

O delegado Zé Pimenta também está sempre ali por perto do Cantinho do Céu. É um môço da cidade, que tentou ser investigador em Belo Horizonte, não conseguiu, e à falta de outro, é responsável pela

O prefeito Duarte quer largar o cargo, para ser procurador na capital. À direita, Teiado com Levi Ferreira, o homem faz-tudo.

ordem em Conceição do Mato Dentro. Zezé da Ubaldina, dono do Hotel Ubaldina, passou perto dêle, arregaçou as calças e olhou irônico. Com isso estava chamando Zé Pimenta de delegado calça curta, mas Zé Pimenta não ligou, pois não estava a serviço: "Ligo para isso quando estou na delegacia".

Serviço

São 8 horas. Doutor Juvêncio, único médico que exerce a profissão num raio de muitos quilômetros, já tomou café e abriu a porta do consultório. Estava preocupado com duas coisas: a chegada do engenheiro do DER e o que vai acontecer no sábado.

Com esta sexta-feira, não se preocupava. Pois sabia exatamente que teria de atender a umas 20 consultas até as 11 horas, quase tôdas casos de verminose e subnutrição.

Depois das consultas e do almôço, se tudo der certo o doutor vai ter uma conversa com o engenheiro do DER.

Ao meio-dia ainda vai dar uma passada pelo hospital, para ver como estão os doentes internados e depois vai atender às consultas no Pôsto de Saúde. Faz muito tempo, tôdas as mães da cidade e até da roça preferem dar à luz no hospital. Se o doutor Juvêncio não está, dona Ziquinha, a robusta parteira, resolve muito bem o caso.

Depois da correria de consultório, hospital e pôsto, aparecerão as chamadas a domicílio, na certa. Sempre foi assim, desde 1943 quando completou seu curso e escolheu Conceição para clinicar. Pode ser até que numa dessas chamadas o treino do Esporte Clube Conceição seja perturbado, pois o doutor Juvêncio é o dono das camisas, da bola e do apito.

Quem chega a Conceição de automóvel dá logo com a **avenida.** Virando a primeira à esquerda, depois de passar pelo correio, a matriz, a farmácia do Guerra, e virando de nôvo à esquerda da loja do seu Rajão chega ao largo do mercado, que com a Igreja do Rosário é o subcentro da cidade.

Nessa mesma sexta-feira, que antecedeu o tão aguardado acontecimento, estava por ali o Costa, homem já meio velho, paletó de brim, de venda em venda, esquina em esquina, tentando ouvir as novidades políticas e as incompreensíveis tendências dos eleitores. Mas o **coronel Rapôso,** apelido que foi dado ao Costa por tudo que fêz e aprontou nas eleições municipais, ouviu poucas novas.

História

Por mais que êle negue, a população insiste em contar a história da eleição do prefeito anterior: o Rapôso estava no ex-PSD, ainda não tinha passado para a ex-UDN. Seu candidato ganhava por 27 votos, mas faltava a votação de um distrito — Socorro — que seria feita depois, por falta de juiz. Rapôso, por procuração, conseguiu requisitar os títulos de metade dos eleitores de Socorro que, com tôda certeza, votariam na UDN. Na hora da votação foram solicitados os títulos ao coronel Rapôso que ouviu até uma ameaça: é crime escondê-los. Mas os títulos não apareceram. Jurou, e até hoje jura, que não estavam com êle. Porém comenta-se que na ocasião o Rapôso cochichou a um companheiro:

— Crime é perder a eleição.

Eis que, afinal, às 10 e meia, chega a hora do almôço do mestre Zé Júlio. Como sempre, conscienciosos garotos de Conceição, e até alguns adultos, iam espalhando pelo caminho latas vazias e bolas de papel, para que, durante o caminho, o mestre sempre tenha uso para sua bengala, e possa praticar uma espécie de gôlfe só seu. Verdade que as latas às vêzes não estão vazias e os papéis podem estar encobrindo substâncias não muito agradáveis. Mas Mestre Zé Júlio não liga.

Todo dia êle vem com uma nota de 10, 20 ou 50 cruzeiros dobrada na mão. Entra no bar de Antônio Geraldo, onde Raimundo, o **barman** do hotel (um dos melhores salários de Conceição, fora os bancários e funcionários: cama, comida, IAPC pago e 50 mil por mês), já coloca pinga num copo grande, e, de garrafa na mão, fica esperando o mestre que diz sempre a mesma coisa:

— Suj'ela.

É a ordem para misturar vinho. Naquela manhã, Raimundo observou:

— Mas o senhor devia descansar para beber mais amanhã.

— E eu lá sei o que vai ter amanhã?

Enquanto o mestre pagava, um grupo com ar meio misterioso foi-se juntando lá fora.

Entre êles estava o Zé Pedro da Silva, Zèzinho, do IBGE, e presidente da Cia. Telefônica. Junto com Teiado, foi êle que convenceu o povo a comprar telefones. SEGUE

Dr. Juvêncio, o magrinho, é o dono do time. O gordo é o dentista Osmar. À direita, Zezé da Ubaldina e o escritor Honório.

Na farmácia é onde se faz política

Muita gente era contra e dizem que até o prefeito Duarte, partidário da idéia de que em Conceição quando se quer falar com alguém basta sair na rua e dar um grito, só tem o aparelho porque a família insistiu muito.

Teiado fechou a lojinha que conserta tudo e também foi juntar-se ao grupo. Outro que estava com êles era o Niquinho, da Casa Lúcia. Doutor Osmar, dentista e dono de um dos 3 carros de passeio da cidade, interrompeu seus planos de pescaria e futebol para estar ali também. O quinto homem era o doutor Juvêncio.

Êsses senhores formam o diretório local do extinto PSD, do qual Juvêncio é o presidente. Entraram no bar de Antônio Geraldo, que é juiz de paz eleito pelo ex-PSD, e conferenciaram. O objetivo era êsse: o ex-PSD, oposição, precisa ficar popular para vencer as próximas eleições. Aproveitando que o prefeito "prometeu muito e não fêz nada", além de já estar sòzinho, abandonado pela ex-UDN, foram reivindicar, por conta própria, junto ao engenheiro do DER uma **residência** (repartição) do Departamento para Conceição. O engenheiro já tinha chegado, estava almoçando no reservado do hotel e disse que por enquanto não seria possível. Êles deixaram para insistir mais tarde.

Chegada

Zezé da Ubaldina não é homem que perca tempo. Mal vê o ônibus vir chegando, lá em cima, corre para o ponto. Ainda mais naquele dia, sabendo que muita gente podia chegar para o sábado, queria colocar sua pensão às ordens. Mas Zezé nunca oferece diretamente seu hotel:

— Eu fico ali, tentando cruzar meu olhar com o dos estranhos. Até que o fulano me pergunta qual é o melhor hotel. Eu digo que sou suspeito prá dizer, pois até tenho um. E pronto.

O resto da cidade, sem o mesmo interêsse de Zezé, está curiosíssimo para ver quem chega. Únicas desinteressadas são algumas mocinhas que passeiam perto do ponto de desembarque. Todos os dias, por coincidência na hora da chegada do ônibus, elas estão por ali, bem arrumadinhas, como quem não quer nada. É como diz o seu Nico Floresta, fazendeiro, funcionário e pai de môça solteira:

— Tenho muito dó das môças de Conceição. Os moços vão todos embora. As môças se formam na escola normal, ficam lecionando, e não têm com quem casar. A solução é mesmo esperar o ônibus, quem sabe desce algum viajante solteiro?

Com grande acontecimento ou não para o sábado, a cidade descansa entre a chegada do ônibus, ao meio dia, e 4 da tarde, fim das aulas. O sol é quentíssimo. As ruas, desertas. O silêncio é absoluto, só quebrado por alguma gargalhada de Siá Fina, senhora muito normal que tem mania de rir alto pela rua. Também quebra o silêncio o canto dos meninos pobres, tocando o burrico que carrega lenha:

— Saltei de pára-quedas, o pára-quedas não abriu.

Mandei o motorista pra...

— Cala a bôca, menino!

Tardinha

Depois de ler o jornal de quinta-feira, que chegou sexta pelo Correio — Conceição não tem jornal — **seu** Guerra, presidente da extinta UDN, vice-prefeito e dono da farmácia, vendeu uma caixinha de pílulas anticoncepcionais (são 60 que vende por mês, ao todo) e ficou na porta, esperando sua turma. Ali pelas 6 horas estaria na farmácia a cúpula udenista, o Coronel Rapôso, o Zé Nito, o professor Rocha, o Gastão e mais alguns. O assunto, nos últimos meses, é tomar conta da ARENA, que o ex-PSD também quer. O assunto, na sexta-feira, foi como seriam os acontecimentos do sábado.

Não fôsse pelo dia seguinte, o comércio fecharia às 7 horas da noite, depois de completadas as suas 12 horas de serviço. Mas, em sexta-feira tão promissora, só mesmo às 8 Niquinho e Adão, que vendem de tudo, fecharam as portas.

SEGUE

MUITOS MOTORISTAS, AO SAÍREM DE UM PÔSTO TEXACO, ACHAM QUE SEUS CARROS "PUXAM" MAIS

Isto é explicado pela transferência da cortesia, da eficiência e da rapidez que V. nota num Pôsto Texaco para os produtos que V. adquire neles normalmente.

Água no radiador, ar para os pneus, limpeza do parabrisa — são pequenas atenções que V. recebe mesmo sem pedir. Você fica satisfeito e até mesmo confiante — não é bom saber que pode rodar tranqüilo?

Assim, tudo parece melhor, como se o seu dia tivesse começado mais azul. A cortesia é, de fato, um bom lubrificante para o otimismo. E é por isso que um bom dia começa sempre num Pôsto Texaco.

IA - 26.144

Prefira os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S.A.

TEXACO

o melhor amigo do seu carro!

QUANTIDADE, QUALIDADE E ECLETISMO

caracterizam a produção de

1965 da EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

- emprêsa empenhada em abrir perspectivas amplas e fecundas de informação, ilustração, crítica e debate aos seus leitores, praticando dessa forma a democracia cultural que o livro impõe como instrumento de liberdade.

Dos seus 140 títulos publicados em 1965, a EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA destaca os seguintes lançamentos, como sugestão para seus presentes.

ULISSES, de James Joyce o mais importante romance do Século XX, obra-prima do nosso tempo cuja tradução, por Antônio Houaiss, constitui verdadeira proeza intelectual como transposição para o nosso idioma da magia verbal do famoso autor irlandês. Um lançamento excepcional. Cr$ 10.000.

UMA INFINIDADE DE ESPELHOS, de Richard Condon best-seller mundial que conta a estória de amor de uma judia casada com um oficial alemão e revela o opróbrio e abjeção a que o nazismo pode levar o ser humano. Cr$ 3.000.

PARIS SOB O TERROR, de Stanley Loomis a reconstituição documentada dos grandes acontecimentos que caracterizam a Época do Terror durante a Revolução Francesa. Um livro fascinante. Cr$ 4.000.

GUIA HISTÓRICO E SENTIMENTAL DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, de Astolfo Serra

Um canto de amor e deslumbramento à tradicional cidade brasileira que ressalta os seus valôres artísticos, sua culinária, usos e costumes, graças e belezas. Edição ricamente ilustrada por Percy Lau. Cr$ 4.800.

Na mesma coleção — Imagens da Terra e do Povo — duas obras que obtiveram o 1.º Prêmio na Bienal do Livro e da Arte Gráfica:

BAHIA, de Oderico Tavares — Ilustrações de Caribé — Cr$ 3.000.

SANTA MARIA DE BELÉM DO GRÃ PARÁ, de Leandro Tocantins — Ilustrações de Percy Lau Cr$ 3.000.

Dez empolgantes estórias inspiradas nos **DEZ MANDAMENTOS** e escritas por dez dos mais expressivos ficcionistas do Brasil: Carlos Heitor Cony, Origenes Lessa, Marques Rebêlo, José Condé, Jorge Amado, Campos de Carvalho, Moacir C. Lopes, Helena Silveira, Guilherme Figueiredo e João Antônio Cr$ 3.000.

Uma obra famosa de Gibran Khalil Gibran magnificamente traduzida por Mansour Challita: **O PROFETA** — livro inspirado na milenar sabedoria do Oriente e que ilumina o homem perplexo do Século XX. Cr$ 2.200.

Os fundamentos da fé vistos por dois famosos autores:

ÊSTE É MEU DEUS, de Herman Wouk livro que enriquece a bibliografia brasileira sôbre a fé judaica. Estudo que aborda diversos ângulos de uma religião multissecular e que responde a inúmeras perguntas sôbre práticas do judaismo autêntico. Cr$ 3.200.

BREVE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES de Ambrogio Donini O autor, professor nas Universidades de Bari e de Roma, analisa a origem e o desenvolvimento das grandes religiões em conexão com a realidade social e econômica dos períodos históricos que as viram nascer. Cr$ 3.500.

AS VIDAS DE EL JUSTICERO, O CAFAJESTE SEM MÊDO E SEM MÁCULA, de João Bethencourt Romance humorístico cujo personagem é o Homo Copacabanensis. Retrata o comportamento e o surpreendente mundo dos cafajestes. Um livro picaresco de ritmo vertiginoso e esfuziante. Cr$ 2.300. Do mesmo autor: **A MÃE QUE ENTROU EM ÓRBITA** Cr$ 1.500.

COMER MELHOR, de Dona Estelle É o campeão dos livros de cozinha. Prático e ilustrado em prêto e branco e a côres. Farto e variado receituário que vai do trivial aos mais requintados pratos da culinária nacional e internacional. Um livro completo sôbre o assunto. Volume cartonado e com capa plastificada. Cr$ 4.500.

2 ROMANCES DE Hermann Hesse, Prêmio Nobel de Literatura:

DEMIAN obra capital do expressionismo. Narrativa que formou uma geração, foi um ato de libertação da juventude do primeiro pós-guerra. Cr$ 2.200.

SIDARTA extraordinário livro que aborda, no plano da ficção, os grandes e eternos problemas do Homem. A estória de um espírito rebelde que busca a paz do mundo. Cr$ 1.800.

Duas peças de ampla repercussão:

LIBERDADE, LIBERDADE, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes — uma mensagem de fé e confiança na Democracia, que só é plena e integral em clima de liberdade. Edição ilustrada. Cr$ 2.500.

O BERÇO DO HERÓI, de Dias Gomes — a estória de um falso herói de guerra que não queria saber de glórias, mas simplesmente viver Cr$ 2.200.

Não deixe de ver os 2 tomos já publicados de **O CICLO DE VARGAS**, de Hélio Silva, obra que documenta a História do Brasil contemporâneo:

1922 — Sangue na Areia de Copacabana Os conflitos políticos e militares de um momento crucial do Brasil Cr$ 5.000.

1926 — A Grande Marcha A marcha da Coluna Prestes e a luta pela sucessão de Washington Luís, ocasião em que surgem as candidaturas Júlio Prestes e Getúlio Vargas Cr$ 6.000. Obra baseada em documentos inéditos provindos dos arquivos particulares de Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Borges de Medeiros, João Neves da Fontoura e outras destacadas personalidades do Brasil.

Duas peças imortais num só volume: **ELECTRA**, de Sófocles **AS TROIANAS**, de Eurípides ambas traduzidas do grego por Mário da Gama Kury — premiado pela Academia Brasileira de Letras. Um livro que testemunha para os séculos a grandeza da literatura clássica dos gregos. Cr$ 2.200.

O GOVÊRNO INVISÍVEL, de David Wise e Thomas B. Ross Sensacionais revelações feitas por dois famosos jornalistas norte-americanos sôbre as fôrças ocultas nos Estados Unidos e ação da Central Intelligence Agency (CIA). Cr$ 4.000.

NOVELAS NADA EXEMPLARES, de Dalton Trevisan Admiráveis estórias do grande contista paranaense, tôdas elas marcadas de aguda observação psicológica e adequada fatura literária. Cr$ 2.200. Do mesmo autor: **O VAMPIRO DE CURITIBA** - Cr$ 2.000. **CEMITÉRIO DE ELEFANTES** — Cr$ 1.000.

Duas realizações de Jean-Paul Sartre:

O MURO — obra composta de 5 admiráveis estórias da fase existencialista do autor. Leitura empolgante. Cr$ 2.000.

A PROSTITUTA RESPEITOSA — Famosa peça de teatro editada e representada em todo o mundo. Uma contundente análise crítica dos absurdos do nosso tempo. Cr$ 1.200.

Os novos rumos da ficção brasileira caracterizados nos romances de 6 autores de raro valor:

O FORTE, de Adonias Filho — Uma estória de amor, a um só tempo lírica e violenta, marcada pela presença da Bahia, com seus mistérios e bruxedos. Cr$ 2.000.

LUGAR PÚBLICO, de José Agrippino de Paula — A dramática e sofrida narrativa de uma geração desesperada. A análise minuciosa da juventude sem rumo. Cr$ 2.800.

A OUTRA INFÂNCIA, de Hermann José Reipert — O amor, paixão, pecado e maldição do primeiro casal da terra revividos num Éden de paranóia. Cr$ 2.000.

NOITE CONTRA NOITE, de José Condé — Romance que revela as torturas morais e o tédio de um homem que não mais suporta o ambiente em que vive. Cr$ 1.700.

ROTEIRO DA AGONIA, de Mercedo Miranda — A vida obscura e sofrida de um desvalido peão do vale do Paraíba. Belo e forte romance, duro como a verdade. C$ 2.500.

O VENTRE, de Carlos Heitor Cony — O retrato das contradições de um homem — de todo e qualquer homem — diante dos problemas que a vida lhe apresenta. Cr$ 2.300.

Outros livros insólitos e perturbadores do mesmo autor:

Tijolo de Segurança (romance) Cr$ 3.000.
Matéria de Memória (romance) Cr$ 1.500.
Antes, o Verão (romance) Cr$ 1.600.
Posto 6 (crônicas) Cr$ 2.500.

A SUPERIORIDADE DO HOMEM TROPICAL, de A. da Silva Mello da Academia Brasileira de Letras Obra erudita que se lê com o maior agrado. Apoiado em impressionante cópia de dados, em cuidada pesquisa, o autor demonstra que o homem superior era o que habitava os trópicos na aurora do mundo. Um livro polêmico e revisionista. Cr$ 4.800.

4 reedições de F. Scott Fitzgerald, famoso romancista norte-americano que a juventude de todo o mundo admira e valoriza por sua profundeza como analista da alma humana e da sociedade:

O GRANDE GATSBY Cr$ 2.000.
ÊSTE LADO DO PARAÍSO Cr$ 3.000.
BELOS E MALDITOS Cr$ 3.200.
6 CONTOS DA ERA DO JAZZ Cr$ 2.800.

Sua biblioteca precisa dêste livro: **ENRIQUEÇA O SEU VOCABULÁRIO**, de **AURÉLIO BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA**. uma obra que o leva a aprender, de forma amena, como se fôsse um passatempo, o sentido preciso das palavras. 1.750 vocábulos e 50 locuções compendiadas. Grande número de etimologias e abonações. Cr$ 3.000.

3 obras que focalizam fatos, homens e idéias do Brasil:

5 ANOS QUE ABALARAM O BRASIL, de Mário Victor — espécie de filme documentário que narra a dramática história do Brasil que vai de Janio Quadros ao Marechal Castelo Branco Cr$ 6.000.

RUI — O HOMEM E O MITO de R. Magalhães Júnior — 2.ª edição do mais discutido livro dos últimos tempos. Cr$ 4.500.

HISTÓRIA DAS IDÉIAS SOCIALISTAS NO BRASIL, de Vamireh Chacon — Ensaio que estuda o pensamento político brasileiro através dos tempos e demonstra que há no Brasil uma longa tradição de luta em favor das idéias socialistas. Cr$ 4.500.

SHIRLEY, de E. V. Cunningham, inaugura a coleção **BIBLIOTECA DA MULHER MODERNA** e conta uma estória de suspense que traça, ao mesmo tempo, um perfil de mulher alegre e mordaz que sabe dominar-se e conhece os homens. Cr$ 2.000.

MEMÓRIAS de Ilya Ehrenburg Três volumes que reconstituem a vida européia do pós-guerra de 14, os primeiros anos da Revolução Russa e suas perplexidades e vão registrando o clima do mundo que explodiria no terrível conflito armado de 1945. Evocações de dias alegres e duros povoados de personagens célebres das artes, letras e política

1.º volume — Infância e Juventude (1891-1917) Cr$ 2.200.
2.º volume — Os Primeiros Anos da Revolução (1918-1921) Cr$ 2.200.
3.º volume — A Paz Armada e Os Primórdios do Nazismo (1921-1933) Cr$ 2.500.

Um best-seller mundial: **TARNOVSKA, A CONDÊSSA LIBERTINA** Neste romance famoso, seu autor, **HANS HABE**, revive a sociedade czarista do comêço do século e narra as paixões e arrebatamentos de uma mulher sedutora e diabólica. Cr$ 3.500.

FAZ ESCURO MAS EU CANTO, de Thiago de Mello poesias de solidariedade humana e social que expressam os sentimentos generosos do nosso povo dos quais o poeta é intérprete. Cr$ 1.500.

2 livros importantes para os interessados em Cinema:

ELEMENTOS DE ESTÉTICA CINEMATOGRÁFICA, de Humberto Barbaro um verdadeiro curso de cinema — da concepção do argumento à crítica do produto final. Um livro fundamental. Cr$ 3.500.

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, de Glauber Rocha A concepção e a execução, a crítica e a autocrítica de seu diretor, bem como todo o roteiro dêste extraordinário filme do Cinema Novo estão neste volume ilustrado. Cr$ 3.200.

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIA DO PAÍS

Pedidos pelo REEMBÔLSO POSTAL à

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 97 - RIO DE JANEIRO - GB.

O juiz Iraci, na escada do Forum. Depois, a turma que faz serenata, inclusive Tôni, o advogado solteirão, com seu automóvel.

Namôro só até as 9 e dentro de casa

Bem pouco se faz à noite, em Conceição do Mato Dentro, além de dormir. As môças se vestem para o **footing** na avenida, mas raramente voltam para casa acompanhadas, tão escassos os acompanhantes. E, de qualquer modo, às 9 da noite, de um jeito ou de outro, estão em casa, que é muito feio môça ficar na rua depois dessa hora.

Algumas, certas de que não vai adiantar nada ir até a avenida, jogam buraco na casa do seu Nico Floresta, com um baralho onde faltam um 7 de paus e um Rei de ouro. Êle próprio, seu Nico, prefere um joguinho de víspora na cozinha do hotel Cuiabá. Joguinho que o deixou muito preocupado naquela sexta-feira, pois perdeu 270 cruzeiros.

Os namoros de Conceição quase nunca são no portão de casa, pois os 11 zeladores do decôro público, fardados de cáqui, não querem nem saber. Namôro na rua depois das 9 é proibido. O soldado Geraldo já pegou muita môça na rua e levou até o pai, para evitar outras conseqüências.

A televisão só funciona depois das 10 da noite, por falta de luz, e o cinema, Conceição tem sim, ninguém diga que não:

— Só que agora está em férias, faz uns 3 meses.

Os namoros são, portanto, sempre dentro de casa, e na frente da mãe. E podem acontecer coisas engraçadas, numa cidade onde quase todo mundo é parente. É o caso do Geraldo Brás, que chamou a nomarada Mirtilinha e escutou:

— O senhor me chamou, tio?

Hugo Martins, conceicionense bem sucedido em Belo Horizonte, bebendo cerveja numa roda de bar, às 10 horas da noite de sexta-feira, disse que nunca viu tanta expectativa por um acontecimento, em Conceição, como nesses dias que antecederam o sábado. A não ser quando, muitos anos atrás, Neiva, o coletor, anunciou que ia suicidar-se, dia tal às tantas horas, e encomendou ao Joaquim da Dusina um caixão na medida. Herói da história virou o Joaquim, que foi ameaçado de cadeia, se entregasse o caixão, mas nem ligou. No dia combinado botou o esquife na cabeça, desceu embalado a ladeira, passou como um raio na avenida e fêz a entrega. Só que o Neiva não o usou, e mudou de cidade.

Luís Cambeba, outro conceicionense bem pôsto na vida, concordou que o caso do suicídio foi falado, mas nem tanto como o acontecimento do sábado. E aproveitou quando lhe deram a palavra, para mostrar suas 10 carteirinhas (usa 14, mas esqueceu 4 em casa), de ex-combatente, de motorista da Petrobrás, duas de clubes de carnaval, duas de crediarista e outras parecidas.

Nessa hora, mais ou menos, acaba o jôgo de pôquer na casa do Guerra, o farmacêutico vice-prefeito. Não se deve jogar além de 11 horas, em Conceição do Mato Dentro.

No bar do Macedo, único onde há Brahma, casco escuro, outra turma estava bebendo, fazendo hora, para começar bem o sábado. Tôni, o advogado; Tarcísio, estudante que também dá aulas na escola de comércio; Honorinho, dono de um violão; Décio, dono de outro; e Antônio só esperavam chegar a hora certa da serenata.

O prefeito Duarte, tomando ar na porta de casa, sòzinho, pensava no dia seguinte e na vida também. Quer deixar o cargo logo para o vice-prefeito (embora se diga à bôca pequena que o Guerra não aceita a prefeitura como está). Quer assumir, em Belo Horizonte, o lugar de Procurador de Justiça, conseguido pela sua longa carreira de advogado cheio de lábia. Mas também pensava nas placas que puseram pela cidade — **É proibido caçar,** no capim da rua; e **É proibido pescar,** nas poças d'água.

Duas horas da manhã, os moços já fizeram a serenata. Talvez haja mais, mas preferem antes passar pelo bar do Mandi, lá na Bandeirinha, que deve estar fechado, mas com duas batidas na porta se abrirá para uma pinga com banana verde de tiragôsto. Mandi abre seu bar numa hora em que nem Natália e Chiquita, as prostitutas, recebem mais ninguém.

Dia nôvo

Enfim, sábado.

Zé Júlio já acordou Antônio Geraldo, o ônibus já partiu, as lojas já abriram.

Frei Eduardo, peça importante do grande acontecimento. Ao lado, seu Faria, gerente do BB, um funcionário e suas crianças.

Enfim sábado, para beber e cantar

Só houve movimento de estudantes, pois aos sábados, com exceção para as normalistas, não há aula para ninguém.

Em compensação, é dia do mercado funcionar, com gente vendendo rapadura, abobrinha, ôvo, carne, pão e tôda a produção agrícola do município. A cidade vai às compras. Numa rodinha de gente, no mercado, o prêto Meuzóio estava contando que, na hora de sair da cadeia, disse que se um dia voltasse lá ia ser por motivo justo, não por cachaça. Êle foi o único homem que até hoje bateu no juiz de direito. Foi um dia que se cruzaram na estrada: o prêto, muito caolho, foi chicotear o burro, não viu a autoridade, deu-lhe com o chicote na cara.

— Que é isso, negro sem-vergonha?

— Discurpe, doutor, foi o meuzóio.

E o Meuzóio, Meuzóio se chamou.

A costureira Daisy já entregou todos os vestidos encomendados para o sábado. As môças não foram nem ao Poço do Sossêgo, nem ao Poço do Padre Elói, onde aos sábados e domingos passam as tardes nadando, tomando sol, lendo fotonovelas ou jogando buraco. Foram tôdas à cabeleireira e, no salão de Dona Hilda, as conversas deixaram de ser a briga da Idelma com o Antônio Magno, ou outros namorados, para se transformar em palavras de expectativa e previsão sôbre as coisas que se iam desenrolar logo mais, à tarde. Nem à missa iriam nesse sábado (a missa do sábado vale para domingo), prefeririam a do próprio domingo. Mesmo porque, a missa das 7 sairia atrasada, visto ser necessária a presença do frei Eduardo nos acontecimentos da tarde.

Banda

— Minha filha, vê se tem água na talha, que chegou visita.

Mestre Janjão, velho alfaiate, diretor da banda de baixo (a de cima não existe mais) recebeu os amigos com uma cachacinha, da legítima de Conceição. A banda, que recebeu de seu pai, já chegou a ter só elementos de sua família. E, por falta de gente, lançou mão de môças, para tocar, e achou-as melhores que os marmanjos.

— Como é mestre, a banda sai hoje?

— Não. Não sai, porque não ensaiamos, e também porque não é o caso de se precisar de banda.

Na avenida, movimento intenso. O escritor local, do seu quartinho na pensão Ubaldina, cuja porta êle só abre para receber visita, ir comer ou pegar o penico limpo no corredor, fêz uma pausa na revisão do seu último livro, o "Fuhiziana (Verso e Reverso)" para ver a gente na rua. José Honório Pinto Coelho já publicou 5 livros: "O Engenheiro das Selvas", "Mulher é sempre Mulher", "Taça Vazia", "O Fantasma do Viaduto" e o "Menino da Roça", êste escrito em ortografia antiga, para seu pai, que não entendeu a reforma ortográfica, poder ler.

Epílogo

Chegou a noite de sábado.

Os homens todos de terno escuro e as môças penteadas e pintadas, subiram a ladeira da igreja do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos, para assistir ao grande evento.

Uma turma não foi: os trabalhadores que fazem parte do **clube da lagoinha,** base eleitoral do deputado da cidade; êles ficaram bebendo no bar de Antônio Geraldo. O deputado também ficou, empenhado em levá-los para a comemoração, na casa do prefeito, e provar assim que Duarte não é tão impopular como dizem.

Na igreja, muita gente impaciente para ver a festa do ano, que mexeu com tôda Conceição: Eliana, filha do prefeito ia casar com Zanoni, funcionário da agência local do Banco do Brasil. E a cidade, elegantíssima, vive a emoção do esperado momento: Duarte entra na igreja, orgulhoso, de braço dado com a filha.

* * *

PS — Não houve fotos do casamento. O Aldeil, funcionário do Pôsto Agropecuário e fotógrafo oficial de Conceição do Mato Dentro, é inimigo do prefeito. Não foi convidado.

FIM

um ideal, transformado em

REALIDADE

Os êxitos dos raides aéreos durante a I Guerra Mundial e o lançamento da aviação comercial em outros países criaram, no Rio Grande do Sul, um clima favorável ao estabelecimento de uma emprêsa de navegação aérea. Em 1926, êsse movimento tomava consistência e, sob a liderança de Otto Ernst Labastille, observador aeronáutico da I Grande Guerra, conseguia a adesão do Sr. Alberto Bins, Presidente da Associação Comercial de Pôrto Alegre, que, por sua vez, atraiu a cooperação dos homens de negócio e o estímulo oficial através da Assembléia dos Representantes e do Presidente do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros, para a constituição de uma companhia de aviação. Enquanto se processava a tomada de ações, a Condor Syndikat, emprêsa alemã, concessionária da venda de material aeronáutico na área das Caraibas e na América do Sul, era convidada a trazer para Pôrto Alegre um hidro-avião para vôos de demonstração. Tratava-se de um Dornier-Wall, bi-motor para 9 passageiros, batizado com o nome de "Atlântico", que foi adquirido para a companhia em organização. Seu primeiro vôo, a serviço da Varig, com passagens pagas, foi executado a 3 de Fevereiro de 1.927 sob a responsabilidade da firma vendedora, levantando de Pôrto Alegre com destino a Pelotas. Marca êle o início de operação da aviação comercial no Brasil e a inauguração da primeira linha aérea regular entre nós, conhecida como "Linha da Lagoa", que unia Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande, sôbre as águas da Lagoa dos Patos, num percurso de 270 km. O Dornier-Wall "Atlântico", instrumento dêsse acontecimento histórico, abre a Fôlha 1, do livro n.º 1, do Registro Aeronáutico Brasileiro, comprovando o título de "pioneira", de que se orgulha a Varig. A absoluta falta de pousos, forçava a Varig a limitar-se à rota sôbre a Lagoa dos Patos. Em 1932, quando sob seu incentivo rasgavam-se os primeiros campos rústicos, suas linhas eram imediatamente ampliadas para o interior.

Estruturada a sua rêde no sul do país avança a rota internacional, em 1952, de Montevidéu até Buenos Aires, passando, em 1954, a atender, também, o norte do país. Hoje suas rotas, além de cobrirem todo o Território Nacional, alcançam os principais países das 3 Américas. Europa e África, atendendo cêrca de 132 localidades.

Isto é um pouco da história da décima emprêsa aérea do mundo, nascida de um ideal, logo transformado em explêndida REALIDADE.

VARIG

A PIONEIRA

Um assunto muito bem temperado é o

FÍGADO À

No Brasil, fígado é nome de doença.

E doença da qual ninguém escapa. De Norte a Sul, é raro encontrar brasileiro que não sofra do **mal atroz.** Basta uma queixa:

— Que dor esquisita. É aqui do lado.

Alguém sempre aparece para dizer, solícito, em tom de quem domina a sabedoria humana:

— Com licença? Ouvi o que disse. É fígado. Sofri muito, mas graças a Deus agora estou curado. Já tomou alguma coisa? Então tome estas pílulas. São excelentes.

Muitas vêzes os conselheiros são de **escolas** diferentes e então o portador de **fígado** enriquece seu conhecimento com outras fórmulas salvadoras:

— Escute, amigo. Tome **Figofim** que sara logo. Eu também não conseguia viver. Resolvi com 10 gôtas ao levantar e mais 10 ao deitar.

— O que é isso? Quer matá-lo? **Figofim** é veneno para o fígado. Êle vai piorar. O que vale, ainda, é a medicina dos antigos. A caseira. Tome um chàzinho de fôlha de abacateiro, logo de manhã, com um pouco de cáscara sagrada e pronto. Três dias e estará novinho em fôlha.

É tão comum brasileiro **sofrer do fígado** que até magia se tornou remédio. São as chamadas **simpatias.** Só a consulta custa dinheiro, pois o **tratamento** é de graça: um copo de água morna ao levantar, durante 7 dias. Ao deitar, rezar um Padre-Nosso, uma Ave-Maria e terminar a oração dizendo "Jesus, ajudai a livrar-me do fígado".

Quem prestar atenção acredita que o fígado é o maior flagelo brasileiro. É só ligar o rádio, a TV; entrar em farmácias, bares e até restaurantes; tomar bonde ou ônibus; ou simplesmente olhar os cartazes de rua. Em todo lugar vai ver e ouvir:

— As pílulas **A** fazem bem ao fígado de todos nós; Tome **B** e viva contente; Para os males do fígado, **C;** Mal-humorado, cansado, seu fígado anda mal, tome **D;** Não se desespere, a solução para seu fígado é **E;** Comeu muito, bebeu demais, seu fígado reclama? Tome **F;** Não sofra, para o fígado, **G.**

A primeira descoberta

Diante dêsse quadro, pode-se imaginar uma estatística alarmante: em cada 10 brasileiros, 10 morrem do fígado. Mas uma primeira pesquisa vais mostrar que o fígado não é doença e sim o maior órgão do corpo humano. Que exerce funções e, em vez de ser o nosso inimigo público número um, é o melhor amigo do homem.

Do ponto de vista comparativo, o fígado está para cada um dos outros órgãos do corpo humano na mesma relação de tamanho e complexidade que um grande laboratório industrial, dêsses que fabricam milhares de remédios, está para a mesa do farmacêutico.

O fígado é o grande laboratório do nosso corpo, pesa em média 1.400 gramas, tem côr vermelho-escura e a êle estão intima-

BRASILEIRA

mente ligados a vesícula biliar, todo o tubo digestivo, coração, baço e pâncreas.

Em presença de certas substâncias, o fígado reage como gato na frente de rato, e, diante de outras, como escoteiro em relação ao cego que atravessa a rua; em algumas horas parece um relógio, em outras age como se possuísse cérebro. Não pára nunca e, por ser muito grande, quando uma de suas partes é destruída por qualquer motivo, transfere equipamento e matéria-prima para a que sobrou e continua trabalhando, mesmo que reste 10% de sua capacidade total.

O fígado conhece e classifica todos os produtos dos outros órgãos e está colocado na mais estratégica de tôdas as posições do corpo humano, entre a fonte de alimentação externa — aparelho digestivo — e a de alimentação interna — o coração. É ao mesmo tempo auxiliar e patrão dos outros órgãos, ajudando quem precisa e dando ordens para o trabalho não parar.

Milhões de operários

O fígado tem milhões de empregados de várias categorias, espalhados por milhares de setores, trabalhando em múltiplas funções. Como é uma fábrica bem grande, muitos de seus funcionários ainda não foram identificados. A maior parte porém já foi classificada, bate cartão e os médicos sabem como, onde e o que fazem.

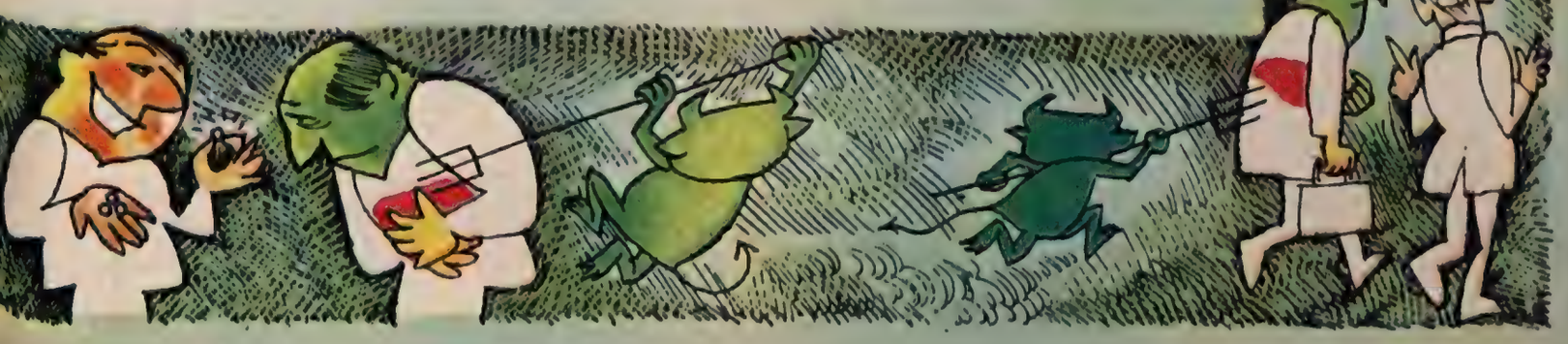
Um dos trabalhos mais importantes do fígado é a chamada síntese dos aminoácidos. Antes que o corpo possa assimilar os alimentos, é preciso que êles sejam reduzidos à sua forma mais simples, no estômago e no intestino. Em seguida, os aminoácidos passam para o fígado onde são transformadas em tecido humano. Ficam armazenados até que um tecido qualquer, onde tenham morrido células, peça socorro. É a hora da síntese, isto é, a combinação de vários aminoácidos com substâncias que, como resultado final, dá uma célula igual a que morreu no tecido solicitador. A pele, por exemplo, se renova com êsse trabalho executado pelo fígado.

Armazém de combustível

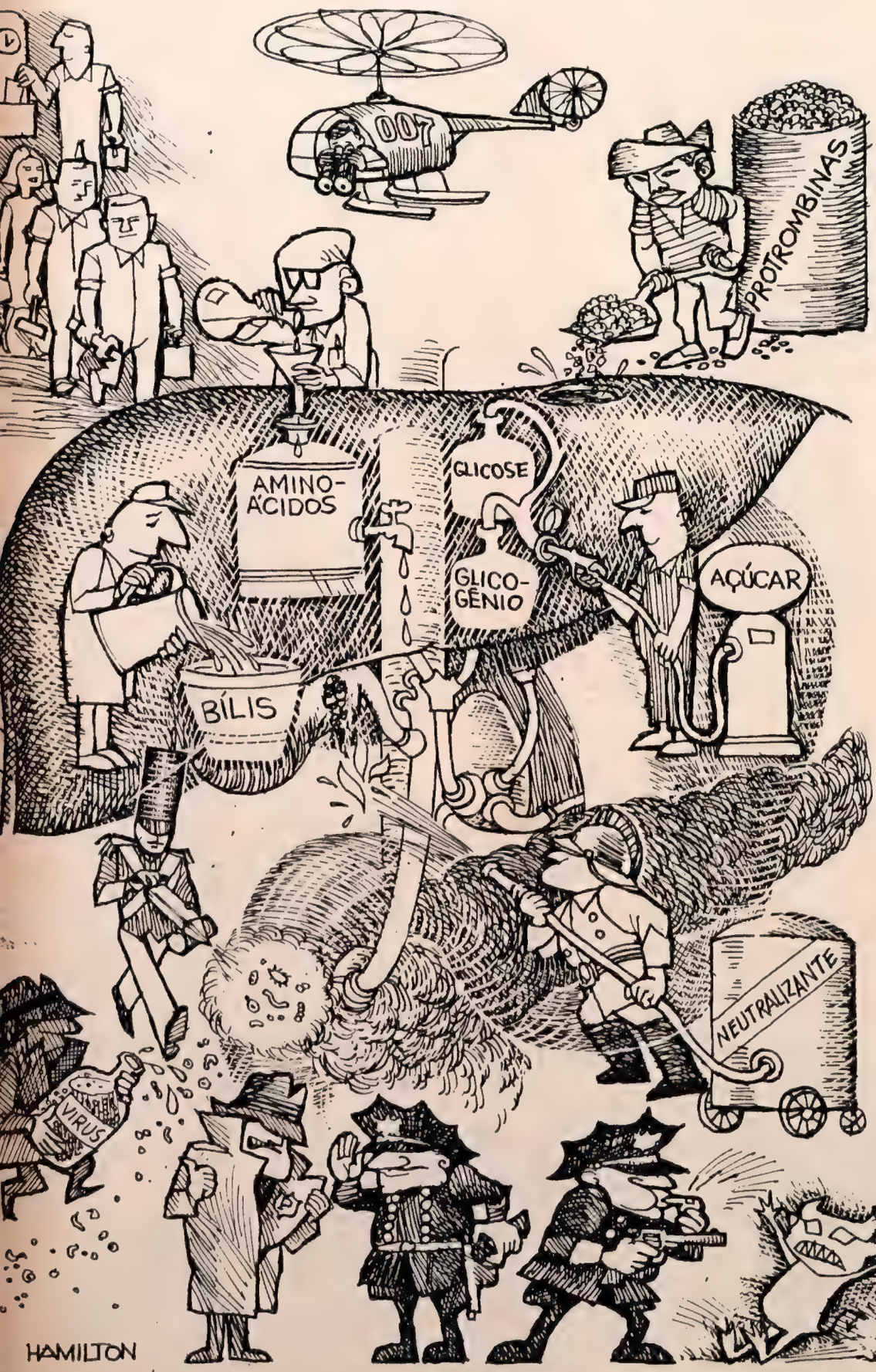
Quando um carro anda, usa combustível (gasolina, óleo) que se queima no motor. O corpo humano também queima combustível. A gasolina do organismo é o açúcar, ou, em linguagem científica, glicose. Quem armazena o combustível é o fígado, de maneira que não ocupe muito espaço e nem corra o perigo de se inflamar, mandando tudo pelos ares. Para isso, o fígado retira algumas partes da glicose, transformando-a num produto chamado glicogênio.

Quando se mexe um braço ou se pisca um ôlho, o nível de glicose no sangue diminui. Para compensar a perda de energia, o fígado determina a transformação de algum glicogênio em combustível e o seu lançamento imediato no sangue.

SEGUE



Caça aos bandidos começa no sangue



Grande parte dos operários está voltada para a produção em massa de um líquido esverdeado chamado bílis. Especializados, êsses operários dividem o trabalho. Uns fabricam substâncias necessárias à transformação das gorduras em colesterol (gordura solúvel em água). Outros produzem neutralizantes contra os ácidos que o estômago lança sôbre os alimentos para que passem aos intestinos sem queimá-los. Há também os que matam bactérias nos intestinos, impedindo que os alimentos apodreçam. O produto final de todo êsse trabalho é a bílis.

Como êsses trabalhadores funcionam sem parar, o fígado possui um depósito onde guarda todo o líquido produzido: a vesícula biliar. É ela que descarrega a bílis no intestino, tão logo sinta a aproximação de qualquer alimento.

O fígado tem também um comando tapa-buracos, que funciona com grande eficiência. É a turma de operários que não suportam ver nada aberto. Chamam-se protrombinas e estão encarregados da coagulação do sangue. Quando há algum corte no corpo — interno ou externo — êles começam a trabalhar para fechá-lo. Funciona na base do quanto mais melhor, e, por isso, quando há uma falha qualquer, e o fígado não pode contratá-los em grande quantidade, acontecem as hemorragias.

O fígado possui ainda um serviço de polícia quase perfeito. Seus guardas não fiscalizam apenas o laboratório, mas o corpo inteiro. São os anticorpos, que passeiam pelo organismo e, ao avistar uma quadrilha de vírus, agarram um dêles. Depois de ver como atua, disfarçam-se, tomando a forma do vírus e se misturam à quadrilha. Pensando que os anticorpos são do bando, os vírus se descuidam e vão sendo liquidados um a um. Êsses policiais, os anticorpos, chamam-se também de gamaglobulinas.

Um grupo mais numeroso com função de polícia é o dos antitóxicos, que se espalham em todo o edifício do laboratório. Quando o sangue leva ao fígado uma substância que pode fazer mal a algum órgão, os antitóxicos atacam em massa, destruindo-o e jogando seus destroços — chamados de uréia — para os rins.

Há também o serviço de espionagem, que informa o fígado de tudo o que ocorre nos outros órgãos. Se, por exemplo, o coração não consegue bombear todo o sangue que lhe chega, por qualquer deficiência, o fígado armazena-o e depois que lotou o próprio depósito envia o excedente para o baço. Quando nem mesmo assim o coração volta à normalidade, só existe uma solução: o dono dêsse fígado precisa ir ao médico.

Vencendo a guarda

Resta um serviço especial e permanente para ajudar na eliminação dos glóbulos vermelhos, cansados de tanto correr do pulmão até os tecidos, levando oxigênio, e dos tecidos ao pulmão, levando gás carbônico. Como o esfôrço que fazem é muito grande, correndo sem parar, os glóbulos vermelhos precisam estar em ótima forma. Quando começam a fraquejar são recolhidos e levados para execução, no baço, depois do que são separados em suas partes competentes. Alguns vão formar a bílis e outros, mais felizes, depois de passar pela medula dos ossos, se reencarnam em novos corredores.

Isso tudo o fígado faz. Mas, apesar de ser um dos órgãos mais resistentes do corpo humano, algumas doenças vencem sua guarda. Quando uma bactéria ou vírus consegue atravessar as defesas do grande laboratório e se instalar num de seus departamentos, determina uma infecção que dificulta a passagem da bílis. Como o fígado anda sempre muito ocupado, a infecção se alastra. Não podendo sair pelos caminhos normais, a bílis se mistura ao sangue e espalha-se pelo corpo. É então que o homem fica todo verde: está com icterícia, é o comêço da hepatite, que, maltratada, acaba em cirrose.

A cirrose é mais grave. O fígado é um órgão cheio de sangue. Ao ser atacado por qualquer espécie de vírus ou ao acumular uma substância tóxica ou gordura, surgem inflamações que matam células. Essas células mortas formam cicatrizes que isolam as células vivas numa verdadeira rêde que se espalha pelo fígado todo. A rêde dificulta a circulação do sangue e a produção do fígado começa a diminuir. Êle muda de côr, pode ficar verde, amarelado, marrom — e o sangue não passa mais com a facilidade anterior. Então é obrigado a procurar outro caminho para chegar ao coração. O que encontra mais fàcilmente é o das veias do esôfago, que, por causa disso, se dilatam. Depois de algum tempo, as veias, que eram da espessura de um fio de cabelo, chegam à grossura de um lápis, ficando extremamente frágeis. Quando o doente está nesse estado (em média 5 a 10 anos depois de ter se iniciado o processo cirrótico) e engole um alimento mais duro, pão torrado, por exemplo, uma das veias se rompe, provocando hemorragia, que será fatal.

De uns anos para cá, o fígado dos que moram no sul do Brasil está sendo atacado por um outro tipo de doença: a equistossomose, muito comum no Norte e Nordeste. O micróbio dessa doença instala-se no fígado e determina uma inflamação que resulta na cirrose, forma pela qual terminam tôdas as doenças mais graves do fígado.

Fígado não dói

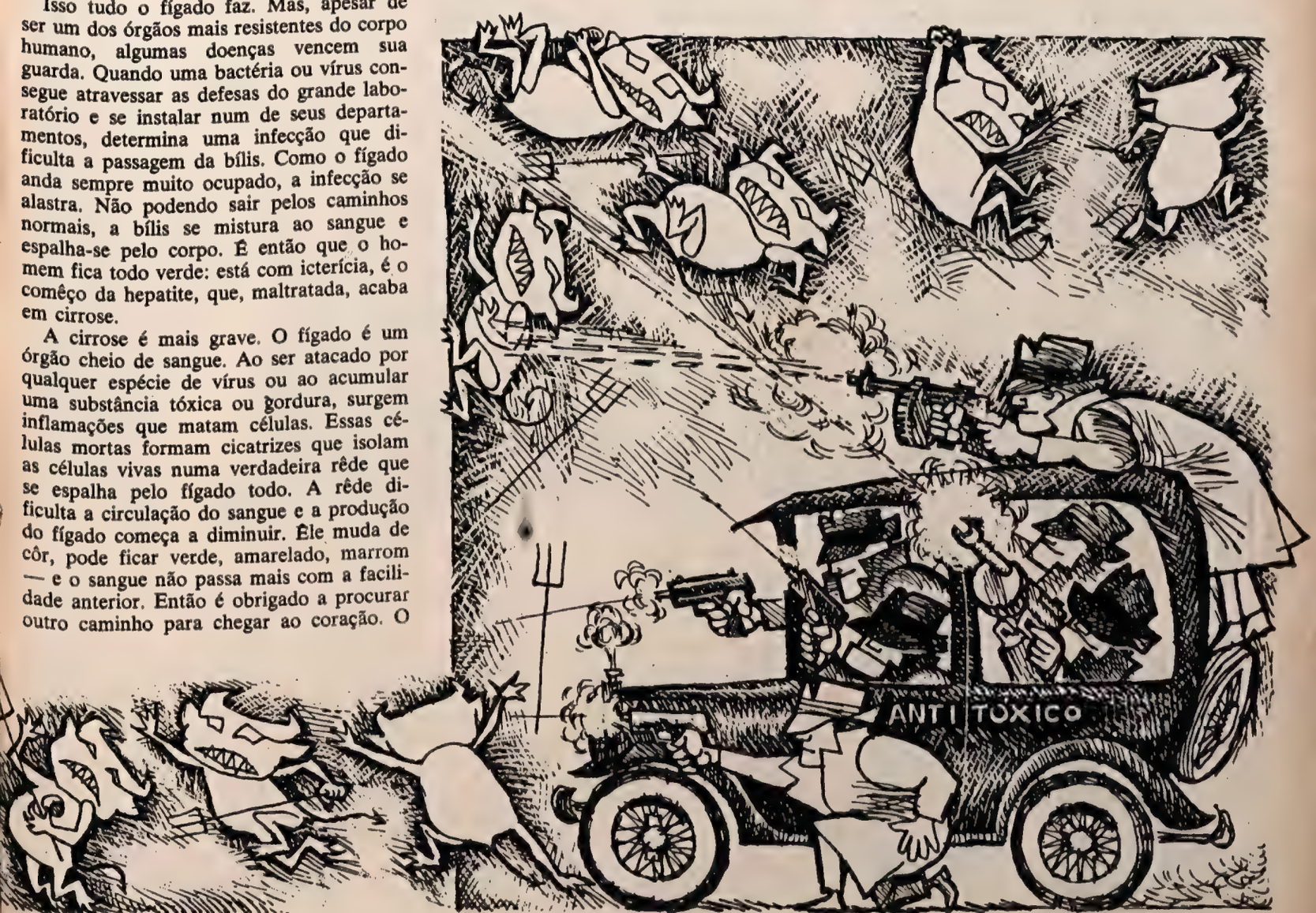
Quase todo brasileiro se queixa de dor no fígado. Mas o fígado não dói e as cólicas mais comuns são, na realidade, da vesícula biliar. O mecanismo dessas cólicas é simples: com o aumento do colesterol em suspensão na bílis, vão-se formando pedras que entopem o canal que a transporta da vesícula para o intestino. Quando os alimentos gordurosos passam nas proximidades da vesícula, esta é estimulada pelas secreções é dá uma descarga de bílis, para neutralizar os ácidos e reduzir as gorduras. Cómo o canal está entupido, a bílis não sai e aí vem a cólica. Há outras razões para as cólicas, mas na maioria dos casos são sempre da vesícula biliar.

Nem remédio nem chá

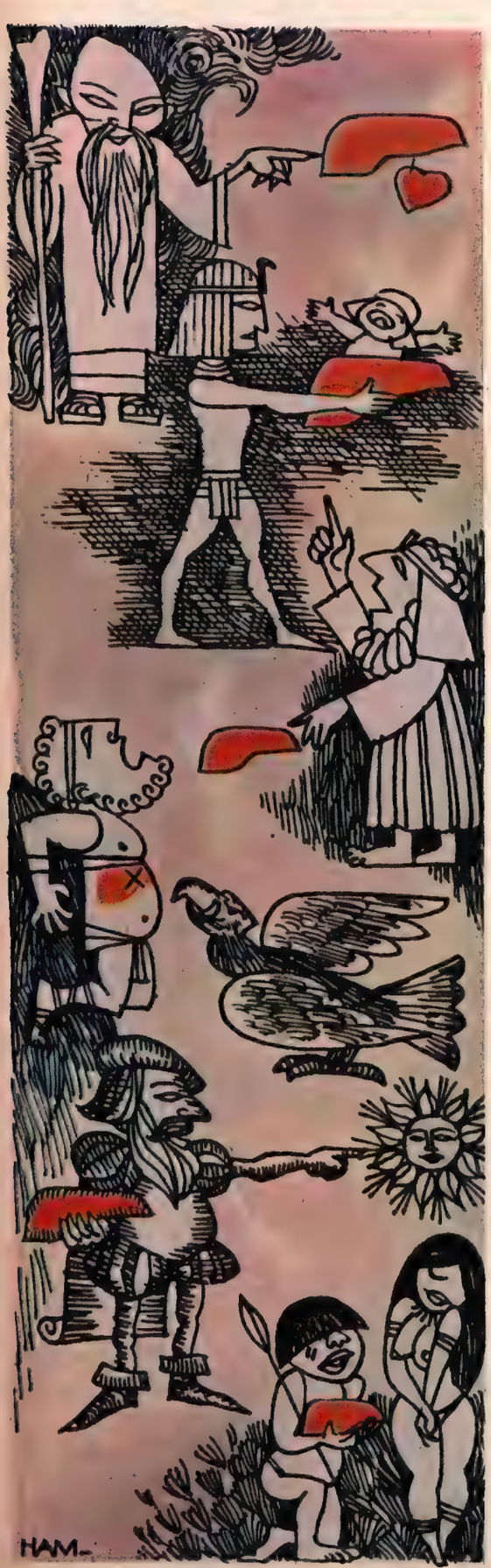
As doenças que atacam o fígado não são tratadas com remédios nem chás. Cura de fígado se faz com vitamina, muito repouso, boa alimentação ou intervenção cirúrgica. Produtos químicos ou naturais não influem de maneira decisiva para a cura de moléstias do fígado. Os remédios à base de alcachôfra, cáscara-sagrada e outras plantas também não têm ação direta e específica sôbre o fígado. Os outros, na base dos antiácidos, são para o estômago.

A mania que brasileiro tem de sofrer do fígado piora quando êle gosta de um aperitivo. O álcool é tido como um veneno para o fígado.

SEGUE



Veio da China e entrou no carnaval



Mas os especialistas, sem defender a bebida, não vão tão longe.

Podem até dar uma receita para quem não dispensa o drinquezinho diário: 250 gramas de arroz e feijão, bife de 150 gramas, uma banana ou laranja contrabalançam os efeitos negativos de dois aperitivos. É preferível que seja uísque, pois a pinga comum, na maioria das vêzes, é mal destilada e contem substâncias tóxicas.

Mas mesmo sendo uísque, o melhor é ficar nas duas doses, pois o excesso acaba virando veneno. O álcool chega a queimar as mucosas estomacais, podendo determinar o surgimento de gastrites que, com o tempo, se transformam em úlceras. Isso torna o ato de comer doloroso. Para complicar, as células do corpo humano preferem o álcool no lugar da glicose como combustível do organismo, pois êle é muito mais inflamável. Bebendo demais, perde-se o apetite. E, na ausência de alimentos, o fígado fica sem os elementos necessários para a produção das substâncias que dissolvem as gorduras. Com o tempo, as gorduras vão-se inflitrando entre as paredes do fígado e depois de algum tempo asfixiam e matam as células hepáticas, criando cicatrizes e impedindo a circulação do sangue: é novamente a cirrose.

Então, se fígado não dói, se remédio de fígado é repouso, operação ou vitamina e, se comendo direito ninguém morre por beber, qual a razão da fixação brasileira em relação ao fígado?

O pai do coração

Até pouco tempo atrás, a doença que mais impressionava a humanidade era a lepra. Acreditava-se que era uma doença do sangue. Como o fígado é cheio de sangue, os antigos atribuíam-lhe sua origem. E ligavam o fígado à lepra. Os chineses, também em função do sangue, consideravam o fígado como o pai do coração; os egípcios davam-lhe a capacidade de elaboração da carne humana; os assírios, caldeus e etruscos conferiam-lhe o dom de prever o futuro e faziam adivinhações lendo o fígado de animais sacrificados.

Com a lenda de Prometeu, o fígado ganhou lugar na mitologia. Prometeu, sem o conhecimento de Zeus, seu pai e rei do Olimpo, entregou aos mortais a chama da sabedoria. Enraivecido, Zeus ordenou que amarrassem Prometeu num rochedo e que uma águia lhe comesse o fígado.

Também na poesia os gregos se referiam ao fígado. Horácio disse que "o fígado faz amar; procuro um para meu amores". Hipócrates, pai da medicina, dava ao fígado a função de fabricar sangue para o coração produzir o que chamava de "calor do corpo". E Macedônius, poeta do Império Romano, fêz um verso que ficou:

"Deixa amor, meu coração e meu fígado. Se tens que me fazer sofrer, escolha qualquer outra parte de meu corpo."

Os doutôres da Idade Média, pensando da mesma maneira que seus colegas da Antiguidade, diziam ser do fígado a origem do sangue e da vida. Assim pensava, principalmente, Galeno, cujas fórmulas mágicas encontram adeptos até hoje. E, há 400 anos, os índios brasileiros tinham chegado à mesma conclusão que os poetas gregos. Davam ao fígado o mesmo nome do coração: **peá.**

Como se acreditava que o fígado era a origem do sangue, criou-se a idéia de que o centro da eficiência humana estava ali: o homem é perfeito quando seu fígado funciona bem; é imperfeito quando vai mal.

No Brasil a crença continuou e chegou aos nossos dias quase com o mesmo valor. No vocabulário da língua portuguêsa, por exemplo, **figadal** é sinônimo de intenso, profundo, entranhado. Amigo ou inimigo figadal é amigo ou inimigo que se fixa no próprio sangue. A linguagem estabeleceu que o temperamento humano também é regulado pelo fígado: ter bom ou mau fígado é imagem de homem bem ou mal-humorado. Gilberto Freire, em seu livro **Casa Grande e Senzala,** fala no **papa-figo,** o homem que no Brasil-Colônia devorava o fígado das criancinhas.

Passando pela história, pelas lendas, o fígado acabou entrando no carnaval. Há muitos anos uma música fêz sucesso nos salões:

"Ai, ai, que dor no fígado. Eu passo mal, mal, mal o ano inteiro. Mas nesse dia gasto todo o meu dinheiro. Não quero saber se faz bem, não quero saber se faz mal. Eu quero cana pra pular no carnaval. Fígado cá, fígado lá, dá-me um copo **à lá qualitá.**"

Bem. Aí está o fígado. Suas funções, doenças, lendas e histórias. Agora, quem sentir uma dorzinha do lado direito, já sabe: um chàzinho de pariparoba, de meia em meia hora...

Colaboração médica do professor Salomão Chaib, do Hospital das Clínicas de SP.

ALUMINIO DO BRASIL S.A.

Repare: desde o momento em que nasce um brasileiro, o Alumínio Albra começa a participar de sua vida!

Se contar o parto, começa antes. Vitamina. Penicilina. Essas coisas que o doutor mandou. Difícil encontrar hoje medicamento de tampa hermética sem alumínio junto.
Primeira infância, nhéeeee... banho em bacia de alumínio, que é mais prática e esterilizável. Papinha, de panelinha! Depois, brinquedos mil, ingênuos, ou engenhosos, e o alumínio, ali.

Juventude: seu primeiro cigarro, invólucro de alumínio, o primeiro saltinho dela, de alumínio. Um dia, união, e um festão, com comes e bebes. Começando pela champanhe, todos os bebes com tampa de alumínio. Nove meses depois, um filho.
E o ciclo recomeça. Nesse meio de tempo, o alumínio continuará com êle, pai, nos ilhoses do sapato, morando com êle nos telhados e nas janelas, viajando com êle em ônibus, automóveis, trens, aviões.
Seu filho, quando crescer, na certa encontrará um mundo diferente. Mas o alumínio estará lá. Os homens continuarão inventando coisas práticas e econômicas, de alumínio. Se você, neste momento, descobrir alguma coisa que não possa ser feita de alumínio, conte à Albra.
Vamos gostar do desafio.
Aliança de casamento não vale!

ALBRA

— o maior nome na indústria do alumínio!

Jorge Amado nasceu em 1912, em Pirangi, na Bahia. Passou a infância numa fazenda de cacau e fêz os estudos secundários em Salvador. Por volta de 1930, transfere-se para o Rio de Janeiro, a fim de estudar Direito. Era uma fase revolucionária de insatisfação e busca de rumos para tôda a mocidade brasileira de então, atraída pelo comunismo, pelo fascismo ou pelo catolicismo progressista. Em 1932, Amado lança *O País do Carnaval,* primeiro da série de livros de ficção que iria publicar. Seguiram-se *Cacau* (1933), *Suor* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1937), *Terras do Sem Fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Seara Vermelha* (1946), *Os Subterrâneos da Liberdade* (1952), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Os velhos Marinheiros* (1961), *Os Pastôres da Noite* (1964). Além de romances e novelas, já escreveu biografias, *ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança;* uma peça para teatro, *O Amor do Soldado;* um livro de viagens, *O Mundo da Paz;* e até um guia turístico, *Bahia de Todos os Santos.* Fêz também política: elegeu-se deputado federal à Constituinte de 1946, pela legenda do Partido Comunista Brasileiro, tendo o mandato cassado no ano seguinte, quando o PCB foi colocado fora da lei. Mas hoje é membro da Academia Brasileira de Letras e o Itamarati estuda a sua indicação para o Prêmio Nobel dêste ano. É o romancista mais popular e mais lido do Brasil: só a Livraria Martins Editôra já vendeu mais de 3 milhões de exemplares de seus livros. É também o ficcionista nacional mais conhecido no estrangeiro; suas obras principais já foram traduzidas para 30 idiomas e dialetos: francês, inglês, espanhol, italiano, alemão, russo, chinês, islandês, sueco, albanês, tcheco, hebreu, lituano etc. Vários de seus romances foram adaptados para cinema, teatro, rádio e televisão, no Brasil e no estrangeiro. Um nôvo romance de Jorge Amado será pôsto à venda, pela Martins, nas próximas semanas. E foi o próprio autor quem escolheu um capítulo do livro, apresentado em primeira mão nas páginas seguintes para os leitores de REALIDADE.

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

ou

A espantosa batalha entre o espírito e a matéria, história moral e de amor

por

JORGE AMADO

escritor público estabelecido no bairro do Rio Vermelho, na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nas vizinhanças do Largo de Sant'Ana, onde habita Iemanjá, senhora das águas. Ilustrações de Carybé, *argentino de nascimento, baiano de coração.*

Introdução e guia para ler trechos inéditos do romance de Amado:

Dona Flor, digamos logo de quem se trata, é mulher honesta, da pequena burguesia, com olhar sereno e alguma rebelião interna. O seu primeiro marido, Vadinho, é um folgazão sem complexos. Dona Flor não pode ter filhos. Mas isso é coisa que não acontece com uma rapariga do Pelourinho, Dionísia, amarga deusa do amor barato. E parece que Dionísia deu um filho a Vadinho. Aqui se lê do inesperado desfecho da visita de dona Flor a Dionísia.

VISITA A DIONÍSIA DE OXÓSSI

Quando as duas mulheres saíram da elegante missa das onze na Igreja de São Francisco, num domingo lavado de junho, manhã luminosa e fresca, e, em passo decidido, atravessaram o Terreiro de Jesus em direção ao labirinto das estreitas ruas antigas do Pelourinho, moleques cantavam um samba-de-roda batendo o ritmo em latas vazias de goiabada:

"Ô mulher do balaio grande!
Ô do balaio grande!
— Bom balaio!"

Voltou-se dona Norma para a companheira, a resmungar:

— Êsses fedelhos, por que não vão mexer com a traseira da mãe dêles?...

Talvez não passasse de simples coincidência, não houvessem os moleques em suas farturas se inspirado; mesmo assim dona Norma, por via das dúvidas, lançou terrível olhar em direção aos ousados. Olhar que de imediato se adoçou, ao descobrir um pequenino de seus 3 anos, vestido de farrapos, o rosto imundo de remela e ranho, a sambar no meio da roda:

— Repare que gracinha, Flor, que coisa mais linda aquêle satanasinho que está dançando...

Dona Flor considerou a malta de crianças andrajosas. Muitas outras disseminavam-se pela praça de intensa vida popular, misturando-se aos fotógrafos de lambe-lambe, tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapotis. Aplaudiam um camelô a mercar milagrosamente produtos farmacêuticos, uma cobra enrolada ao pescoço, repelente gravata. Pediam esmolas nas portas das cinco Igrejas do Largo, quase assaltando os fiéis ricos. Trocavam deboches com sonolentas rameiras, em geral muito jovens, em renda pelo jardim na expectativa de um apressado freguês matinal. Multidão de meninos rotos e atrevidos, os filhos das mulheres da zona, sem pai e sem lar. Viviam no abandono, soltos nos becos, em breve seriam capitães da areia, conheceriam os corredores da polícia.

Dona Flor estremeceu. Viera para levar uma daquelas crianças, uma recém-nascida, para assim garantir-se contra ela e sua mãe. Mas, vendo os meninos soltos na Praça do Terreiro, seu coração se encheu de piedade, de um sentimento nobre e puro; naquela hora, se pudesse, adotaria todos êles, não apenas o filho de Vadinho. Aliás, o filho de Vadinho não necessitava dela para escapar àquela vida. Vadinho não o abandonaria jamais, não era de sua natureza largar uma criança ao desamparo, quanto mais rebento seu, nascido de seu sangue. Em vez de negar a paternidade, êle a proclamaria, dela fazendo praça, encantado e orgulhoso.

Sempre o soubera dona Flor, de ciência certa, de um saber sem dúvida, apesar dos silêncios e das reticências do marido: um filho para Vadinho seria o maior dos acontecimentos, a verdadeira sorte-grande, a parada sem exemplo, o estouro da banca. Por isso ela tanto se afligira com a notícia trazida por dona Dinorá. Era o perigo maior, a temida ameaça. Afinal, Vadinho, já lhe pertencia tão pouco, dominado pelo jôgo e pela boêmia, que sobras lhe restariam se um filho se erguesse entre êles, a chamá-lo de um beco esconso, de um canto de rua, do leito de uma vagabunda? Êsse filho que ela não lhe dera.

Ao ter a notícia, ficou desesperada, num padecimento tão grande a ponto da própria dona Norma perder a cabeça. De ordinário tão executiva, encontrando solução para todos os inúmeros problemas que lhe propunham a cada momento, ela também não atinava com saída nem acêrto, confusa e aflita.

— E se tu dissesses a êle que está grávida? — nada de melhor lhe ocorrera senão essa pobre mentira.

— De que adianta? Vai terminar descobrindo, é pior...

Foi dona Gisa quem encontrou decifração para a charada, recurso não só honroso como prático, proposta capaz de resolver tudo e muito mais, quem sabe? A gringa era uma retada nesses assuntos de psicologia e outras metafísicas; até o professor Epaminondas Sousa Pinto tirava-lhe o chapéu, "mulher de muita erudição", e o professor Epaminondas Sousa Pinto não era um qualquer, jamais errara na colocação de um só pronome e ditava (gratuitamente) regras gramaticais no semanário de Paulo Nacife, fôlha de pouca circulação mas próspera em anúncios.

Quando puseram dona Gisa a par dos acontecimentos

— dona Flor em agonia, dona Norma perdida — ela logo os destrinchou e instruiu as amigas em seu português arrevesado. Se Vadinho tanto desejava um filho, a ponto de ir fazê-lo na rua, em mulher-dama, pois era dona Flor esteril, não podendo conceber; se êsse filho nascido de outra podia levar Vadinho embora para sempre; então só cabia a dona Flor um recurso para garantir o marido e o lar: trazer para a casa êsse filho bastardo de Vadinho e fazer-se mãe dêle, criando-o como se o houvesse parido.

E por que não? Por que gritava assim dona Flor, praguejando igual a uma norte-americana milionária — a comparação era de dona Gisa, espantada ante a reação da vizinha — jurando que isso jamais, jamais o filho da outra, da cachorra, da p... sem-vergonha? Por que êsse escândalo, se uma das coisas mais admiráveis do Brasil era, segundo a opinião da gringa, a capacidade de compreender e conviver? Tão comum mulheres casadas criarem filhos espúrios dos maridos, ela mesma conhecia alguns casos, tanto entre gente pobre como entre gente rica. Ali junto, na rua, dona Abigail não criava a filha do espôso com uma sujeita e não o fazia com o mesmo terno amor reservado aos quatro filhos de seu ventre? Uma beleza, e que beleza! Por essas coisas dona Gisa gostava do Brasil e se naturalizara brasileira.

Que culpa tinha o menino, que pecado cometera? Por que deixar a pobre criança, sangue de Vadinho, seu marido, exposta a uma vida de privações, subalimentada, crescendo na fome e no vício, rato dos esgotos do Pelourinho, sem direito à educação e aos bens da vida? E, ao demais, não temia dona Flor — e com razão — ficasse Vadinho prêso à mãe da criança, para estar junto do filho, de seu filho? Se ela, dona Flor, o fôsse buscar e o tomasse para criar como filho seu, que prova de amor mais convincente? Aquela criança, nascida de outra, seria o elo a ligar para sempre Vadinho e Flor, sem mais nenhum receio nem ameaça.

E, quem sabe, quem sabe, minha prezada, com êsse filho em casa, crescendo e educando-se sadio e lindo no carinho de dona Flor, sendo para Vadinho permanente alegria mas também permanente responsabilidade, quem sabe não mudaria o malandro seu gênero de vida, largando de vez o jôgo e a estroinice, tomando jeito e vergonha? Era bem possível, sobravam exemplos.

Sobravam, sim, apoiou dona Norma, entusiasta, "êta gringa danada de sabida!" Dona Norma imediatamente citara nomes e endereços. Quem mais viciado no jôgo e na cachaça do que o doutor Cícero Araújo, um de Santo Amaro da Purificação? A pobre espôsa, dona Pequena, sofria as penas do inferno. Um dia ela pegou barriga e, nem o menino nascera, já o doutor Cícero virara o cidadão mais exemplar. E seu Manuel Lima, doido por uma rapariga... Bem... êsse, em verdade, não precisara de filho, endireitara com o casamento, marido mais correto não existia...

Dona Gisa dava o conceito da charada: aquêle filho, no qual dona Flor enxergava ameaça tão violenta à estabilidade de seu lar, poderia se transformar, num passe de mágica, em sua segurança, na garantia de seu amor, e, de quebra, ainda era capaz de regenerar Vadinho. Uma pena, aliás, pensou dona Gisa; regenerado, Vadinho ia perder todo interêsse, aquêle suspeito mistério, aquela graça dissoluta.

Abriram-se os olhos de dona Flor, entendeu. Iluminou-se de alegria, atirando-se nos braços da amiga, a agradecer. Traçaram demorados planos, detalhe por detalhe. Não era fácil, muito ao contrário. Não fôsse o apoio de dona Norma, talvez dona Flor não tivesse reunido suficiente coragem para se dirigir à zona das mulheres perdidas, às ruas do "baixo meretrício" tão amedrontadoramente citadas nas crônicas policiais das gazetas, para se tocar, feito uma doida, em busca da tal Dionísia e lhe exigir o filho recém-nascido, tomá-lo em definitivo, levá-lo para sempre, com escritura pública, estabelecida em cartório, com firmas reconhecidas e testemunhas idôneas. Dona Norma, solícita e fraternal, prontificou-se a acompanhá-la e a animou. Curiosa também, deve-se dizer; há muito desejava a oportunidade para espiar uma rua de prostituição, a morada das marafonas, sua vida sórdida. Nunca encontrara antes pretexto válido para a proibida excursão.

Como deixar a pobre Flor aventurar-se sòzinha naqueles ameaçadores labirintos? — perguntou ela a Zé Sam-

paio, quando o marido, no assombro da notícia, ainda a tentara dissuadir.

— Não sou mocinha tôla, sou mulher de maior e de respeito, ninguém vai se atrever a tirar prosa comigo. E revelava os amadurecidos planos a Zé Sampaio vencido, incapaz de resistir ao ímpeto vital da espôsa:

— A gente vai domingo de manhã. Vou como se fôsse visitar meu afilhado, o neto de João Alves. Depois peço ao João que acompanhe a gente à casa da fulana. E João, você sabe, é mestre de capoeira...

E assim o fizeram. No domingo ouviram missa na Igreja de São Francisco (dona Flor levara uma vela enfeitada de flôres, promessa para tudo correr bem), depois atravessaram o Terreiro e foram encontrar o negro João Alves em sua banca de engraxate, no passeio da Faculdade de Medicina. Estava cercado de crianças e tanto o negrinho de carapinha, quanto os diversos mulatos mais escuros ou mais claros, assim como o loiro de cabelos de trigo, todos o tratavam de avô. Eram todos seus netos, aquêles meninos e os demais, soltos no dédalo de ruas entre o Terreiro de Jesus e a Baixa dos Sapateiros. O negro João Alves jamais tivera filhos nem com sua mulher nem com outras, mas arranjava madrinhas para seus netos, comida, roupas velhas e até cartas de abc. Vivia num porão ali perto, com seus resmungos, suas mandingas, sua aparente brabeza, suas malcriações, e alguns dos netos, e o porão abria sôbre um vale plantado de verde, de seu buraco o negro João Alves comandava as côres e a luz da Bahia.

— Ôxente! quem está aí? Bons olhos lhe vejam, minha comadre dona Norma... E como vai seu Zé Sampaio? Diga a êle que vou aparecer na loja um dia dêsses para buscar uns sapatos pros meninos...

Os moleques cercavam as duas amigas, dona Norma viera preparada, em sua mão surgiu um saco de caramelos. João Alves soltou um assovio — alguns meninos apareceram correndo e entre êles um cafuso de uns 4 a 5 anos. O negro acariciou-lhe a cabeça:

— Peça a bênção a tua madrinha, seu coisa-ruim...

Dona Norma deu-lhe a bênção e uma nota de 10 tostões, enquanto o negro queria saber que bons ventos haviam trazido sua comadre até ali.

— Pois, meu compadre, é que tenho um favor a lhe pedir, coisa de muita delicadeza.

— Coisa delicada não é pras minhas mãos, sou meio rude como vosmicê bem sabe...

— Quero dizer, coisa muito reservada, para ficar em segrêdo.

— Aí está certo, que não sou linguarudo nem mexeriqueiro. Pode desatar a língua, comadre...

— O compadre conhece por aqui uma tal de Dionísia? Não sei bem mas ouvi dizer que mora nessas redondezas.

— E vosmicê tem algum trato com ela?

— Eu pròpriamente não, meu compadre. É essa minha amiga que tem um assunto a ver com ela...

João Alves mediu dona Flor de alto a baixo.

— Ela tem um assunto a ver com Dionísia de Oxóssi?

— Capaz seja a mesma... Ouço dizer que é bonitona.

João Alves coçou a carapinha:

— Bonitona? Me adisculpe, minha comadre, mas dobre a língua. Bonitona qualquer branca pode ser, mas mulata da competência de Dionísia tem poucas no mundo, acho que nem meia dúzia, e isso escarafunchando muito...

— Uma que teve um filho recentemente...

— Pois então é ela mesma, tá de menino nôvo, nem voltou ainda a trabalhar...

Pela primeira vez dona Flor abriu a bôca querendo saber:

— Em que ela se ocupa?

Novamente João Alves a mediu com os olhos e com certo desprêzo ante ignorância tão grande:

— Pois em trabalho de meretriz, que é o ofício dela, dona môça.

Dona Norma retomou o fio da conversa:

— E meu compadre se dá com ela, sabe onde ela mora?

— Pois não havia de me dar, comadre? Mora aqui rente, no Maciel.

— Meu compadre vai nos levar lá, minha amiga quer conversar com ela, resolver um assunto...

João Alves mais uma vez considerou longamente dona Flor, coçava a cabeça como se encontrasse tudo aquilo suspeito e duvidoso:

— Por que ela não vai sòzinha, comadre? Eu mostro a casa...

— Meu compadre, seja cavalheiro. Vai largar duas senhoras nessas ruas desacompanhadas? Passa um abusado, se mete com a gente...

Ninguém apelava inùtilmente para o cavalheirismo de João Alves.

— Pois vou com vosmicês mas lhe agaranto que ninguém ia tirar graças, aqui é tudo gente respeitosa...

Levantou-se, entregou a cadeira de engraxate ao cuidado dos netos, era um negro esguio e sólido, passado dos 50, a carapinha começando a embranquecer; trazia um colar de orixá ao pescoço, contas vermelhas e brancas de Xangô, e apenas os olhos estriados denotavam a intimidade da cachaça. Ao pôr-se de pé, quis saber:

— Minha comadre dona Norma, e que assunto é êsse que a mocinha aqui — dizia mocinha numa voz de debique — quer tratar com Dió?

— Nada de ruim para ela, meu compadre...

— Mesmo porque, se fôsse de malvadeza, com todo respeito que lhe sou devedor, eu não ia junto, comadre... Também não adiantava porque o santo dela é forte... tocava o chão com a ponta dos dedos, saudando o orixá: — Oké Arô Oxóssi! Não tem despacho nem ebó que faça mal a ela, o feitiço vira contra quem mandar fazer...

— Quando é que você me leva a uma macumba, meu compadre? Tenho uma vontade danada de assistir a um candomblé... — essa era outra curiosidade antiga de dona Norma.

Assim praticando sôbre encantados e terreiros-de-santo entraram pelo meretrício adentro. Por ser manhã de domingo — a farra de sábado estendeu-se pela madrugada — quase não havia movimento nas ruas. Apenas uma ou outra mulher sentada à porta ou debruçada à janela, mais para ver o dia claro do que para fretar homem. Um silêncio e um sossêgo, poder-se-ia dizer uma paz dominical; dona Norma sentiu-se lograda, precisava vir em hora de azáfama. Nessa manhã sonolenta, não fazia diferença de um bairro familiar. Também a casa de Dionísia era logo no comêço do Maciel, apenas haviam cruzado os limites da zona.

Subiram as escadas de vacilantes degraus, um rato enorme passou por elas no escuro, em correria. Palavras e frases confundiam-se nos andares, alguém cantava modinha de tristezas com uma pequena voz. Quando atingiram o patamar do terceiro piso, o cheiro de alfazema queimada em defumadores de barro os alcançou, anunciando a existência de criança nova. Desembocaram num corredor; ao fundo, a porta do quarto da rapariga.

João Alves bateu com o nó dos dedos.

— Quem é? — perguntou uma voz morna e descansada.

— É de paz, Dió... Sou eu, João Alves, e tem duas excelências comigo querendo falar com você. Uma eu conheço, é minha comadre Norma, gente de bem, merecedora...

— Pois vão entrando e desculpando o desarranjo, ainda nem tive tempo de arrumar o quarto...

Entraram atrás do negro. Na peça estreita, uma cama de casal, um armário capenga, um lavatório de ferro com bacia e balde de esmalte, um urinol ao pé do leito, tudo muito asseado. Na parede, um espelho partido e uma estampa do Senhor do Bonfim com fitas bentas penduradas. Uma janela abrindo sôbre os fundos do sobrado, por ela penetravam a claridade e a modinha triste.

Reclinada nos travesseirôs, meio coberta com um lençol, vestida com uma bata de rendas cujo decote lhe exibia os seios pejados, a mulata Dionísia de Oxóssi sorria cordial para as surpreendentes visitas. Na curva de seu braço, no calor de seu peito, o filho adormecido. Uma criança graúda, de um moreno carregado. Sob uma cadeira, um defumador queimava alfazema, perfumando peças de roupa do recém-nascido colocadas sôbre a palhinha do assento. Além da cadeira, dois caixões de querosene cobertos com papel de sêda faziam a vez de tamboretes. No ângulo da parede ao fundo, o peji com as armas de Oxóssi, o arco e a flecha, o erukerê, uma estampa de São Jorge a matar o dragão, uma pedra verde, fetiche talvez de Iemanjá e um colar de contas azul-turquesa.

— Seu João — ordenou a mulata com sua voz descansada — faça o favor, tire essas roupinhas da cadeira, ponha no armário, é pró nenen mudar depois do banho. Dê a cadeira a essa môça... — apontava dona Norma, voltando-se depois para dona Flor, a explicar-lhe num sorriso:

— A senhora que é mais moderna vai desculpando, tem mesmo de sentar no caixão.

Da cama, reclinada, presidia ela os arranjos no quarto, a movimentação do engraxate a arrastar a cadeira e os caixões, tranqüila e sorridente, nem sequer curiosa do motivo daquelas intempestivas visitas. Quem a visse assim, tão calma a ordenar, compreenderia por que o pintor Carybé a retratara vestida de rainha, num trono de afoxê.

Dona Norma, na dianteira do negro, arrebanhou camisola e fraldas, pôs tudo no armário e, ao fazê-lo, dera balanço compieto nos vestidos, nas blusas, nos sapatos e sandálias da mulata.

— Puxe um caixão para vosmicê também, seu João, e tome assento.

— Fico mesmo de pé, Dió, assim estou bem.

— Maneira certa de se conversar é na maciota e sentado, seu João, de pé e com pressa não ajuda o entendimento.

O negro porém, preferiu encostar-se à janela, voltado para a manhã cada vez mais luminosa. Um rastro de canção entrava quarto adentro, vinha morrer plangente na cama de Dionísia:

"Nas cadeias de teu amor,
escravizada serva,
meu senhor!"

Sentadas dona Norma e dona Flor, fêz-se um breve silêncio, mas logo Dionísia o encheu com sua voz macia. Desenvolveu-se para o lado do dia tão bonito, queixando-se de ainda não poder sair rua afora:

— Não sei ficar em casa quando a chuva lava a cara do dia e êle reluz nôvo em fôlha, todo côr de luz...

Dona Norma também não, e assim foram as duas falando do sol e da chuva e das noites de luar em Itapoã, ou no Cabula, e nem se sabe como desembarcaram em Recife, onde habitava uma irmã de dona Norma, casada com um engenheiro pernambucano, e onde Dió residira alguns meses:

— Para mais de sete meses, fui atrás de um clandestino, um que me alumbrou a vista, um desatinado. Me largou por lá...

Onde não chegariam as duas, a que distantes portos, nesse diálogo sem compromisso nem conseqüência — a conversa pelo prazer da conversa — se dona Flor, ouvindo o carrilhão de uma igreja do Terreiro anunciar a hora do meio-dia, não se alarmasse, interrompendo a amável prática:

— Norminha, assim a gente vai demorar muito...

— Por mim não me atrapalha, é um prazer... — disse Dionísia.

— Noutra ocasião a gente vem com mais tempo — prometeu dona Norma — hoje a gente veio com um propósito...

— Estou ouvindo...

— Essa minha amiga, dona Flor, não tem filho nem pode ter. É coisa mesmo de conformação, enfim...

— Sei como é. Tem o oveiro virado, não é?

— Mais ou menos...

— Mas pode desvirar. Marildes, uma conhecida minha, desvirou.

— Com Flor não tem jeito, o médico já disse.

— Médico? — riu uma risada divertida, de pouco caso — médico só sabe dizer palavra bonita e ter caligrafia ruim. Se a dona môça aí procurar Paizinho, êle dá jeito em dois tempos. Que é que acha, seu João?

João Alves apoiou:

— Paizinho? Faz uns passes na barriga dela, é filho todo ano.

Dona Norma resolveu desconhecer o nôvo assunto, evitar o feiticeiro com tôda sua fama, sua reputação de babalaô. Pousara o olhar na criança adormecida. Não seria melhor, primeiro, tirar a limpo, saber se era realmente filho de Vadinho? Pois, tão escura assim, não parecia. Mas dona Flor precipitava a conversa, elevando a voz naquela obstinada decisão dos tímidos:

— Vim aqui para falar um assunto sério, para lhe fazer uma proposta e ver se a gente chega a um acôrdo.

— Pois fale, dona môça, que de meu lado faço de meu melhor para lhe atender.

— O menino... — disse dona Flor e ficou sem saber como prosseguir.

Dona Norma retomou a palavra:

— Você teve o menino faz dias, não é?

Dionísia olhou o filho, sorriu numa alegre confirmação.

— Pois minha amiga veio aqui lhe conversar... Não vê que ela fêz uma promessa quando estêve à morte: seu primeiro filho seria padre, se Senhor do Bonfim ajudasse e ela ficasse boa — dona Norma ia devagar naquela história, armada na véspera, nunca lhe agradara inteiramente — pois Deus atendeu e ela sarou, coisa de milagre.

A mulata ouvira curiosa de descobrir o elo a ligar a doença da môça e o milagre do Senhor do Bonfim ao seu menino. Dona Norma apressou o recado, tarefa mais incômoda:

— Mas não tendo tido filho, que fazer para cumprir a promessa? Só adotando uma criança, criando como filho para botar depois no seminário a estudar... Ela soube de seu menino, escolheu êle...

Dionísia sorriu mansamente, não era um elogio ao seu filho? Dona Norma tomou o sorriso por acôrdo, esclareceu:

— Ela quer adotar o menino mas adotar mesmo, com papel passado no cartório, tudo legal e para sempre. Para levá-lo e criá-lo como filho.

Ficou Dionísia parada, em silêncio, olhos semicerrados. Teria entendido as palavras de dona Norma ou escutava apenas a canção distante?

"Quisera
em teus braços morrer,
antes morrer
do que viver assim..."

"Antes morrer", murmurou para si mesma e quando reabriu os olhos a cordialidade anterior tinha desaparecido, uma nova atmosfera nascia de seu olhar de vidro, da linha cavada em sua bôca.

— E por que? — perguntou sem levantar a voz. Por que escolheu o meu menino? Por que logo o meu?

Devia ser implacável, desumano sofrimento, pensou dona Norma. Que mãe deseja separar-se de seu filho? Mesmo pobre, sem recursos, vivendo na miséria, mesmo assim era como rasgar o coração.

— Alguém falou de seu menino, que era forte e bonito... E que você não tinha meios para educá-lo...

Não fôsse para o bem da criança, não se tratasse do filho de Vadinho com tôdas as implicações que isso significava, e dona Norma não estaria ali, de intermediária para tal proposta, arrancando as palavras da garganta. Mas seria mesmo filho de Vadinho? Mulher de barriga suja, esta Dionísia. O menino saíra mais escuro do que ela, onde os cabelos loiros de Vadinho? Dona Norma fazia nôvo esfôrço; para o menino era melhor, teria o futuro assegurado:

— O Terreiro está cheio de meninos, as ruas por aqui, o meu compadre João Alves cheio de netos inventados, eu mesma sou madrinha de um. Tudo passando fome, tudo na imundície, pedindo esmolas, até roubando... Mi-

nha amiga não é nenhuma milionária mas tem de que viver e pode dar ao pobrezinho outro confôrto, outra vida. Êle não vai passar fome nem terminar na cadeia, vai estudar para padre e celebrar missa...

Como se ouvisse e entendesse o sermão de dona Norma, a criancinha acordara choramingando. Dionísia abriu a bata, libertou o seio e, acomodando o infante, deu-lhe de mamar. Escutava a visita em silêncio, como se pesasse cada um de seus argumentos. Dona Norma traçava-lhe o quadro do futuro do filho, cercado de confôrto e de carinho, nada lhe faltando. Para a mãe era um sacrifício, é certo, mas só um egoísta condenaria o filho à fome, a uma vida miserável, quando uma pessoa bondosa se dispunha... Dona Flor era boníssima, impossível encontrar criatura melhor...

Dionísia ajeitou o seio na bôca do menino quase saciado. Ao responder, voltava-se para a janela onde ficara o João Alves, a êle se dirigia como se as duas mulheres não merecessem diálogo:

— Tu tá vendo, seu João, como é que tratam os pobres? Essa que está aí — com o lábio apontava dona Flor — não sendo mulher para parir menino e querendo pagar promessa, procurou saber onde tinha nascido algum

por derradeiro e soube que Dionísia de Oxóssi, quenga de muita saúde e de mais pobreza, tinha tido um. Aí disse pra amiga: vamos lá, buscar... Ela até vai agradecer, a peste ruim...

Dona Norma tentou interromper:

— Não seja injusta... Não...

Implacável, a voz descansada da mulata, amarga de calor e gêlo:

— Mas nem teve coragem de falar ela mesma, pediu aqui para a dona sua comadre dar o recado, vir de advogada. "Vamos lá buscar o menino de Dió, é um bitelo de grande e de bonito, vai dar um padre de categoria. A mãe tá morrendo à míngua e dá dado para tôda a vida, de papel passado, e ainda fica contente de se ver livre do encargo. E se não quiser dar é porque não presta, é um traste ruim, só serve mesmo prá meretriz". Foi assim que ela falou, seu João, vosmicê ouviu. Porque ela pensa que pobre não tem sentimento, pensa que a gente, porque é rapariga e vive nessa vida atroz, perdeu até o direito de criar os filhos...

Dona Norma ainda buscava esclarecer:

— Não diga isso...

O menino terminou de mamar, arrotava farto, Dionísia punha-se de pé com seu filho nos braços. Erguida em tôda sua beleza e em fúria, rainha em tôda sua majestade. Enquanto falava, movia-se a cuidar da criança a limpá-la na bacia de esmalte, mudando-lhe a fralda, pondo-lhe talco e vestindo-a com camisola perfumada de alfazema.

— Mas erraram o enderêço, sou muito mulher para criar meu filho, fazer dêle homem de respeito, não preciso da esmola de ninguém. Pode não vir a ser padre de batina, pode dar até para ladrão, tudo pode suceder. Mas quem vai criar êle sou eú e como bem entender. Vai ser o bamba da zona, com êle ninguém vai tirar cantiga de sotaque, e não vou dar êle pra ricaça nenhuma que não quis ter o trabalho de parir...

Riu para a criança e lhe falou, docemente:

— Sem esquecer que ocê tem pai pra cuidar de ocê...

Foi aí que dona Flor explodiu, quase gritando, inesperada e disposta, com a fôrça do desespêro:

— Só que o pai dêle é meu marido... Não quero seu filho, quero o filho de meu marido... Você não tinha direito de ter filho com êle, se meteu com êle porque quis, direito a filho dêle só quem tem sou eu...

Dionísia vacilou como se tivesse recebido um tapa na cara:

— Quer dizer que é casada com êle? Casada mesmo?

Tendo explodido e aliviado seu coração repleto de mágoa, dona Flor retornava à sua timidez, explicando em voz baixa e sem esperança:

— Casada há três anos... Desculpe, foi só por isso que pensei em criar o menino como se fôsse meu filho, já que eu não pude dar um filho a êle... Mas agora eu vi que a senhora tem razão, quem deve criar o menino é a senhora que é mãe dêle... Depois, o que é que adiantava? Vim porque gosto demais de meu marido e tive

mêdo dêle ir embora por via do menino. Por isso vim. O resto é tudo mentira. Mas depois de lhe ver me dei conta que, com filho ou sem filho, êle não vai nunca largar a senhora...

— Não sou nenhuma senhora, sou mulher-da-vida e mais nada. Mas juro pela saúde de meu filho que eu não sabia que êle era casado. Se soubesse não ia ter filho dêle, nem pensar em me amigar com êle, em deixar a vida para botar casa e morar com êle como marido e mulher...

Acabara de limpar o menino, dona Norma lhe estendia a toalha, a atmosfera tornara-se menos densa. Dona Flor murmurou:

— Juro que Vadinho é meu marido, todo mundo sabe...

— Vadinho nunca me disse nada... — Dió recebia a camisola das mão de dona Norma, deitava a criança na cama para vesti-la.

— Por que êle não me disse? Por que me enganar assim? — ficou pensativa, agora a raiva havia desaparecido e ela dirigia-se a dona Flor com tôda a cortesia, quase com respeito:

— Todo mundo sabe do casamento, foi o que a senhora me disse... Pode ser... Mas como ninguém nunca me falou? E eu que conheço a gente dêle, tôda, até a mãe...

— A mãe do Vadinho? A mãe dêle é morta...

— Conheço a mãe, sim, e a avó... Conheço o irmão, Roque, um que é carpina de profissão...

— Então não é o meu Vadinho... — riu dona Flor e ria e ria apalermada de contentamento. Oh! que maluquice, que coisa mais tôla e mais linda... Norminha, é outro Vadinho! 'tou com vontade de chorar...

Também Dionísia de Oxóssi largara o menino, em cima da cama e saiu pelo quarto a dançar, dança de iawô em roda de orixá, arrastando o negro João Alves para com ela, ante o Peji, saudar e agradecer a Oxóssi:

— Ôkê, meu pai, arô ôke!

— Não é o meu Vadinho, meu Vadinho não é casado, mulher para êle só Dionísia, sua mulata Dió...

De repente parou, olhando para dona Flor (dona Norma tomara do menino e o ninava em seus braços):

— Não me diga que a senhora é a mulher do xará...

— Que xará?

— Meu Vadinho e êle só se tratam assim, de xará, pois são Vadinho os dois. Só que o meu Vadinho é de Valdemar e o dêle nem sei de que é... Um que é perdido pelo... — não completou a frase.

Quem a completou foi dona Flor:

— ...pelo jôgo... Pois é êsse mesmo, Vadinho de Valdomiro, o meu Vadinho...

— E foram lhe falar que eu tinha tido filho dêle... Que gente mais ruim...

A porta foi aberta e nela apareceu um negro maciço e jovem, um riso de dentes brancos a lhe rasgar a bôca, uns olhos de domingo:

— Para todo mundo bom dia...

Ainda dançando veio a mulata Dionísia de Oxóssi e nêle repousou de todo aquêle susto, de tôda aquela raiva. Estendeu os braços, dona Norma deu-lhe a criança e ela a colocou nas mãos de seu homem, do pai.

— Êsse é o meu Vadinho, chofer de caminhão, pai de meu filho. Aquela ali — mostrava dona Norma e dona Flor — é comadre de seu João; e a outra, tu sabes quem é?

— E como houvera de saber?

— Pois é a mulher do outro Vadinho, daquele...

— Do xará?

— Dêle mesmo... Ela veio aqui pensando que o menino era filho dêle, do marido dela, veio para buscar, queria criar o nosso bichinho, ia fazer dêle padre de batina... — riu seu riso desatado, concluiu com a voz ainda mais descansada: — Como é mesmo seu nome? Flor? Poi vai ser minha comadre, vai batizar meu menino... Veio buscar um filho, filho não posso dar que só tenho um, mas posso lhe dar um afilhado...

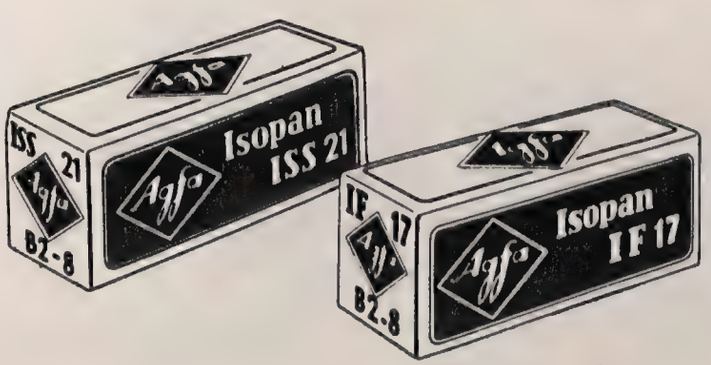
— Minha comadre dona Flor... disse o chofer de caminhão.

Tomando do menino, Dionísia o entregou a dona Flor. Pássaros cortavam o céu, voando, iam pousar nos beirais do Arcebispado.

FIM

Que gracinha!

CÂMARAS
PAPÉIS
FILMES



e também o famoso

Agfacolor

Produtos da AGFA-GEVAERT

Com pneus Pirelli v. pode "largar brasa" em qualquer percurso. Ou melhor, em quase todos.

Os mais impacientes na balsa são os que equipam seus carros com Stelvio "Spalla di Sicurezza". A explicação é simples: êles estão acostumados a chegar sempre na frente. É que a Pirelli aproveitou a experiência das pistas de corrida para fazer do Stelvio "Spalla" um pneu que de convencional só tem o preço.

Sempione e Stelvio "Spalla di Sicurezza" Cinturato – o primeiro pneu radial fabricado no Brasil.

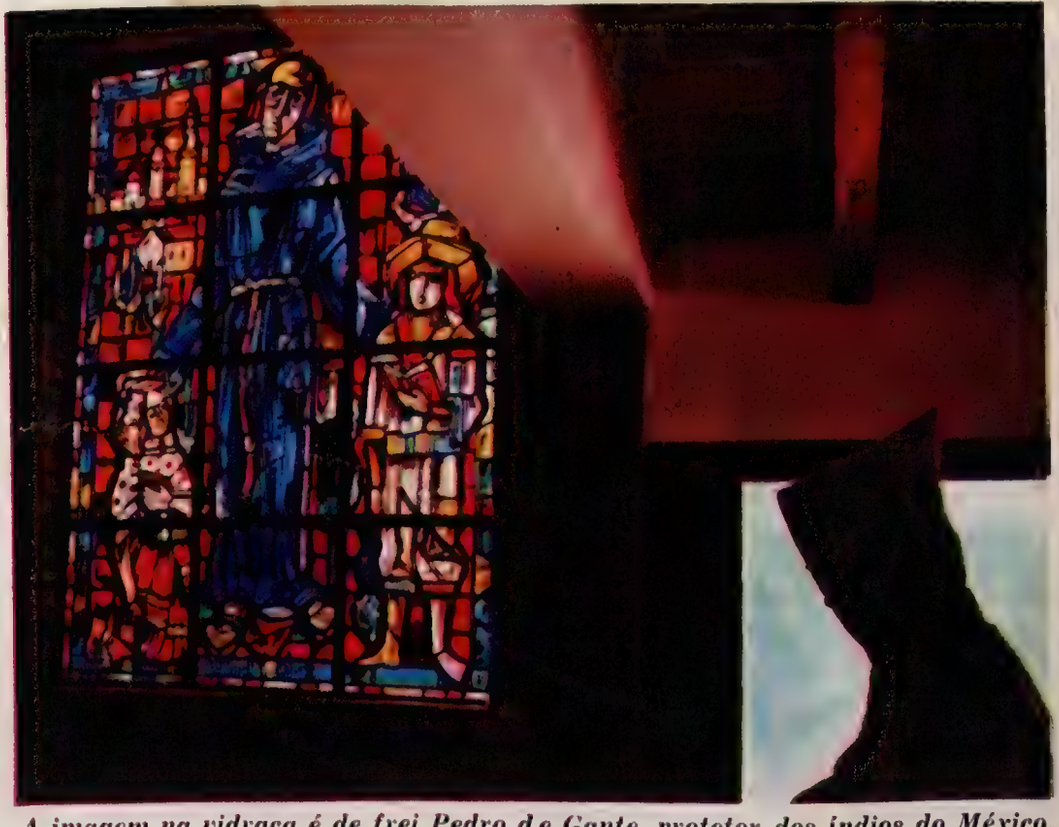
PIRELLI é mais pneu

publitec 20-127

Sessenta monges de um mosteiro mexicano resolveram submeter-se a tratamento psicanalítico. Resultado: 40 desertaram e 20 descobriram a verdadeira fé cristã.

PSICANÁLISE NO CONVENTO

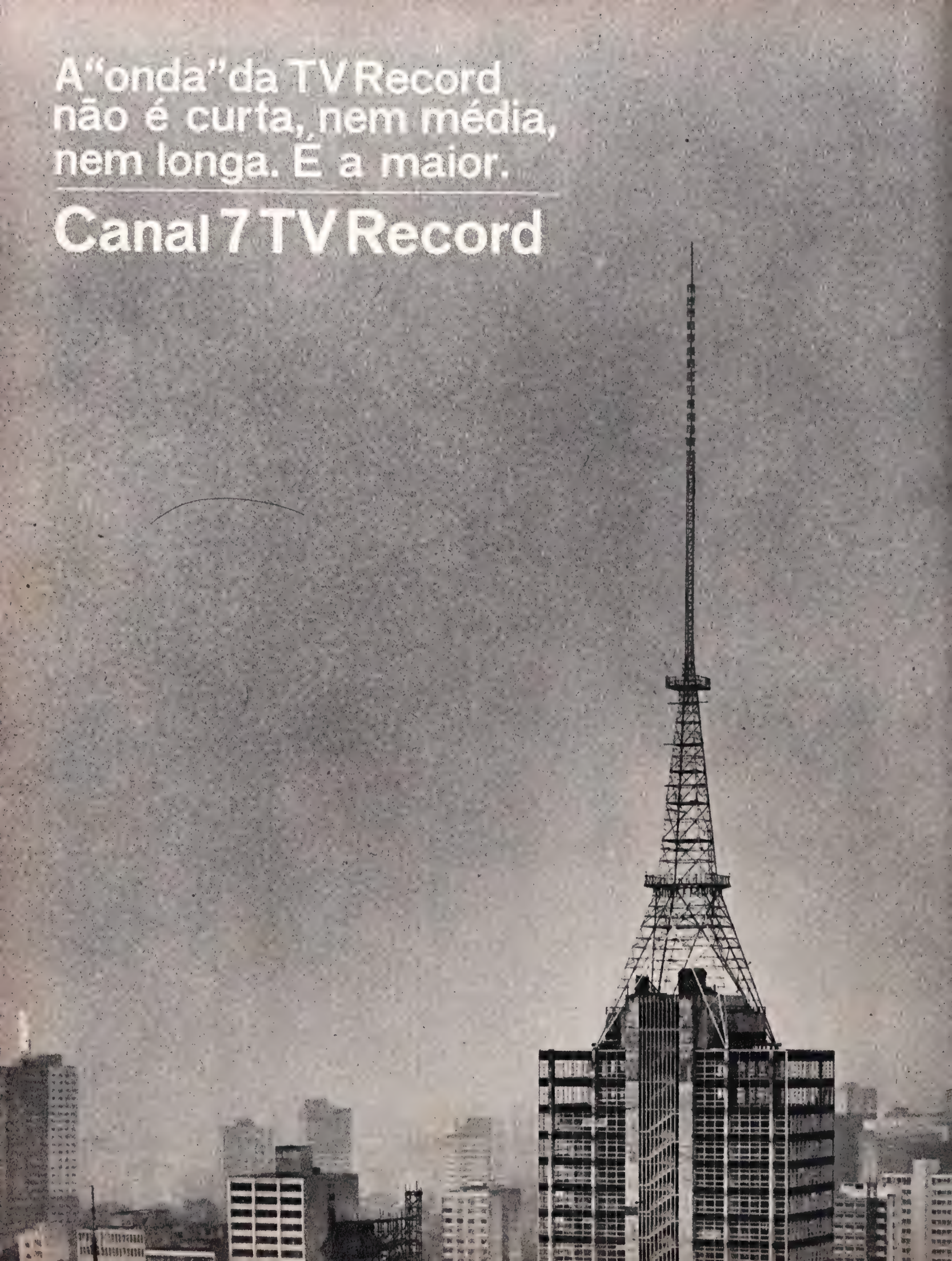
A 70 quilômetros da Cidade do México, por um estreito caminho de pedras, chega-se ao convento de Santa Maria de la Resurrección, dos monges beneditinos. À entrada do mosteiro o mundo acaba. Menos talvez na capela aberta ao povo aos domingos, para a missa das 11, e nas casas vizinhas onde a hospitalidade beneditina recebe quem procura refúgio para o retiro espiritual. Todo o resto — o pátio, os corredores, as celas, os jardins, as oficinas — permanece hermèticamente fechado à curiosidade exterior. O convento existe desde 1950, fundado pelo teólogo Gregório Lemercier e tem sido, desde sua fundação, o centro principal de renovação do catolicismo no México. Onze anos antes que a Igreja Católica admitisse oficialmente as transformações atuais da liturgia, os beneditinos de Cuernavaca já rezavam a missa em castelhano, e a celebravam num altar colocado no centro da nave, de frente para o povo, que comungava em pé. SEGUE



A imagem na vidraça é de frei Pedro de Gante, protetor dos índios do México.

A "onda" da TV Record
não é curta, nem média,
nem longa. É a maior.

Canal 7 TV Record



O papa está preocupado

Foram os beneditinos de Cuernavaca que impuseram no México a simplicidade nos ornamentos sagrados, tirando-lhes as pedrarias e enfeites; que recomendavam a austeridade arquitetônica das igrejas; e que, afastando-as de qualquer forma falsamente piedosa, reconciliaram as imagens dos santos com a arte moderna, criando um estilo hoje imitado no mundo inteiro. Mas a revolução beneditina no México não se limita à liturgia: atinge tudo o que se relaciona com o espírito religioso moderno — dinâmico, aberto, grande inspirador de inovações audaciosas.

Nas primeiras fileiras dos que lutam pela atualização da Igreja Católica, o prior Lemercier e seus 30 monges fizeram com que os olhares do mundo se voltassem para o tranqüilo mosteiro de Cuernavaca.

Êstes monges não têm limitações; usam até ornamentos judaicos no seu trabalho.

A descoberta de Freud

E agora êles provocaram uma das maiores controvérsias religiosas de nosso tempo: o tratamento psicanalítico aplicado aos monges.

O escândalo teve início em setembro de 1965, durante as discussões do Concílio, relacionadas com a Igreja e a sua atual condição humana. Um bispo mexicano — Sérgio Mendez Arceo — surpreendeu os prelados comparando o "descobrimento genial de Freud" com os de Copérnico e Darwin, e censurando o Concílio por guardar silêncio "sôbre um assunto tão importante quanto o próprio problema do homem moderno, isto é, a psicanálise". E advertiu que "se a Igreja deseja o diálogo sincero com o homem atual, deve abandonar sua desconfiança em relação à psicanálise, nascida da falta de fé de alguns analistas, e não ignorar os autênticos profissionais".

— Os resultados são excelentes — disse ainda o bispo mexicano — porque a psicanálise é capaz de ajudar amplamente os homens cuja fé se mistura com desvios psicológicos, que pervertem e inibem essa mesma fé.

O bispo Mendez Arceo, a cuja diocese pertence o mosteiro de Cuernavaca, não defendia a psicanálise teòricamente: apoiava-se nos 5 anos de experiência dos monges beneditinos, experiência que transformou o mosteiro, segundo o prior Lemercier, numa "casa de saúde religiosa, e não, como se poderia crer, numa casa religiosa de saúde."

E Gustavo Quevedo, um dos psicanalistas que atendem os monges, afirma que a experiência "não sòmente os tornou úteis e produtivos, mas sublimou e acentuou seu espírito religioso".

Parece, entretanto, que o Vaticano se alarmou com os resultados estatísticos da experiência: 40 dos 60 monges submetidos à psicanálise tinham abandonado o convento.

Sem ouvir a advertência do bispo Mendez Arceo, o Papa Paulo VI se adiantou, pedindo prudência aos membros do episcopado da América Latina, no que diz respeito "a introduzir novos métodos de educação e de formação, até agora estranhos aos métodos da Igreja". Alguns dias depois disso, a imprensa mundial anunciava que o Santo Ofício (congregação do Vaticano que cuida de preservar a unidade da moral e da fé católica) acabava de iniciar um estudo — cuja conclusão é desconhecida até hoje — relacionado com o tratamento psicanalítico no mosteiro de Cuernavaca.

Enquanto o Santo Ofício estuda o assunto e mantém suspensa a autorização ou condenação do emprêgo da psicanálise no mosteiro, Gregório Lemercier se defende dizendo que simples algarismos não podem dar, no aspecto humano e religioso, a medida do êxito ou do fracasso da experiência.

— A análise psicológica — adverte o prior Lemercier — tem se dirigido especialmente para a religiosidade individual. Procura, sem piedade, tôdas as taras do sentimento religioso, purificando-o através de uma análise sem perdão, que ajuda a descobrir enganos e mentiras para deixar sòmente o autêntico.

— Graças a essa análise — agora é o psicanalista Quevedo quem a defende — impede-se que o mosteiro se converta num refúgio daqueles que não querem, ou não podem, resolver seus problemas de convivência com o mundo exterior. A psicanálise permite que cada indivíduo compreenda se realmente tem verdadeira vocação para a vida monástica e se nela pode realizar-se integralmente como ser humano.

— A experiência analítica — acrescenta Quevedo — tem dado aos que continuam no convento maior segurança em si mesmos, em sua condição de monges e homens úteis. Como tem dado também, a muitos que decidiram abandonar o mosteiro e voltar ao mundo, consciência de seus problemas e autoconfiança para resolvê-los.

Para Lemercier e para Quevedo, é um êrro definir como fracasso a decisão tomada por aquêles que, depois de terem aproveitado profundamente a psicanálise, deixaram o mosteiro descobrindo que sua vocação os orientava para o casamento.

SEGUE

Os copos variam, mas todo mundo concorda que St. Raphaël é um ótimo aperitivo ✻

Êste é o copo para quem gosta de tomar puro (toma-se bem gelado com uma casquinha de limão).

É impróprio beber da garrafa. Mas é de bom-tom tê-la sempre à mão para servir aos amigos.

Como "long drink" com gêlo, soda e algumas gôtas de suco de limão (há quem prefira St. Raphaël a uisque).

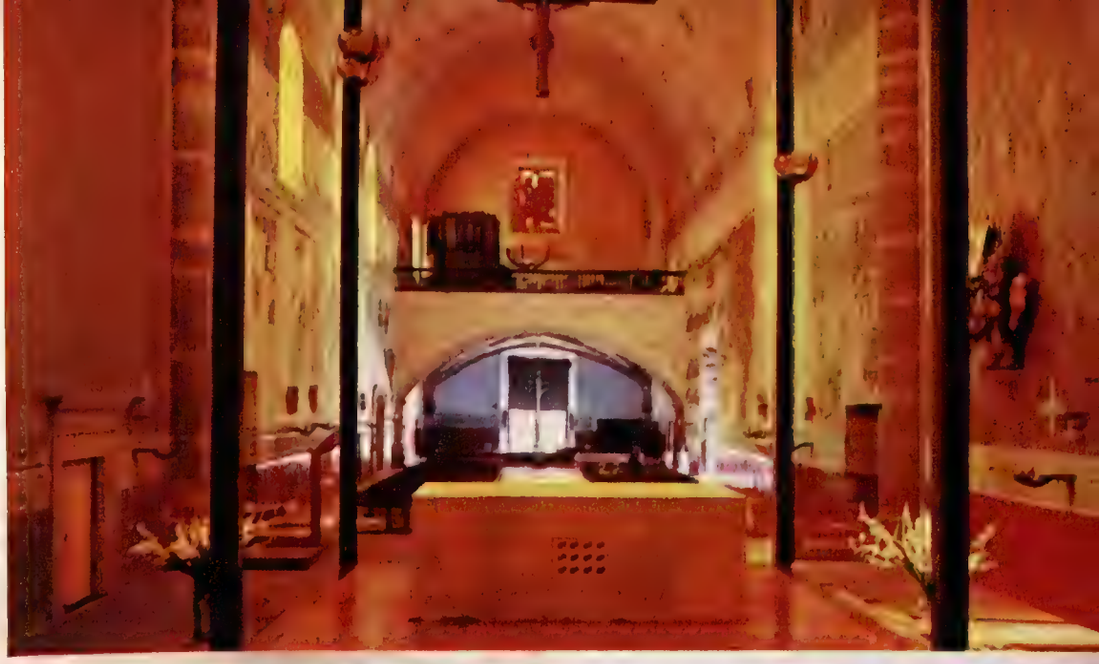
"On the Rocks" em copos médios, redondos ou não (com alguns cubos de gêlo e uma casca de limão ou laranja).

St Raphaël L'APÉRITIF DE FRANCE

✻ Aperitivo. Mas também pode ser tomado longe das refeições

PRODUZIDO POR MARTINI & ROSSI S.A., MEDIANTE LICENÇA E SOB SUPERVISÃO DIRETA DE SOCIETÉ ST. RAPHAËL, 6 RUE DU PARK-ROYAL – PARIS, 3.o

Monges não temem o sexo



A catedral de Cuernavaca, remodelada pelos beneditinos. Abaixo, seu artesanato.

— Trinta dos 40 monges que abandonaram a comunidade — afirma Lemercier — não tinham ainda feito os votos, eram noviços para os quais a psicanálise servia de teste preliminar de admissão à vida monástica.

— Mais de 20 dêles — explica Lemercier — sairam depois de um ano de análise, precisamente porque, embora sendo analisados, negavam-se à entrega necessária para enfrentar a própria essência. Isso significa que êles saíram justamente **por falta de análise.** E vários dêsses jovens já manifestaram o desejo de voltar ao mosteiro, a fim de submeter-se novamente ao tratamento.

Quase tôdas as deserções ocorreram durante os primeiros anos, a partir da data em que o prior beneditino estabeleceu a psicanálise para os monges. Em 1965 saiu apenas um monge, que ainda não havia feito votos perpétuos, e um noviço.

Dos 30 monges que hoje integram a comunidade, sòmente 4 anciãos de 65 a 80 anos e dois professôres, também de certa idade, não entraram no tratamento. O próprio Lemercier submete-se desde 1961 à psicanálise individual, com uma média de 4 sessões por semana. Os monges fazem psicanálise em grupo. A sessão é feita com o máximo de 8 membros, de graus de cultura diversos: desde o semi-analfabeto até o de nível universitário. Reunem-se duas vêzes por semana, durante 80 minutos, ou uma vez durante duas horas. O mosteiro tem dois analistas: o doutor Gustavo Quevedo e a doutora Frida Zmud, ambos da Associação Internacional de Psicanálise e dirigentes da Associação de Psicanálise em Grupo da América Latina.

Análise em profundidade

Quevedo faz questão de dizer que não se trata de uma terapia superficial, mas de autêntica psicanálise, "tão profunda quanto o permitem a disposição e as defesas de cada monge."

E Lemercier lembra:

— Para nós não teria nenhum interêsse uma psicanálise que não chegasse a tocar o núcleo mais profundo da personalidade. Que, por ignorância, incompetência ou temor, pretendesse deixar intato o sentimento religioso e imaginasse poder analisar tudo o que existe de humano com a exceção do religioso. Uma psicanálise assim desespiritualizada talvez fôsse aceita em outros ambientes. Mas para os monges, para os jovens que escolhem a vida religiosa, é um fato absolutamente necessário que êsse sentimento religioso seja analisado junto com tudo o que êle pode esconder. A visão central de Freud, que arrasta qualquer vida e qualquer amor até a origem sexual, colocava-nos frente ao dever de não nos deixar reter por considerações hipócritas relacionadas com o sexo. Principalmente para os monges que renunciam ao sexo em sua realidade biológica.

— Estas considerações nos levaram a escolher uma mulher — a doutora Frida Zmud — para ser a psicanalista dos novos candidatos, nos primeiros tempos de sua análise.

Para o prior beneditino, essa maneira de pensar representa um ato de fé.

— Fé no sentimento religioso de nossos monges e fé na integridade e capacidade profissional dos nossos analistas. Fé na fé e fé na ciência.

Apesar disso, antes da experiência, considerando que o risco era grande, Lemercier fôra tentado a recorrer sòmente a analistas sacerdotes ou, pelo menos, a analistas católicos.

— Mas a exigência — diz êle — teria sido um sinal de dúvida com relação à fé de nossos monges e teria reduzido a análise a uma terapia mais ou menos superficial. Quanto à hipótese dos analistas sacerdotes, agora a consideramos como uma contradição à nossa meta, pois colocaria o paciente frente a um monstro de duas cabeças, já que as funções do sacerdote e do analista diferem totalmente.

Perigo para a religião?

Nos meios católicos do México, surgiu um problema: até que ponto a psicanálise destrói o sentimento religioso. Os católicos mais conservadores respondem virando as costas a tudo o que se relaciona com a psicanálise e censuram àsperamente a experiência de Cuernavaca.

O doutor Quevedo responde à crítica:

— Se a religião fôr considerada como um substituto dos valores humanos e se quisermos viver à margem da vida, então sim, a psicanálise destrói **essa** religião.

E Lemercier acrescenta:

— Longe de fazer evaporar ou dissolver a religião, a psicanálise tende a transformá-la e amadurecê-la numa crença que alcança todos os valores humanos e os impregna cada vez mais do divino. Pode-se aplicar à psicanálise aquilo que o texto discutido pelos padres conciliares diz sôbre a relatividade terrena: SEGUE

Freud ajuda a religião

A psicanálise em grupo os une e abre caminho para uma religião sem hipocrisia.

"Aquêle que se esforçar com perseverança e humildade em penetrar os segredos das coisas e dos sêres é levado pela mão de Deus, mesmo se não tiver consciência disso".

— Naturalmente — continua o prior — isso não acontece sem problemas e sem desafiar a apresentação tradicional do pensamento religioso católico. Portanto, o padre do mosteiro deve realizar outro trabalho indispensável: o de apresentar aos monges sob análise o pensamento cristão segundo o ponto de vista da psicanálise. É o complemento religioso da análise de nossos monges.

— Minha colaboração com os analistas — completa Lemercier — consiste basicamente no apoio, disciplinar e afetivo, que dou a cada monge, principalmente nos momentos de crise, quando o paciente tenta fugir do encontro consigo mesmo, pretendendo rejeitar a vida monástica e a psicanálise. Mas o apoio mais importante que cada monge recebe é aquêle que vem da comunidade inteira. Vários analistas predisseram tôdas as classes de calamidade porque pretendíamos submeter jovens que vivem juntos as 24 horas do dia à psicanálise em grupo. Aconteceu exatamente o contrário: os monges nunca aceitariam prosseguir se tivessem que enfrentar a psicanálise sòzinhos, fora de uma comunidade igual à nossa, onde a análise é vivida coletivamente.

Mas a maior defesa que tanto Lemercier quanto Quevedo podem apresentar a favor dessa experiência de 5 anos encontra-se nos seus resultados. Que não se referem apenas ao amadurecimento e equilíbrio do sentimento religioso nos monges, mas, de maneira significativa, à capacidade de trabalho e criação revelada pelo mosteiro. Os monges de Cuernavaca não se limitam a rezar e a ler, cumprindo ao pé da letra o preceito de São Bento. Pelo contrário, junto ao **opus Dei** (a liturgia) e à **lectio divina** (a leitura dos textos sagrados), os beneditinos de Cuernavaca trabalham para seu próprio sustento e para enfrentar as despesas com a psicanálise, que representam mais da metade do orçamento do mosteiro.

As obras de artesanato produzidas pelos monges têm grande aceitação comercial, tanto no México como nos Estados Unidos. Sua qualidade artística tem sido elogiada na Europa e nas Américas. Desde os rosários que o irmão Mauro trança na sua sossegada cela, até as velas de cêra, as medalhas de prata, a cerâmica, os objetos litúrgicos, os quadros decorativos e, principalmente, as imagens de santos.

O humilde frei Gabriel

O talento de frei Gabriel, que renunciou a uma brilhante carreira de arquiteto para ingressar no mosteiro, é o motor artístico da comunidade. Seu espírito de criação prossegue sob o hábito beneditino. Foi êle que projetou e dirigiu as obras do mosteiro, a impressionante capela circular e as reformas da catedral de Cuernavaca, que o bispo Mendez Arceo quis reconciliar com as novas exigências litúrgicas. Na catedral restaurada de Cuernavaca, orgulho arquitetônico do México, respira-se o clima religioso da Idade Média com acento moderno. Turistas do mundo todo vão visitá-la sem saber que o criador dêsse impressionante monumento é um humilde monge do convento.

Frei Gabriel defende zelosamente seu anonimato. Quando o surpreendem na oficina, frente à clássica mesa de arquiteto coberta de esquemas, desenhos ou pequenas peças de arte abstrata que o mosteiro começará a produzir em série, nega-se a admitir que seja êle o cérebro artístico da comunidade.

— A obra é de todos — insiste frei Gabriel — cada irmão colabora como pode e com o que sabe fazer. Eu tenho imaginação, e sei desenhar. Mas sem o trabalho dos demais nada poderia fazer.

Os monges viram técnicos

Uma centena de operários trabalha sob a orientação dos monges. Êsses operários encontram no mosteiro uma escola e uma fonte de trabalho. Cada religioso se transformou num técnico e os operários estão sob sua orientação direta. A indústria necessitava de um contador, um dos monges foi ocupar-se dos livros; outro se encarrega dos pedidos; outro ainda das fôlhas de pagamento. Não fôssem os rigorosos hábitos beneditinos e o mosteiro poderia se confundir com uma próspera cooperativa de artesanato.

Quando batem os sinos, porém, a impressão desaparece: os monges abandonam as oficinas, trocam os hábitos que lembram contos de Robin Hood por uma batina que vai até o chão e dirigem-se à capela para as orações. Então o canto gregoriano percorre os jardins, os longos corredores, as pequenas celas.

O prior Gregório Lemercier fala sempre com muita convicção. Seu olhar e seus gestos são duros, atemorizam o visitante, mas com seus monges olhos e gestos se tornam paternais. Êle chegou ao México vindo da Bélgica, sem falar sequer o castelhano, e com 12 padres fundou o mosteiro, num pequeno terreno que viu crescer uma rústica construção de dois andares. Não havia luz elétrica nem água corrente. Os monges tiveram que traçar o caminho e calçá-lo até a estrada. Vivendo do próprio trabalho, êles cultivaram a terra e organizaram a criação de gado, galinhas e porcos. Vendiam os produtos e, sob a orientação de um monge médico, instalaram um ambulatório que até hoje atende os habitantes das vilas vizinhas.

Embora a indústria do artesanato tenha mudado completamente a linha de suas atividades, a comunidade continua cultivando pequenas hortas de verduras e frutas, além de criar abelhas.

O trabalho na cozinha, a limpeza, a lavagem de roupa e as arrumações necessárias são realizadas pelos monges, por turnos. Em princípio, a comunidade é uma família na qual todos os membros trabalham para todos. Por essa razão, entre êles o trato de **irmão** não representa uma simples fórmula, mas sim uma realidade que também a psicanálise — dizem os monges — os levou a viver com tôdas as suas implicações e significados.

— Parece que uma fé inquebrantável no Espírito Divino — finaliza Lemercier — nos levou a descobrir, a criar, um pouco talvez sem sabê-lo, uma comunidade que, ao mesmo tempo, tem seu lugar na Confederação Beneditina e não pode ser comparada com nenhuma outra, beneditina ou não, católica ou não. Essa comunidade deve ter seus próprios critérios e ser enfim julgada por seus frutos, segundo a palavra de Cristo. FIM

Quando o marechal era major

Na primeira década do século, o major Rondon era chefe de um grupo que abria o Brasil, criando caminhos, instalando linhas telegráficas.

Os homens enfrentavam tudo. Condução havia. Um Ford que ainda não passava de Fordeco. Em 1919, a Ford iniciou suas atividades aqui e, em 1927, já fornecia o veículo para o trabalho de Rondon no interior do país.

Êste é o vínculo que a Ford tem com a extensão dos meios de comunicação em muitas áreas nacionais. E com o nascimento de uma nova indústria, da qual foi a pedra fundamental.

Cada vez que a Ford dá um nôvo passo é com a segurança dos que criam para o futuro.

Ford

NO BRASIL DESDE 1919

JÂNIO, HOJE

Texto de Luiz Fernando Mercadante Fotos de Roger Bester

O Jânio Quadros de hoje é um homem corado, de 49 anos de idade, têmporas e bigodes grisalhos, barba rigorosamente escanhoada e em luta contra a balança: se facilitar, passará dos 80 quilos. E ninguém levará a sério um Jânio gordo. A idade lhe assentou os cabelos e lhe abrandou o temperamento. Mas ainda há um brilho rebelde no seu ôlho bom, o direito.

O nôvo Jânio continua trabalhador, agora dividido entre os clientes do seu escritório de advocacia, o estudo de questões da língua portuguêsa e o exame de problemas da América Latina. Redescobriu sua família e vive muito para ela, com as preocupações oscilando entre a saúde da mãe e o último dente da neta caçula. Encontra grande prazer no trabalho manual e pode passar horas construindo um muro ou pintando uma parede.

Renunciou aos bang-bangs

O Jânio de hoje anda muito bem humorado, tentou passar para o cachimbo, mas ficou mesmo com os cigarros, trocou a cerveja pelo suco de laranja, o **slack** — traje indiano que popularizou — pela camisa esporte, os **bang-bangs** do cinema pelos policiais de televisão e a mania de amarrotar ternos por um pijama sem listras. Cultiva uma humildade espantosa para quem fêz fama de soberbo, não guarda ódios, nem alimenta rancores e no recesso da suspensão dos seus direitos políticos, está mais maduro, mais humano e mais tranqüilo. Um Jânio a caminho dos 50 anos, com a vitalidade de um môço de 20.

O Jânio prefeito, o Jânio governador e o Jânio presidente cedem lugar ao nôvo.

Como vive êsse Jânio?

Vista de fora, com o muro alto e os grandes portões de ferro vedados por chapas metálicas, a casa parece hostil. As janelas do andar superior, quase sempre cerradas, negam a presença dos moradores. E a primeira resposta à campainha é o ladrar barulhento dos cachorros. Depois, vem a empregada em uniforme, que traz a chave e o bom dia de acento nordestino.

Muriçoca, Pinduca, Chuvisco e Totó — os quatro cães que Jânio cria "com muito carinho e algumas cintadas vigorosas" — continuarão latindo. Mas abertos os portões, a hostilidade fica na calçada, o jardinzinho bem cuidado dissipa a última dúvida e o sobrado de 6 cômodos se oferece acolhedor. O bairro é o Jardim Paulistano, São Paulo; a rua é a Gabriel Monteiro da Silva.

O dono da casa vem descendo a escada rodando os óculos com a mão direita, enquanto a esquerda procura um cigarro no bolso da camisa esporte. Sapatos marrons, de lona, meias claras, calças também marrons, de brim, Jânio pára no meio da sala de visitas com ar de menino em dia de aniversário:

— Esta casa é um presente que me fizeram. Quer ver?

Aponta para um tapête:

— Ganhei-o do xá da Pérsia.

Mostra uma imensa caravela:

— Presente do embaixador da Inglaterra.

Diante de uma mesa de antiquário:

— Veio do embaixador Décio Moura.

Indica um vaso riquíssimo:

— Do imperador do Japão.

Junto a uma prêsa de elefante tôda trabalhada:

— Recebi-a do Nehru, da Índia.

Chama a atenção para uma baixela de prata:

— Isto, da rainha da Inglaterra. Aliás, faltam seis xícaras. Certamente estarão com minha filha. Estarão, sim. Que me perdoe a rainha da Inglaterra.

O telefone toca baixinho, amortecido por um silenciador, como tocará várias vêzes durante todo o dia. Êle atende, como sempre:

— É Jânio. É Jânio, sim.

Seu rosto se abre e parece sincero quando diz:

— Ó meu amigo, que satisfação.

Ao desligar, retoma com segurança o assunto cortado:

— Que me desculpe a rainha da Inglaterra.

Pijama listrado, nunca

Habituou-se a se deitar cedo êste homem há muito acostumado a se levantar com o Sol. Raramente se recolhe após meia-noite, nunca sem ler algumas páginas de uma novela de mistério. James Bond, de preferência. Não há comprimidos, nem insônias. Nos seus tempos de campanhas políticas deitava-se com a roupa que tivesse no corpo. E não era rara a manhã em que saísse de casa todo amarrotado. Agora, porém, se dá ao confôrto de um pijama:

— Nunca listrados, todavia. Como são horrorosos os pijamas listrados!

SEGUE

Em vez de cerveja bebe laranjada

Jânio divide o bom-humor entre o lar e o trabalho; fala bastante e ouve muit

Entre seis e sete, Jânio está de pé. Se o seu tempo lhe permite mais que um simples chuveiro, enche a banheira com água quente até a borda e mergulha. Antigamente, esvaziava frascos de perfumes de sua espôsa na banheira, à moda de sais de banho. Mas dona Eloá ficava tão zangada que o marido, hoje, se contenta com o simples sabonete de costume.

Faz a barba com gilete, minúcia e muita espuma. Quando termina, repete sempre a frase do romance "Encontro Marcado", de Fernando Sabino:

— Uma de menos.

Toma uma xícara de café prêto, no mais das vêzes sem pão, e já acende o primeiro dos seus 40 cigarros diários. Gosta de cigarros quase fortes, sem filtro. Seus prediletos são inglêses, difíceis de se encontrar. Fixa-se, então, entre o Continental e Hollywood, mas na falta dêstes é capaz de aceitar valentemente um Fulgor. Sem conseguir passar totalmente para o cachimbo, vai tentando alternâ-lo com os cigarros.

— Parece que também não vou conseguí-lo.

Em frente a seu quarto, a saleta de trabalho espera-o. Ali estão seus livros: uma prateleira tôda para Lincoln, outra para História, outra para Política, outra para Sociologia, outra para Economia e mais uma tôda para Lincoln. O grande presidente norte-americano entrou para a sua existência ainda nos tempos de estudante de Direito. Estudando-lhe a vida, entusiasmou-se e tomou-a como modêlo. Foi ficando ensimesmado e, a exemplo de Lincoln, passou a derivar entre momentos de introspecção e de extroversão.

Entre os livros, os retratos onde aparece com os papas Pio XII e João XXIII, os capacetes da Fôrça Pública de São Paulo e do Exército, Jânio gasta as manhãs trabalhando em seus escritos e traduções. No ano passado, em um só mês, traduziu o livro "Kennedy e os Negros", do jornalista norte-americano Harry Golden. Botou no serviço uma grande seriedade. Basta dizer que complementou o livro com 126 notas explicativas, "eruditas e esclarecedoras", como acentuam os editôres. Trecho de uma sua nota sôbre o presidente Kennedy diz:

— Era amigo do Brasil, e tinha pelas nações subdesenvolvidas interêsse efetivo e honesto.

A um canto da pequena sala de trabalho, duas espingardas de caça descansam no chão.

— Gosto de caçadas, justifica. Mas sou péssimo caçador. Não pela pontaria, que é boa e, agora, ainda é melhor por causa do ôlho único. Mas me falta coragem para atirar diante do olhar súplice de um veadinho, ou do guincho desesperado de um macaco. E neste Brasil se caça bàrbaramente. No Mato Grosso se atira

Um beijo em Muriçoca, seu cão predileto.

em pato até de metralhadora. Eu transformei uma vasta região em reserva florestal. Mas não há quem respeite.

— E onças, doutor Jânio?

— Gosto de onças. Mas são difíceis. O brigadeiro Faria Lima e eu varejamos o pantanal mato-grossense de ponta a ponta e não encontramos uma para remédio. Onça é muito bom. Caça-se com cachorro. É soltar-lhe os cachorros em cima e ela corre espavorida. Então, perseguida de perto, comete o êrro histórico: trepa numa árvore e vira tiro ao prato. Gosto de onça, sim, mas não de tiro ao prato.

Das onças, Jânio desce para o almôço. Faz questão de ser servido por dona Eloá. Come pouco e a comida é simples: arroz, feijão, bife e batatas fritas. Hoje não é dia de tutu, único prato capaz de tentá-lo à extravagância. Êsse entusiasmo levou-o a apelidar a filha única, Dirce Maria, com o nome do prato preferido.

Ao almôço, água ou suco de laranja. A cerveja, bebida de que gostava muito, foi abolida de vez porque faz engordar. Também não bebe mais uísque, nem nada que contenha álcool. A não ser um Pôrto, em ocasiões especiais.

— Inventaram que eu era bêbado. Agora, nem isso poderão dizer.

Do mamão da sobremesa êle dispara em seu Volks azul para o centro de São Paulo. Já foi bom motorista, mas de uns tempos para cá anda muito distraído e até arranhou dois pára-lamas. Surpreendeu-se, um dia dêsses, no carro de um amigo, dando desesperadamente na partida com o carro desligado. Aos poucos, vai deixando de guiar. Vale-se dos amigos ou de Leonel, um motorista que serve a família desde os tempos dos Campos Elísios. Mas enquanto guia, o acelerador está lá embaixo.

— Quanto buraco, meu Deus! Preciso falar com o nosso prefeito.

Segue ao encontro dos editôres da gramática e do livro sôbre as Américas que estão sendo lançados.

Napoleão na sala de espera

No sétimo andar de um edifício do Viaduto Nove de Julho existe uma porta de vidro com os seguintes dizeres pintados em tinta preta: J. QUADROS — ADVOGADO. À campainha atenderá o Fábio, homem de idade indefinida e passadas rápidas, mistura de secretário e ajudante de ordens, "dono de uma paciência colossal", no dizer do próprio Jânio.

O corredor abre-se para a sala de espera, onde Napoleão Bonaparte cavalga sôbre uma mesa, debaixo do olhar severo de retratos de Lincoln, autógrafos de Lincoln e trechos do discurso de Gettysburgo, de Lincoln. Ao lado, a indefectível estátua da Justiça defende a também indefectível coleção da "Revista dos Tribunais". Um simples letreiro impresso em cartolina é suficiente para dar fôrça à presença de Jânio:

"Não me proponha negócios desonestos. Se acreditasse nêles não estaria à espera de proposta... Não me convide a processar o operário, a viúva, o órfão. Meu pão é mais fácil do que o dêles".

A agenda tem tôdas as horas marcadas. Há os clientes, os amigos, os velhos companheiros da política — e o são: dos bairros, das vilas, do interior, dos Estados, muitos atrás de um apêrto de mão apenas.

Outro corredor leva à sala de Jânio, pequena e simples, como pequena é a mesa e simples a cadeira. Os visitantes encontram poltronas confortáveis de couro. A dêle, porém, é espartana. Curvado sôbre livros e papéis, deitando linhas e mais linhas, a mão, sôbre intermináveis laudas brancas, êle redige pareceres, cartas, livros.

A um lado repousa a bandeira nacional. Do outro, estão os retratos da família. Num, sua filha Dirce Maria apresenta-lhe a primeira neta: "Para o papai, sua encomenda, com muitos beijos da filha". Na parede em frente à mesa alinham-se cinco fotografias com dedicatórias pessoais: marechal Cândido Mariano Rondon; imperador Hiroito, do Japão; presidente Nasser, do Egito; presidente Sukarno, da Indonésia; e marechal Tito, da Iugoslávia.

Jânio veste um terno escuro, camisa branca levemente riscada de azul, gravata de sêda listrada em tons fortes e sapatos de fivela, prêtos. Não chega a elegante, mas se apresenta correto até que um movimento mais brusco lhe revira o colarinho, avêsso a barbatanas. Quando conserta o colarinho, os punhos da camisa lhe fogem pelas mangas do paletó revelando um par de abotoaduras de bom gôsto:

— Presente de Eloá — exibe, feliz.

Não se queima nem fura onda

Os fins de semana o encontram na praia de Guarujá, na casa herdada do pai, onde há sempre um muro por consertar ou uma parede para pintar. Ali perto, está montando uma casa pré-fabricada. Quer vender.

— Preciso realmente ganhar algum dinheiro. Poderia ser até um homem rico se tivesse comprado aqui os terrenos que, há tempos, me ofereceram a preço de banana. Mas não comprei.

Ninguém espere encontrar Jânio na praia, de calção, queimando-se ao sol ou furando uma onda. Passeia na areia de calça e camisa, sempre com um livro debaixo do braço. Passa alguns momentos com a espôsa, filha, genro e netas sob um guarda-sol. Mas volta para casa ao menor pretexto:

— Tenho que arrumar a torneira da pia, Eloá.

E vai.

Sua preocupação com ordem e limpeza já é mania. Limpa todos os cinzeiros sujos e cata do chão qualquer cisco mais evidente. Devolve escrupulosamente a xícara que usa à bandeja, sopra o açúcar que ocasionalmente cai à mesa e o limpa do chão com uma fôlha de papel.

Na última temporada, após as refeições chamava as netas, Ana Paula, de 4 anos, Ana Claudia, de 3 e Ana Laura, de 2, e pedia:

— Deixem ver as mãozinhas. Estão limpas? Isto, assim que é bonito.

Um dia, foi surpreendido por Ana Claudia:

— Vovô, você está chato, só fala isso.

A princípio, não gostou da observação. Mas, com o tempo, transformou-a em historinha para os amigos que o conhecem como um avô coruja, capaz de passar horas com as netas inventando brinquedos e fazendo graça. De noite, sua voz pouco afinada ressoará pela casa. Jânio está procurando fazer com que as netinhas durmam e, para isso, canta:

— Eu sou a Paulinha,
Paulinha eu sou,
o doce que eu tinha,
eu dei pro vovô.

O escritor mineiro Alberto Deodato já disse que do mesmo modo que Juscelino pensava como se só êle tivesse mãe, Jânio fazia como se só êle tivesse netas. É quase verdade. Pois quando nasceu Ana Paula, a primeira, Jânio, então presidente, tomou um jatinho, avião de dois lugares da FAB, para chegar mais depressa a São Paulo e ao hospital. SEGUE

BOA VIAGEM COM O GUIA QUATRO RODAS

Como planejar uma viagem de férias para qualquer lugar do Brasil.

Em que hotéis hospedar-se, e quanto custa.

Qual o melhor caminho para ir de Caxambu (MG) até Angra dos Reis (RJ).

Quantos quilômetros percorrer na estrada para viajar do Chuí (RS) a Montevidéu.

Em que restaurantes pode-se comer especialidades chinesas em São Paulo.

Onde jogar boliche em Campo Mourão, no Paraná. Quantas pistas tem o boliche.

Em que ruas ficam os Concessionários Autorizados de Caruaru (PE).

Onde comprar "souvenirs" em Congonhas do Campo (MG).

Como conseguir Assistência Médica na cidade de Formosa, em Goiás.

Onde ir almoçar com vista panorâmica para as cataratas da Foz do Iguaçu.

Que linhas aéreas tomar para chegar até Erechim (RS).

Quais os serviços fluviais e ferroviários à disposição em Corumbá (MT).

Como chegar até Pôrto Velho, na Amazônia, para caçar e pescar.

Pela primeira vez, você encontrará, numa só fonte, tôdas as informações que precisa para viajar pelo Brasil inteiro. 324 páginas em português, inglês e espanhol. 72 mapas rodoviários, ferroviários e rotas aéreas. Calendário Turístico. Informações completas sôbre hotéis e restaurantes (acomodações, preços). Endereços de oficinas autorizadas, hospitais e casas de saúde. Roteiros, excursões, festas regionais.

A equipe da revista Quatro Rodas percorreu 200 mil quilômetros em dois anos para lhe oferecer êste guia completo e atualizado sôbre tôdas as estradas e mais de 300 cidades brasileiras. Compre o seu exemplar em qualquer Pôsto Shell, ainda hoje, para viajar com segurança e tranqüilidade pelo Brasil inteiro.

Em vez de bilhetes escreve livros

Ato heróico para quem detesta viajar de avião, a ponto de preferir a morosidade dos navios da Mala Real Inglêsa.

Antigamente Jânio era capaz de passar horas ouvindo dona Eloá tocar piano. Com o correr do tempo, sua mulher foi deixando de tocar, até que o piano emudeceu:

— Agora é minha neta maior que vai se apossando do instrumento. Vem aqui e faz muito barulho. Parece que quer quebrar o piano. E certamente vai fazê-lo.

No rádio, procura músicas velhas. Não resiste a uma boa valsa, mas nunca foi bom na dança. Descobriu há pouco a televisão, procura os filmes e acompanha "Hong-Kong", uma série policial em que entram espionagem e violência.

Pode passar, também, horas conversando, a contar casos das suas viagens ou da sua vida.

— Em Cuba, no hotel, roubaram-me um terno de tropical prêto. Reclamei, em tom de blague, a Fidel Castro. O barbudo não se perturbou e também lavrou sua queixa: ontem — falou-me Castro — na embaixada do Brasil, me desapareceu o revólver.

Uma ou duas vêzes por semana, Jânio aceita um joguinho de buraco com os amigos. O jôgo se estende por três e mais horas e dá ao vencedor um lucro que varia de 50 a 100 cruzeiros. Mas é disputado a ferro e fogo.

Além disso, há as visitas dos amigos humildes, cujos nomes isoladamente nada significam, mas que Jânio conhece muito bem:

— Como vai Pedro? Como está nossa Vila Maria?

— Como vai Josèzinho. Como está nossa Vila Esperança?

Diante dêles, por um instante, Jânio parece um homem em campanha.

"Eu era o São Jânio"

O êxito começou no capotão sovado que arrastava pela periferia, com os bolsos carregados de sanduíches, quando era candidato a prefeito de São Paulo, em 1953. Chegou ao clímax na tarde em que subiu a pé a favela da Rocinha, no Rio, entrou num quiosque para tomar uma injeção antigripal e jogou beijos para o povo que o aplaudia. Era o ano de 1960 e estava a um passo da Presidência.

Hoje, conserva o velho capotão cinzento, ao lado de um nôvo, também cinzento. E faz questão de explicar:

— Se carregava sanduíches era porque tinha fome; e se tomei injeções foi porque tive gripes. E mais nada.

O homem que magnetizava multidões com as coisas que dizia, e com o modo de dizê-las, guarda, das grandes massas a que falou, uma impressão ainda mais forte que a que deixou.

— O povo, notadamente o povo humilde, fitava-me não como um homem. Mas como um santo. Eu era o **São Jânio.** Não o Jânio. E os olhos daquele povo me queimavam a alma.

E se fazia sempre um enorme silêncio, enquanto êle, nos palanques, sopesava cada palavra, com as mãos em concha, como se as estivesse avaliando antes de soltá-las vitoriosas para o aplauso delirante das multidões.

Nesses tempos, lhe valeu muito a prodigiosa memória. Era capaz de entrar num botequim dos confins do interior do Estado de São Paulo e perguntar ao menino do balcão, para espanto de todos que estavam por perto.

— Você é o Juquinha, não é? Onde está Manuel, seu pai? E Teresinha, sua irmã? Sarou do ouvido? Escute: corra à farmácia e me chame o Antero, e avise o Benedito da estação que eu cheguei.

Os pensamentos de Jânio são épicos como suas poesias do tempo de estudante, que Vinícius de Morais pretende musicar. Êle sonha com uma América Latina unida, forte, e independente.

Acompanha com vivo interêsse a obra reformadora do presidente Eduardo Frei, no Chile, e aponta como maior expressão latino-americana o ex-presidente Lázaro Cárdenas, do México. Com um e com outro, encontrou-se em sua última viagem. Sugeriu a ambos que escrevessem um livro sôbre as Américas. Um e outro se negaram e lhe devolveram a sugestão. Aceitou-a. Frei prefaciou a obra e Cárdenas traduziu-a para o espanhol.

SEGUE

No seu Volks azul, reclama dos buracos mas o pé fica lá embaixo. Muito distraído, aos poucos vai deixando de dirigir.

No escritório atende todos e o telefone toca muito. Na praia caminha sòzinho.

Em vez de eleições cuida das netas

Admira muito os Estados Unidos e ficou impressionado com Nova Iorque. Mas, no exterior, sua grande paixão é Londres.

— Em Londres a vida particular de cada cidadão é intocável. Pode-se sair nu à rua e ninguém repara. E não é pelo **fog.** Mas pelo respeito à vida alheia. E culturalmente é um mundo. Nos seus museus há material até para escrever livros sôbre o Brasil.

A admiração que em seu espírito coloca John Kennedy perto de Abraham Lincoln está se transferindo, em parte, para o môço Robert Kennedy.

— Parece um continuador. E teve importante papel como procurador geral. E disse coisas muito bem pensadas quando visitou o Brasil.

Sôbre o Brasil, Jânio abstém-se de falar. Tem nove anos de suspensão de direitos políticos pela frente e proibição de fazer qualquer pronunciamento. Evita-os.

Conserva em casa tôdas as medalhas de condecorações que recebeu no exercício de função pública.

—Algumas estão cassadas. Mas há sempre as estrangeiras.

De Chaplin a Lincoln

O vigor físico, a acuidade aguda e a habilidade inata reservam-lhe certamente um futuro. Mas Jânio se contenta em desfrutar o presente.

— Estou feliz com estas horas que posso dar para minhas netas, para minha família e para os amigos. Imensamente feliz.

E se ergue para ir ao encontro de Muriçoca, o mais querido dos seus cachorros, também presente da rainha da Inglaterra. Abaixa-se junto ao cão felpudo que fica de pé em duas patas para festejar o dono.

Jânio rosna de um lado. Muriçoca do outro. Um reloginho de corrente cai do bôlso de seu blusão, os óculos pendem sôbre o nariz, uma onda de cabelo desce à testa e eis — num instante — Jânio perto de Chaplin.

— Doutor Jânio, onde o senhor vai passar os próximos feriados?

— Ah! meu amigo. Vou para lugar incerto e não sabido. Assim poupo aos amigos o trabalho de me procurarem. E me poupo um pouco dos amigos.

A esta altura já está composto, o reloginho devolvido ao bôlso, os óculos ao lugar devido e o cabelo assentado. Chaplin sai e entra Lincoln:

— É preciso retemperar as fôrças. Há uma dura caminhada pela frente. FIM

TV * RIO é público!

TELESPECTADORES POR DIA (em média)

(área urbana e suburbana da Guanabara)

focus

Horário das 16.00 às 22.00 horas

MÉDIA DIÁRIA DE PESSOAS POR TELEVISOR (*)

CANAL 13	CANAL B	CANAL C	CANAL D	CANAL E
4.56	3.25	3.47	3.57	3.67

TOTAL MÉDIO DIÁRIO DE TELESPECTADORES NOS 508.992 TELEVISORES (**)

CANAL 13	CANAL B	CANAL C	CANAL D	CANAL E
242.045	225.191	205.370	154.440	18.731

(*) IBOPE, edição de março, página 4

(**) IBOPE, edição de março, página 11

Mas a TV-RIO, e só a TV-RIO, lhe oferece muito mais!

Na área Além da Serra, nossas 5 estações retransmissoras atingem, em 3 estados:

mais

5.039.660

habitantes

mais 330.000 residências com televisores e 5,4 pessoas, em média, por televisor.

Que lugar bonito.
Deve ser um passeio e tanto!

A estrada é sô buraco.
Se chove, tem lama.
No km 47, subida difícil.
Pior ainda são as curvas.
Mas você chega fácil.
Vai de Rural, não vai?

Tração em duas ou quatro rodas: o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de desempenho - o dôbro de confiança. Mais 20% de economia em combustível. Alternador substitui o dínamo para carregar a bateria mesmo com o motor em marcha lenta.

RURAL '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

Foto da Revista "Quatro Rodas"

© Willys-Overlar d-66-1047-RJ

Único brasileiro que vai apitar em Londres, Armando Marques

O JUIZ ESCALOU O

— Em futebol a Inglaterra não é de nada, mas o inglês é o povo mais vivo do mundo, vai tirar o maior lucro da Copa, e se a gente bobear ficará com o campeonato também.

A frase é de Armando Marques, que os jornalistas esportivos elegeram — pela sexta vez em 6 anos — o "melhor apitador do País" e é o único juiz brasileiro que vai atuar na Copa do Mundo. Mas, no momento, Marques está muito mais preocupado com a seleção brasileira do que com isso.

— Também fiz a minha lista dos 45 jogadores para o teste inicial, mas só escolhi 44. Deixei uma vaga para o **grosso** que o Feola leva todo ano — diz o juiz rindo.

O time eleito por Marques tem algumas surprêsas, que êle justifica com sua experiência de técnico de futebol de praia e espectador das Copas de 1958 e 1962. Uma coisa é certa: qualquer equipe que a Comissão Técnica puser em campo terá muitos jogadores que Armando Marques já botou para fora de campo.

— Senhor atleta, o senhor está expulso.

As mãos agarrando nervosamente as pontas das mangas compridas da blusa preta, os calcanhares unidos, em posição de sentido, o rosto alterado pela indignação, Armando Marques exerce a sua autoridade. Com justiça, mas com excesso de gestos, pois agora uma mão já escapou da ponta da manga e agita o indicador esticado na cara do jogador, o braço desenha círculos e semicírculos no ar, apontando, sucessivamente, o vestiário para onde êle quer que o atleta vá, enquanto a torcida vaia.

Armando Marques tem tanto conhecimento das regras de futebol que vai até escrever um livro. Mantém-se numa forma física tão boa que lhe permite estar sempre a poucos metros da bola, de frente para a jogada. Em apenas 6 anos de trabalho, prestou um grande serviço ao futebol nacional: disciplinou os jogadores, tirou-lhes os vícios que prejudicavam muito o espetáculo e forçou os outros juízes a se aperfeiçoarem. Quando uma federação o contrata, Marques diz:

— Ela não me quer tanto por mim, mas porque os outros juízes passam a concorrer comigo e o nível de arbitragem sobe.

Pode não ser modesto, mas é verdade. Economista formado, sócio de uma firma de investimentos, rico mas um pouco pão-duro (chama-se **controlado**), lúcido e irreverente, êste carioca de 36 anos é um sinal do progresso do nosso futebol. E o futebol tem lhe retribuído bem: seu nôvo salário na Federação Paulista de Futebol anda por volta de 2,5 milhões de cruzeiros mensais e sua sorte quando apita já ficou famosa.

A sorte conserta

"Quando eu erro — diz Marques — a sorte vem e conserta. No último Rio-São Paulo, marquei um pênalti contra o Palmeiras num jôgo com o Fluminense, no Maracanã. Até a torcida do Fluminense protestou e eu compreendi que tinha errado. Mas não havia remédio, mandei cobrar o pênalti. Gilson Nunes cobrou e a bola bateu na trave.

"Tenho tido muita sorte mesmo. Mas também tive azar: já levei pancada, fiquei escondido em vestiário até a torcida desistir de querer me bater, já fugi em trem de carga e até simulei desmaio para não entrar na madeira. E o juiz de futebol que disser que nunca sofreu isso, mente, pois isso faz parte da profissão.

"É uma profissão difícil. O policial, mesmo quando está dormindo, é policial. Acordam-no para prender o ladrão, êle vai lá, é a autoridade prende. O juiz de futebol, antes e depois dos 90 minutos da partida, é um homem comum. A sua autoridade desaparece e os insatisfeitos se aproveitam disso. Uma das coisas que mais me irritam é ouvir na rua:

"Vai apitar amanhã, ladrão?"

Chega de pulinho

"Eu fui acusado de exibicionista, de dar **shows** em campo, aparecer demais. Reconheço que isso aconteceu. A malícia e a malandragem em campo me aborrecem muito, fico indignado, saio dando pulinhos e fazendo gestos. Eu sei que o melhor juiz é aquêle que a torcida nem percebe em campo. Mas os espetáculos à parte que dei foram bons para mim. Fiquei discutido e famoso. Não os dei com essa intenção e agora tenho procurado me corrigir estudando minha atuação, vendo os **vídeo-tapes** das partidas. Já tenho conseguido evitar muitos pulinhos ridículos e excesso de gesticulação."

Marques acha que o juiz precisa entender o futebol e acompanhar sua rápida evolução. Hoje os clubes estão muito mais preocupados com a torcida que há 10 anos e o juiz precisa encaminhar a partida para que ela seja um bom espetáculo. Na sua opinião, o juiz Mário Viana prestou grande serviço ao futebol enfrentando e disciplinando os jogadores brasileiros, num tempo em que eram intratáveis:

"O campo era um lugar insuportável, cheio de palavrões e arruaças, e o Mário ajudou a acabar com isso.

"Os palavrões ainda existem. Eu procuro fazer com que o pessoal grite menos em campo, mas assim mesmo é uma gritaria louca. Não tenho um só amigo jogador profissional de futebol. Dou-me bem com todos, mas no campo sou formal. Antes do jôgo, no vestiário, decoro ou recordo o nome dos atletas, pois eu os trato de **senhor** e não ficaria bem dizer senhor Pelé. Eu digo senhor Edson e quero que êle me responda senhor Armando. Mas o uso da palavra senhor não impede que no calor do jôgo saiam frases assim:

"Senhor Armando, vai apitar no mato!"

"Na Inglaterra não tem mato, mas já sei que apitarei uma só partida e daquelas sem importância para o título. É o que sempre dão aos juízes brasileiros. Eu até gosto porque assim tenho tempo de acompanhar de perto o nosso selecionado".

À Suécia e ao Chile, Marques foi por sua própria conta e iria a Londres de qualquer maneira. A convocação da FIFA — passagem e diárias de 12 dólares durante todo o torneio — lhe deu muito prazer.

Êle acha que o melhor critério para a escolha dos 22 que irão a Londres é o de dividir os convocados em dois contingentes: 1) os veteranos das Copas anteriores, que devem ser duplamente testados. Quem pas-

fala sôbre a Copa

TIME

sar vai prestar bons serviços; 2) a nova geração. Armando Marques diz que a forma física deve ser a maior exigência para a convocação.

"Como vai ser difícil encontrar 22 atletas em forma excelente, a Comissão Técnica deve se preocupar em formar um núcleo vigoroso de uns 15 elementos e torcer para não precisar usar os outros 7.

A defesa do juiz

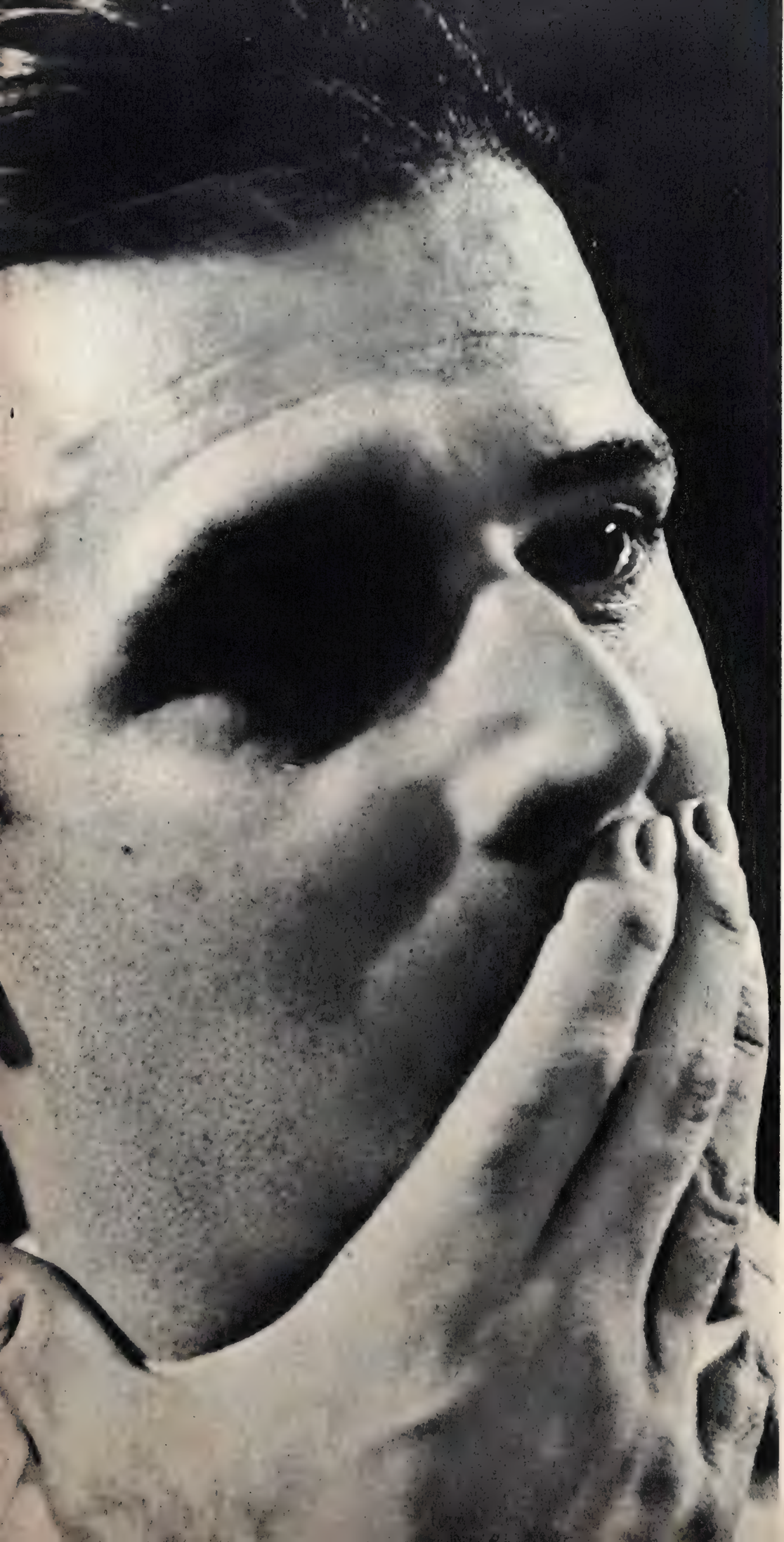
"Goleiro alcança sua grande forma na maturidade. Por isso, o meu goleiro é Gilmar (Santos). Carlos Alberto (Santos) é o zagueiro direito, com Djalma Santos (Palmeiras) na reserva. Não vejo problemas com a zaga direita. Brito (Vasco) ou Djalma Dias (Palmeiras) na zaga central? Sou mais pela dureza e segurança do Brito, embora reconheça a grande forma do jogador do Palmeiras.

"Meu quarto zagueiro é o Orlando (Santos). Esta é uma posição ocupada sem discussão. Tanto êle como Dias (São Paulo), o seu reserva, já podem tirar seus passaportes para Londres. Acho que Rildo (Botafogo) seria o zagueiro esquerdo, apesar de sua forma não ser boa agora. Não vejo em Edson (Corintians) nem em Oldair (Vasco) condições para lhes tomar o lugar. Esta é a minha defesa, sólida e quase tôda renovada. Penso que a seleção não vai ser diferente disso.

Meio-de-campo escuro

"Para mim o meio-de-campo ainda não é questão muito clara — diz Marques, enumerando os diversos candidatos. O meia-armador Gerson (Botafogo) conquistou a posição e está em grande forma. Mas é emocional, um líder que perde a cabeça. Por isso, para comandar Gerson e a equipe eu escalo o Zito (Santos) de médio-apoiador. O grande capitão Zito entusiasma qualquer time. No Rio-São Paulo apitei algumas partidas em que o Zito jogou.

SEGUE



Problema maior

"Foi uma das melhores coisas do torneio vê-lo comandando de nôvo o Santos, na base da bronca, do berro, mas dando ao time um sistema e uma vontade danada de ganhar. Zito detesta perder, e, com todos êsses anos de futebol, quando sai de campo derrotado sai inconformado. É o comandante de que a seleção precisa. Só tenho uma dúvida: será que êle agüentará o esfôrço?

"Se a forma física de Zito desaconselhar sua escalação, o dono do lugar é Dudu (Palmeiras) que é um exçelente apoiador e destruidor. Agora, quero ver como a Comissão Técnica vai se virar para levar o **Coringa,** êsse ótimo Lima (Santos), apoiador, zagueiro, meia-esquerda, centro-avante, tudo o que se quiser. Só se fôr como reserva de Gerson. Aliás, eu acho bom que a seleção tenha vários jogadores que joguem em mais de uma posição como o Lima, o Dias e o Jairzinho.

"Bem, a conclusão quanto ao meio-de-campo é que êle não está claro ainda, mas no bom sentido, pois está sobrando gente.

Ataque para discussão

"Meu ataque ideal é meio diferente, mas vou justificá-lo: Garrincha é o ponta-direita. Para falar francamente, eu não esperava mais que êle se recuperasse. Vi-o no Botafogo, sem treinar, jogando muito mal, nas poucas partidas em que aparecia. Mas no Corintians êle voltou a jogar bem. Não é o mesmo da Copa de 62, mas já recuperou a alegria e o gôsto pelo jôgo. Corre, disputa jogadas, dribla e marca gols. Se continuar progredindo vai chegar a Londres estraçalhando.

"Meu centro-avante é o Jairzinho, que no Botafogo é ponta-direita, mas já jogou muito bem no centro. Seria um grande ponta-delança e está numa forma excepcional. Não pode ficar de fora. Para a mesma posição convocaria também o Servílio (Palmeiras), êsse jogador genial, de grande contrôle de bola e um pique que engana: parece lerdo, mas, em passadas largas, surge de repente na área, cara a cara com o goleiro. Seus chutes são cheios de veneno e de uma violência que poucos atacantes conseguem hoje no Brasil.

Meia-esquerda tem dono

"A meia-esquerda é posição cativa de Pelé. Parece que a Comissão Técnica vai preferir que Pelé jogue um pouco mais atrás

não é a gordura de Feola; é a falta do ponta-esquerda

agora. Eu acho bom, porque assim êla faz um triângulo sensacional com Zito e Gerson no meio do campo e parte dali com a bola dominada para armar seu ataque. Com êsse estratagema puxará dois homens da defesa contrária para sua marcação e estando os pontas bem abertos (e com um pouco de sorte) envolveremos o adversário. Se der certo vai ser um furor. Eu não perco êste espetáculo por nada na vida.

"A injustiça maior de convocação foi o esquecimento de Tupãzinho. Êle era o meu ponta-esquerda. Acho-o melhor até que o Amarildo. No Palmeiras êle já jogou na ponta e foi excelente. É um dos mais perfeitos jogadores do futebol brasileiro. Nós não podemos ficar dependendo de Rinaldo e Paraná. Rinaldo (Palmeiras) vai muito mal e o Paraná (São Paulo) também está ruim, apesar de ser um bravo. Edu (Santos) ainda é muito verde. Vão acabar deslocando mesmo um homem de centro, talvez o Ivair e é aí que eu insisto: por que não o Tupã? De qualquer forma, permanece o defeito do futebol brasileiro — a falta de ponta-esquerda. Quando eu era menino, era o pior jogador do time. Então me diziam: vai para a ponta-esquerda Armandinho. A ponta-esquerda é lugar de refugo.

A briga dos chefes

"Acho sinceramente que João Havelange hoje gostaria mais de estar na retaguarda da seleção como sempre ficou e Paulo Machado no seu lugar de chefe da Comissão Técnica. Mas ambos foram um pouco além do que deveriam nos desentendimentos e agora ninguém pode voltar atrás. Para Paulo Machado foi um golpe e para a seleção também, especialmente para os supersticiosos.

"A seleção brasileira é supersticiosa, construiu tôda uma **escrita** nas duas Copas que venceu, baseada na côr da camisa do adversário, no pilôto de cavanhaque, o mesmo que transportou o nosso time nas outras copas, nas bolas roubadas ao juiz na partida final. Djalma Santos tem de ser sempre o primeiro a chegar para o café, e Gilmar o último a entrar no ônibus da delegação. Sem falar no charuto do massagista Mário Américo, e o terno marrom do Paulo Machado de Carvalho. Que, oficialmente, talvez não esteja mais lá, mas só oficialmente, pois Paulo Machado deverá ir a Londres torcer. De terno marron.

"Dizem que Feola não sabe como mudar de tática durante uma partida para vencê-la. Paulo Machado queria Aimoré para estrategista. Aliás, tôda a briga que gerou seu afastamento saiu daí. Eu acho que Aimoré não é o estrategista ideal, mas também penso que a seleção não precisa dêsse homem. Ela só precisa de um estilo de jôgo, e lá estarão Pelé, Zito, Gerson, Orlando para dar o estilo. E também precisa de um ambiente esportivo de seleção, muita tranqüilidade, que não haveria com a inevitável disputa entre o estrategista e Feola.

O gordo tranqüilo

"Acham o Feola gordo demais, tranqüilo demais. Já vi como êle trabalha e gostei. Êle estava comandando uma seleção de novos. O time não tinha ido bem no primeiro tempo, perdeu a confiança e no vestiário os jogadores lamentavam os erros. Feola deixou que esgotassem o aborrecimento para depois fazer uma preleção. O **gordo** fala baixo e os jogadores silenciaram para ouvi-lo. Disse que essas coisas aconteciam e que bastaria ter calma e seguir o esquema traçado para ganhar. Os atletas logo ficaram seguros de que não seriam **fuzilados** se perdessem e ouviram com a maior tranqüilidade a repetição das instruções. Com aquêles que tinham função-chave e haviam jogado mal, Feola teve conversa separada para não constrangê-los. O time que voltou para o segundo tempo era outro, dando ao técnico uma atuação impecável.

"Eu não sei o que um estrategista teria feito aí. Mas teria que ser uma coisa muito boa para igualar a **estratégia** de Feola.

Tática para ganhar o tri

"Esta Copa vai ser tão difícil que o meu maior mêdo é não passarmos nem das oitavas-de-final. Precisaremos estar bem atentos fora de campo e ser muito pacientes nos jogos. Estrearemos contra a Bulgária, que vai ser um adversário duro.

"O time búlgaro vem jogando há um ano e vencendo a maioria das partidas. Deverá fechar-se na defesa e precisaremos de calma e decisão para destruir êsse tipo de jôgo. A Hungria também vai se defender, mas talvez não saiba fazer isso bem devido à sua tradição de jôgo ofensivo. Portugal será o outro adversário das oitavas-de-final. É uma fôrça no futebol europeu, mas é a primeira vez que vai à Copa e sua inexperiência deverá prejudicá-lo. Contra nós seu time jogará na base de contra-ataques, dirigidos pelo angolano Euzébio, a grande estrêla do futebol europeu no momento.

A sêde da Itália

"Agora, o que eu não desejo mesmo para a nossa seleção é que ela encontre a seleção da Itália nas quartas-de-final. A Itália anda com sêde do Brasil. Isso não seria nada se sua seleção partisse para o ataque, tentando vencer-nos e nos deixando jogar. Aí nós venceríamos. Aliás qualquer time que jogar assim com o Brasil será derrotado. Mas a Itália vai usar um sistema de defesa cerrada que tem dado muito certo em seu país e os brasileiros não têm conseguido vencer: dois zagueiros juntos dentro da área, não se afastam nunca, parecem xifópagos. Dois zagueiros pelos flancos e na frente dessa linha de 4, mais um, o **líbero.** A seu lado, o ponta-direita, que volta para auxiliá-lo. Pela esquerda, o meia de ligação, que também vira zagueiro. E na frente, 3 jogadores perigosos para o contra-ataque.

"Aí só vejo uma solução: é o Garrincha **entortar** seu marcador e obrigar um dos **siameses** a sair da área para ajudar o zagueiro-esquerdo, dando brecha para um dos nossos pontas-de-lança fazer seu jôgo entre os dois, dentro da área.

Uma dívida com Portugal

"Vamos jogar na Inglaterra racista com uma equipe que é uma mistura de brancos, mulatos e negros. Acredito que quanto ao racismo não teremos problema e isso devemos a Portugal que tem lançado vários atletas negros na Europa nos últimos anos. Os times brasileiros já sofreram muito vexame na Europa por causa da côr de seus jogadores. Na Copa da Suécia nossa seleção começou jogando com um só negro, Didi, e chegaram a dizer que isso aconteceu porque seu reserva era Moacir, mais prêto ainda. Mas o público sueco reagiu bem e Pelé, Garrincha, Djalma Santos acabaram entrando e foram decisivos para nossa vitória.

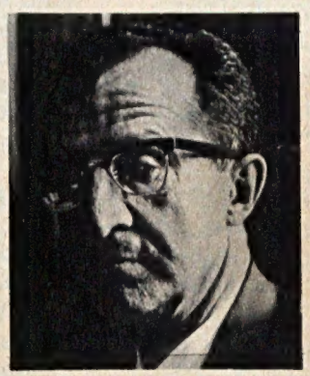
"As coisas mudaram muito e os futebolistas negros agora são grande atração na Europa. Êles perceberam a beleza plástica de um negro correndo com a bola, e eu desejo muito que a típica mistura brasileira que é a nossa seleção lhes dê grandes espetáculos. E traga a Copa para cá de uma vez."

FIM

O GOVÊRNO, AFINAL, VAI CONTER O CUSTO DE VIDA?

SIM

Respondo, categòricamente, no sentido afirmativo. Para conter o custo de vida, para termos preços estáveis, devemos atender a duas premissas: primeiro, ter abundância de mercadorias; segundo, ter moeda estável. Se tivermos escassez de mercadorias, mesmo com a moeda estável, ainda teremos preços em ascensão. Se, por outro lado, tivermos abundância de mercadorias, mas não segurarmos a inflação, continuaremos com a elevação dos preços. Portanto, cabe atender a essas duas questões ao mesmo tempo: incentivar a produção e deter a inflação. Para que se tenha uma impressão mais exata das dificuldades que o govêrno enfrenta, cito algarismos: a produção agrícola vinha decrescendo de 1961 para cá, num ritmo assustador. Em 1964, produzimos menos 1,4% de produtos agrícolas de consumo interno, em relação ao ano anterior, enquanto nossa população crescia 3,5%. Tivemos, assim, menos alimentos para distribuir entre mais consumidores. Marchávamos não para a abundância desejada, mas para a miséria coletiva. Substituindo a agitação no campo por ação conseguimos — em 1965 — que a produção de gêneros para consumo interno crescesse 7%. Demos então o primeiro passo no sentido da maior abundância. Para isso, contribuiu decisivamente a Sunab, que realizou, em 10 meses de 1965, o dôbro das transações de financiamento e compra feitas nos seus 23 anos de existência: canalizamos 300 bilhões de cruzeiros para a agricultura, no programa de preços mínimos. Ao mesmo tempo, cumpria reduzir o ritmo inflacionário que, em 1961, atingiu 65%, em 1962 foi a 66%, em 1963 chegou a 83%. Em 1964, não fôsse o movimento revolucionário, seria de 144%. As dívidas criadas no fim do período 1955/60 foram tantas que o nôvo presidente desistiu e abandonou o cargo. Entre 1961 e 1964 a situação agravou-se a ponto de o orçamento nacional, no primeiro trimestre de 1964 — que foi felizmente o último do govêrno Goulart — acusar os seguintes algarismos: receita, 1,5 trilhões de cruzeiros; despesa, 3,5 trilhões. Isto significa o mesmo que um empresário ter uma receita, em sua emprêsa, de 1.500 contos e gastar 3.500 contos. Um empresário nessas condições acabaria na falência e era para a falência que caminhávamos. A inflação é a maneira mais simples e mais irresponsável que os maus administradores usam para cobrir o que gastam acima da receita. Estamos pagando as contas que nos foram deixadas pelas administrações anteriores. Todo o povo brasileiro está pagando essas contas, quando paga preços ainda inflacionários. Em 1964, conseguimos reduzir o ritmo da inflação dos 144% que seriam atingidos para 80% e, em 1965, para 45%. Esperamos que em 1966 seja possível eliminar a inflação e passarmos a ter novamente um cruzeiro estável, como há 20 anos. Conjugando os dois fatôres, isto é, o aumento da produção e o estancamento da inflação, teremos, lógica e naturalmente, preços estáveis.



Guilherme Borghoff
Superintendente da Sunab

NÃO

A atual política econômico-financeira não vai conseguir conter o custo de vida. E a sua manutenção apenas servirá para agravar ainda mais as condições de vida do povo brasileiro. Uma política de asfixia da indústria nacional — como a que vem sendo executada pelos ministros Roberto Campos e Gouveia de Bulhões — não pode nos levar a uma economia de abundância e à conseqüente estabilização dos preços. As próprias estatísticas oficiais provam o completo fracasso dessa política. Enquanto índices pré-fabricados insistem que nos dois últimos anos o aumento de preços é pouco superior a 100%, cálculos do Banco Central mostram que, de dezembro de 1963 a janeiro de 1966, a cotação do dolar no câmbio livre se elevou de 150%; os preços no comércio atacadista cresceram de 242%; o custo de vida na Guanabara subiu de 275%; o custo da construção civil de 262%. As emissões de papel-moeda são incontestáveis: o govêrno revolucionário emitiu mais que todos os anteriores govêrnos republicanos. E a alta do custo de vida nos dois anos de revolução resultou diretamente do aumento de 224% dos meios de pagamento. Segundo apurou o Banco Central, o papel-moeda em poder do público aumentou de 253%, no mesmo período. O atual govêrno é o campeão absoluto da inflação. Além de emitir, o govêrno revolucionário colocou em circulação 269,1 bilhões de cruzeiros em **obrigações reajustáveis,** que, por fôrça das correções monetárias, expressarão valor bem mais elevado do que êsses. Tais títulos foram emitidos como se a inflação tivesse sido contida. Entretanto, com o processo inflacionário em pleno vigor — segundo os dados do próprio Banco Central — as obrigações reajustáveis poderão, a curto prazo, liqüidar o Erário Federal. Por outro lado, as autoridades monetárias, através do Banco do Brasil, emprestaram ao Tesouro Nacional 1 trilhão e 244 bilhões, em 1964, e 4 trilhões e 88 bilhões, em 1965, e as autarquias federais receberam 37 bilhões e 332 bilhões, respectivamente. Aqui, os aumentos percentuais foram de 220 e 786%. Nesse mesmo período — em que o govêrno foi tão benigno consigo mesmo — as autoridades monetárias, por intermédio do Banco do Brasil, concederam empréstimos ao comércio, às atividades rurais e às industriais, numa porcentagem, bem reduzida, de 107, 148 e 39%. Não fôsse a rêde bancária particular, que nesses dois anos aumentou de 216% os seus empréstimos aos setores privados, e a atual crise de crédito seria ainda bem mais grave. Quanto aos sacrifícios que essa política impõe aos produtores nacionais, bastaria mencionar que os gaúchos perderam a sua safra de uva dêste ano, no valor de 150 bilhões de cruzeiros. Finalmente, o empresário nacional está hoje nas mãos dos agiotas, pagando de 80 a até mais de 200% de juros ao ano. Não admito, portanto, a possibilidade de que o custo de vida venha a ser contido com a atual política econômico-financeira.

César Prieto
Deputado Federal

Resposta à carta da leitora N. Moreira — São Paulo — SP

Homens que vencem em tôda a linha usam

pervinc-7o

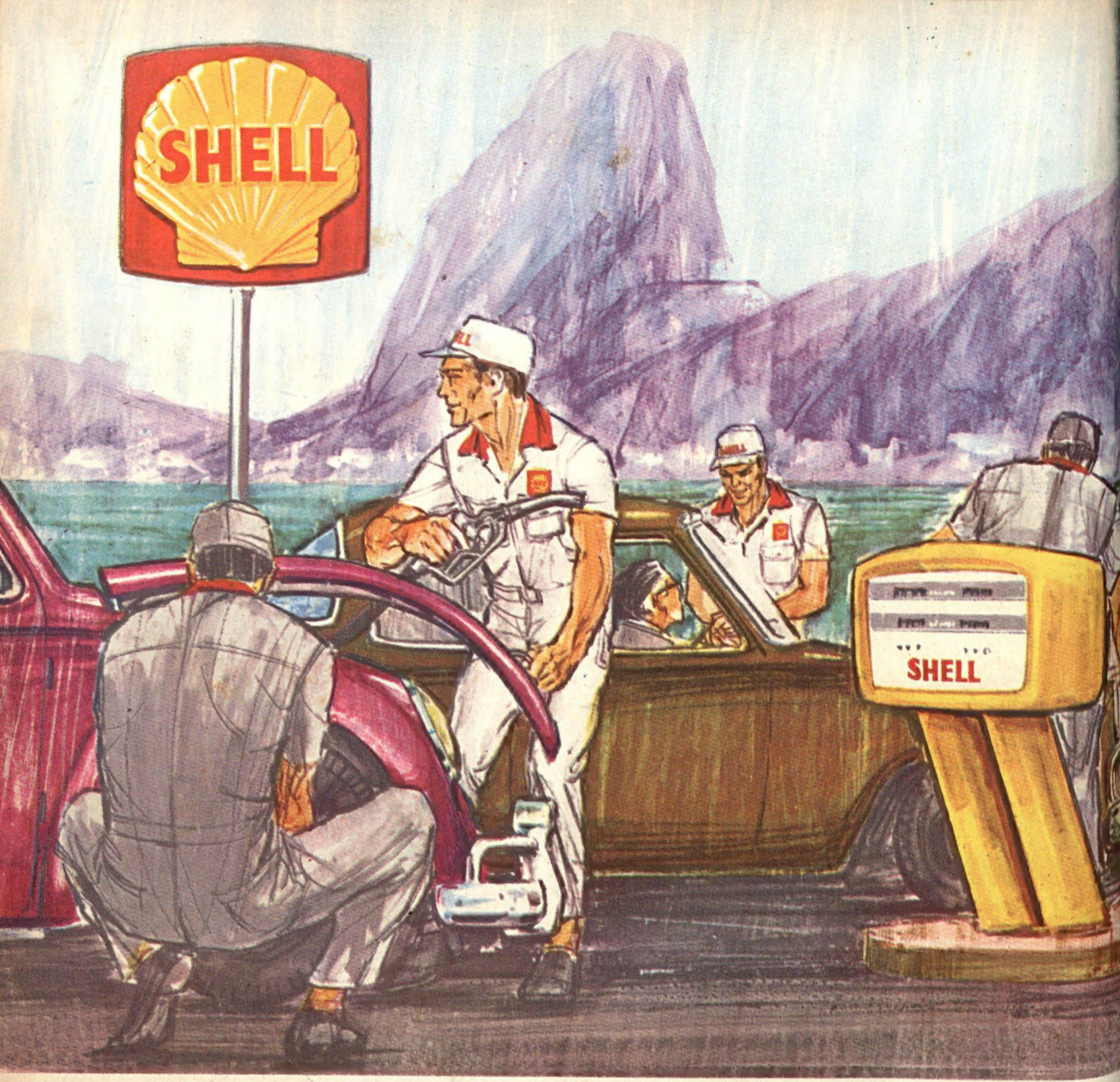
VINCO PERMANENTE — LEVE — AGRADÁVEL DE VESTIR — AREJADO

Quem sabe o que quer escolhe um tecido de características únicas: climático, de caimento impecável, de côres e padrões atualizados.

TERGAL® LÃ

SANTISTA

na confecção ou a metro, exija a marca na ourela



7 postos no atêrro!

Sim. Sete Postos no que era antes o atêrro - hoje transformado no Parque do Flamengo, no Rio. Tudo começou com uma concorrência pública. A Shell entrou - e ganhou. O resultado aí está: sete Postos de gasolina, inclusive um Pôsto marítimo. Todos para lhe prestar um serviço como você nunca viu antes. Dois homens para atender a cada carro. Um perfeito e entrosado serviço de equipe. São Postos moderníssimos, com uma aparelhagem única no Brasil. E, além disso, são Postos que acompanham tôda aquela beleza do nôvo Rio. Você pode confiar na Shell. Pare nos Postos Shell e verifique que neles há...

ALGO MAIS QUE SHELL LHE DÁ